Indice.

A' SAUDOSA MEMORIA DE MEU PAI, A' MINHA CARINHOSA MÃE, E MANAS, E COM TODA A PARTICULARIDADE A' MEU MANO O CAPITÃO JOSÉ MARINHO DE AZEVEDO.

A' aquelles em comprimento de hum dever e amor filial, e á estes em sinal da maior estima e fraternidade.

A' MEU CUNHADO O CAPITÃO FRANCISCO RODRIGUES DE CARVALHO: *como penhor de minha consideração e reconhecimento.*

AO ILLM. SR. JOAQUIM JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR:
mesquinho, mas merecido tributo, que lhe rende minha cordial e eterna amizade.

A' MEU MANO JOSÉ MARINHO DE AZEVEDO.

MANO E AMIGO!

Dedicando-vos o primeiro trabalho de meus estudos, alem de cumprir hum dever, obedeço ás leis da gratidaõ. Outro deveria ser o meu procedimento? naõ certamente. Em huma idade, onde naõ se tem ainda nem previdencia do futuro, nem experiencia do passado, nem moderaçaõ para dirigir o presente, perdi a existencia de hum pai amante. Que se calcule quanto esta perda he sensivel, quanto irreparavel! Restou-me, he verdade, huma mâe sobremaneira extremosa; mas o bello sexo não he feito para comprehender, e muito menos para dirigir os trabalhos do Lycêo, ou do Portico. Quem dirigiria na verdura de meus primeiros annos meus passos vacillantes? Quem dar-me-hia o fio de Ariadne, para que neste dédalo inextricavel de vicissitudes, que soffre a vida humana, eu seguisse huma carreira mais feliz? A Providencia, dando-vos a existencia, quiz que hum dia supprisseis a falta d'aquelle, que a injusta Parca me roubou. Assim vossos esforços, e os de huma mâe carinhosa, dando-me huma educaçaõ litteraria, habilitârão-me para hum dia ser util á vós, e aos meus concidadaõs, e seguindo a carreira das letras me julgo feliz. Ha por ventura motivos mais potentes para que vos seja agradecido? Se os votos de amor, reconhecimento, e gratidâo, rendidos publicamente tem algum valor para as almas, como a vossa, bem formadas, eu hoje vos rendo, e o faço com tanto mais boa vontade, quanto estou certo, que vós os aceitareis com aquella mesma disposição de coração, com que eu os offerto. Que mais vos offerecerei?

« Alem de hum coração mais nada tenho, »
« Mas dou-te hum coração constante e grato. »

Vosso Mano e amigo

D. M. de A. Americano.

PREFACIO.

Fazer, e sustentar huma these para se obter a formatura em medicina, eis a ultima condição, que nos empoem a lei. Sendo-me livre a escolha do objecto, preferi a phrenologia. Fiz bem? Se a mocidade brasileira tem o direito inauferivel de ser iniciada em toda e qualquer especie de sciencia, se para o aperfeiçoamento intellectual e moral dos individuos muito concorre o engrandecimento da esphera de seus conhecimentos, e a variedade de suas idéas, se o estudo da maior importancia, e que tem occupado os genios de todos os tempos e paizes, he o conhecimento do mesmo homem, e as estreitas relações que unem entre si sua parte physica e moral, se nenhuma outra sciencia melhor que a phrenologia pode conduzir-nos á estes resultados, claro fica, que não deixava de ser util huma these, que, concebida debaixo deste ponto de vista, começasse á divulgar entre nós os principios de huma sciéncia nova, e de tanta importancia e originalidade. Em tempo algum, como na epoca actual, se tem feito melhor sentir a necessidade de saber, e de variar os conhecimentos. A Deosa Minerva he hoje o unico idolo, que se adora, a unica Divindade, que se insensa; certo, depois da virtude a rasão diz, que o saber he a origem e a medida de toda a nobreza, e que o mais intelligente dos entes he tambem o mais nobre. Pelo que me toca, declaro alto e de bom som, que não reconheço e nem obedeço á outra aristocracia que a do talento, á outra nobreza que a da sciencia.

Se, como disse, o estudo da maior importancia he o conhecimento do homem, a phrenologia deve ser propagada, pois só ella explica a sua naturesa com toda perfeição possivel; perfeição que não tem podido obter todos os systemas philosophicos concebidos desde a origem dos tempos até a epoca actual. Se a franqueza he huma virtude, he necessario que eu seja franco. Força he por tanto, que eu diga, que espóso em tudo e por tudo as idéas e os principios desta sciencia, e estou de tal maneira convencido de sua exactidão, que não duvido, imitando á Cicero, avançar huma exaggeração e dizer que prefiro errar com a phrenologia e não acertar com a philosophia; pois este illustre Romano tambem dizia, *eu prefiro errar com Platão, e não acertar com os de mais philosophos.* Todavia esta sciencia tem encontrado e ainda encontra incredulos e oppositores. He minha convicção, que entre nós ella não terá, ou se tiver, serão muito poucos os seus inimigos. Paiz algum offerece huma mocidade mais docil, mais anciosa por saber, e mais propria para abraçar e propagar toda e qualquer sciencia como o Brasil. Releve-se-me esta explosão de orgulho patrio, pois ella he justa e bem fundada.

A os brasileiros só faltão meios, mas não intelligencia, e debaixo deste ultimo ponto nada tem elles que invejar á culta Europa. Entre nós não existem esses prejuizos, que fazem olhar como verdadeiros os systemas antigos só porque são taes, e movem guerra ás innovações, bem que necessarias; e quando existissem eu nunca suffocaria a vóz de minha consciencia, e nem tão pouco assassinaria os dictames de minha razão para fazer a corte ás opiniões dominantes. Nada revela melhor a indignidade de qualquer pessoa como o despreso de seus sentimentos só por motivos de considerações subalternas, principalmente em hum medico, que he considerado como o unico e verdadeiro interprete da naturesa. Se á este ultimo

compete o tomar conhecimeeto da organisação, e se desta depende a intelligencia, certo, os ideologistas tem invadido terrenos, que lhes não pertencem. O philosopho, que não for medico, he incapaz para estudar o homem, e deve ser expulso deste dominio como invasor de alheias propriedades.

Em conclusão tendo mostrado a importancia da phrenologia julgo ter dito bastante para recommendar sua cultura.

Existe presentemente no Rio de Janeiro hum homem capaz de dar impulso á qualquer sciencia mesmo a mais difficil. A huma intelligencia penetrante, e que sabe tirar partido ainda dos factos mais insignificantes, elle reune em si todas as qualidades indispensaveis á hum bom observador. A paciencia nos trabalhos, a assiduidade nos estudos, hum amor dicidido para ás sciencias naturaes, a severidade em suas deducções, nunca precipitando consequencias com dados infieis ou pouco fortes, existem neste cidadão em gráo eminente. Livre de prejuizos, elle está sempre disposto á abraçar a verdade, seja qual for a sua origem, seja qual for o caracter, de que ella se revista. Eu fallo do Sr. Dr. *Manoel do Valladão Pimentel,* Lente de Clinica medica, e digno presidente desta these. O que acabo de dizer deste medico distincto não he lisonja, mas sim hum tributo, que rendo ao merito. Não tenho motivos e nem preciso lisongear o amorproprio d'alguem. Era necessario, que eu fosse distituido de dignidade e elevação de sentimentos, qualidades estas, que prèso possuir em hum gráo subido, para lançar mão de huma arma, que julgo despresivel. Aphrenologia por tanto tem tudo áesperar do Sr. Dr. Valladão, e como elle foi hum dos primeiros, que abraçárão seus principios, constituio-se por isso mesmo no rigoroso dever de faze-la progredir. Eu assim o espero.

Esta these terá não pequenos deffeitos e imperfeições. Quem o duvida? A magnitude e a importancia da materia comparadas com a fraqueza de minha intelligencia e a exiguidade do tempo, que tive para entregar-me á seu estudo detalhado explicão este facto. Todavia fiz o que pude: outros que toquem á perfeição.

Quod potui feci, faciant meliora potentes·

PRIMEIRA PARTE.

ANALYSE PHILOSOPHICA.

CONSIDERAÇÕES GERAES.

A phrenologia he a sciencia, que trata das faculdades intellectuaes e moraes do homem, e dos orgãos, que servem para seu exercicio, e manifestação. Começando por definir, satisfaço huma das primeiras curiosidades do espirito humano; a desaber, qual a natureza, utilidade, e fim da sciencia que estuda.

Se o homem he o resultado de dous principios, *physico*, e *moral*; se de hum para outro ha numerosas, e reciprocas influencias, se os actos, cujo todo constitue sua intelligencia, e moralidade, são dimanados de sua actividade simultanea; se o simples facto de sua juncção he razão bastante para concluir sua mutua dependencia, e attrahir nossas indagações, que sciencia mais que a phrenologia poderá offerecer maior somma de utilidades? Seu estudo he de igual importancia para o medico, e o moralista. Conhecendo a poderosa influencia, que as paixões humanas exercem sobre os desarranjos da organisação, e a producção das enfermidades, o medico escolherá, e graduará os remedios segundo a naturesa e intensidade das causas.

E remontando ás origens mais obscuras, de que dimanão as operações da intelligencia, e as determinações da vontade, convencido, que as leis moraes são inherentes, e recebem modificações do organismo, o moralista, estudando huma e outra cousa, deduzirá preceitos, que, regularisando nossas acções, nos alcancem a felicidade.

Desgraçadamente o homem nunca foi estudado debaixo deste duplo ponto de vista. Nunca seus dous principios constituitivos forão regularmente analysados em suas relações de dependencia. Sem duvida, hum dos maiores obstaculos, que se tem opposto ao conhecimento da natureza humana, he de a ter isolado do estudo dos outros seres organisados, e de querer subtrahi-la ás leis, que os governão. Este erro foi practicado pela quasi totalidade dos philosophos. Em seus systemas, em suas theorias metaphysicas a alma era tudo, o corpo

nada. A exageração chegou á tal ponto que a existencia da materia foi á principio duvidada; e por ultimo negada por hum scepticismo, que não conhecia limites. A ignorancia, e o desprezo, em que erão tidas as sciencias naturaes, as disputas theologicas, as commoções intestinas promovidas, e fomentadas pelas seitas religiosas, o ascetismo, o extase pregados pelos ministros do culto como o *supra summum* da sabedoria, e perfeição chamando á si a attenção de todos os espiritos, e repudiando como offensivo á religião o estudo da parte organica do homem, o despotismo dos governos, a ausencia da liberdade do pensamento, a perseguição ás novas descobertas, a exigencia de huma obdiencia e crença cegas nas tradições antigas, tudo finalmente de mãos dadas concorria para que se não podesse bem determinar qual o verdadeiro caracter intellectual, e moral da especie humana. Se em huma, ou outra época alguem se erguia para advogar a existencia, e os direitos da materia organisada: materialismo! impiedade! gritava-se logo; e o miseravel imprudente que assim pensava, coberto de anathemas, sepultado em prisões, ou victima das fogueiras da inquisição, pagava bem caro o seu arrojo. Como desta maneira esperar progressos para a sciencia! Felismente o Brasil vive sob os auspicios da liberdade. He livre a publicação do pensamento, e das convicções individuaes, e a mocidade brasileira ávida de conhecimentos, e bastante illustrada repellirá com indignação, e desprezo tudo que se opposer ao desenvolvimento da razão, e aos progressos da sciencia. Sim: eu não me animaria a tomar a palavra a favor da phrenologia, se a época actual fosse a dos Torquemadas, onde o pensar livre era hum crime, o saber hum prejuizo.

Voltando ao nosso ponto, força he confessar, que o estudo das faculdades do homem exigia huma nova direcção· Era necessario hum systema, que considerando nossos actos intellectuaes, e moraes como hum producto, cujos factores são o organismo, e a substancia intelligente, determinasse a esphera de actividade, as funcções, e a extensão da influencia de cada hum. Os trabalhos infructuosos de tantos seculos, as disputas interminaveis dos metaphysicos, que, despresando a influencia do corpo humano, pairavão nas regiões estereis, e elevadas da especulação, a multiplicidade prodigioza de systemas feitos para marcar o numero, e determinar a naturesa das faculdades d'alma, nunca satisfasendo em suas explicações, e quasi sempre desmentidos pela practica das acções humanas, continuamente reformados, e substituidos por outros igualmente falliveis, demonstravão esta necessidade. Quem seria o genio reformador? A natureza dando a existencia ao Doutor Gall reservava-lhe igualmente esta gloria.

Vendo a esterilidade, e a má direcção das indagações philosophicas, Gall disse: Se o homem he composto de alma, e corpo, todo o systema sobre o entendimento humano, á não querer fundar-se em hypotheses inexplicaveis, e compostas de cousas contraditorias, deve, para ser verdadeiro, abranger ao mesmo tempo estes dous elementos em si e suas relações.

Sendo a alma huma substancia espiritual, inaccessivel aos nossos sentidos, e por conseguinte fora da esphera das observações directas, claro fica que a manifestação de suas faculdades não se effectuando se não por meio da organisação, esta deve ser a mais importante base de huma philosophia racional. E se a organisação he a condição indispensavel para a effectividadê da intelligencia, se o estudo material, e funccional de suas partes he da alçada da anatomia, e physiologia, estas duas sciencias devem igualmente entrar nos calculos do philosopho, e do moralista. Se isto he innegavel, o homem deve ser estudado como os de mais seres organisados, e por conseguinte submettido aos mesmos processos, ás mesmas analyses, que emprega o anatomista, o chimico, e o botanista na pesquiza das propriedades, e funcções da materia. He necessario portanto estuda-lo, não no gabinete como fazem os metaphysicos, mas sim no theatro do natureza. He necessario ve-lo nascer, crscer, florecer, decair, e morrer; observar, e notar a causa da diversidade de seus talentos, e inclinações; analysar os phenomenos variados, e successivos, que precedem, acompanhão, ou seguem os diversos periodos de sua exis-

tencia; examinar a influencia que os modificantes exteriores, taes como alimentação, clima, educação, instituições civis, e religiosas, fortuna, desgraça, e as diversas profissões exercem sobre o desenvolvimento de suas faculdades; observar, e comparar finalmente as alteráções produzidas em suas funcções intellectuaes, e moraes pelo estado de saude ou de enfermidade. He somente com os factos fornecidos por estes dados, que se poderá bem determinar o numero, e a natureza das nossas faculdades, e o verdadeiro caracter da especie humana. Eis a empresa, á que se propoz, e effectuou o Douctor Gall. A' dar huma curta idéa de sua doutrina he o, que me proponho na presente these.

Mas como o estudo das faculdades do homem tem sido a partilha exclusiva dos philosophos antes da existencia da phrenologia, convém primeiro dizer quaes tem sido suas opiniões sobre esta materia, e se ellas resolvem o problema da determinação das faculdades fundamentaes, e primitivas do homem, e qual o seu numero, e natureza; o que fará objecto desta primeira parte.

OPINIÕES PHILOSOPHICAS.

Na infancia da sciencia, quando a physiologia, e anatomia por seu atrazo não podião ainda bem dirigir as observações, o moral humano era julgado pelas impressões, que os objectos exteriores exercem sobre nós, e pelas determinações da vontade para adquirir ou evitar a posse desses objectos segundo sua boa ou má natureza. Em consequencia todas as faculdades redusião-se á duas, *entendimento*, e *vontade*. O entendimento era a faculdade, ou capacidade de receber, reconhecer, raciocinar, combinar, e julgar as idéas; e a vontade, a faculdade ou capacidade de ser agradavel, ou desagradavelmente affectada, de desejar, querer, e obrar em consequencia. Mas como suas operações, ou pela simplicidade, ou pela rapidez, com que erão executadas, parecião não ter relação alguma com a materia, cuja inactividade, peso, e resistencia ao movimento, julgava-se ser o caracter fundamental, admittio-se hum ente eminentemente activo, intelligente, existindo por si só, cuja presença diffundisse a vida e actividade sobre todas as partes do corpo, e cuja separação as abandonasse á morte e á destruição. Este ente foi chamado *alma;* e satisfez de tal maneira as pretenções dos philosophos, que todas as operações da vida lhe erão attribuidas independentemente da organisação. Assim elle tornou-se a causa efficiente da organisação mesma, do movimento, das secressões, excressões, dos accidentes da cura, ou da enfermidade, o conservador da saude, etc. etc., finalmente hum soberano, que assentado nos ventriculos, no corpo calloso, na glandula pineal, ou em outro lugar imaginado pelos philosophos, dicta, e não recebe leis da organisação, de que era absolutamente independente. Esta doutrina dominou com algumas excepções todos os philosophos desde Aristoteles até o seculo 17.

Com tudo, mostrando a experiencia á alguns philosophos, que havia huma certa ligação entre a intelligencia e os orgãos; pois que, faltando, ou sendo imperfeito hum sentido, faltava ou era imperfeita huma certa serie de idéas, foi admittida a intervenção dos sentidos como correios, ministros, de que a alma se servia, para tomar conhecimento unicamente dos objectos materiaes. Da mesma maneira mostrando a experiencia, que só duas faculdades não bastavão para explicar todos os phenomenos da intelligencia, e da vontade, foi a alma considerada como possuindo hum maior ou menor numero de faculdades segundo as theorias de cada philosopho. Não sendo compativel com huma these longo desenvolvimento, eu só exporei a opinião d'aquelles que me parecerem mais conspicuos.

Pithagoras distinguio duas ordens de faculdades; *sensiveis*, e *intellectuaes*. As primeiras presidem ás sensações, e as segundas combinão as idéas. Admittio duas almas distinctas, *sensitiva*, e *intellectual*, presidindo cada huma á huma ordem de faculdades; subordinando todavia a sensitiva á intellectual.

Heraclito admittia huma só faculdade, o *entendimento*, ou *razão commum*. Só esta julgava com acerto, e podia conhecer a verdade, em quanto que os sentidos erão falliveis.

Protagoras, e Critias redusião as faculdades d'alma a huma unica, a de *sentir*, ou a *sensibilidade*, e fasião consistir toda a sciencia na sensação,

Segundo Leucippo, e Democrito a alma he material, composta de átomos de fogo, e tem duas faculdades, a *força motriz*, e o *pensamento*.

Platão, e seus successores admittião tres almas, *vegetativa*, *animal*, e *racional*. Esta ultima tinha duas faculdades, a *sensibilidade*, e o *pensamento*.

Este dividia-se em duas outras, o *entendimento*, e a *razão*.

Aristoteles considerava a alma dotada de faculdades communs com os animaes, e de outras, que lhe erão exclusivas. As primeiras erão: a *sensibilidade*, a *faculdade appetitiva*, e a *força motriz*; e as segundas, o *entendimento agente*, o *paciente*, o *especulativo*, e o *practico*.

Zeno, o stoico, reconhecia oito faculdades; os *cinco sentidos*, a *faculdade geradôra*, a *lingoagem*, o *entendimento*, o qual se exerce, segundo elle, de cinco maneiras, pelos desejos, approvação, as idéas, a imaginação, e a sensação.

Santo Agostinho destribuia em sete ordens as faculdades d'alma; a 1.ª contém aquellas, que animão, e conservão o corpo; a 2.ª a sensação, e a geração; a 3.ª a memoria, e a invenção, applicada ás artes e sciencias; na 4.ª a alma reina sobre o corpo pela sabedoria; na 5.ª obra, e vela sobre si mesma para conservar sua pàz e pureza interiores; na 6.ª tende á contemplação intellectual; e na 7.ª communica directamente com a Divindade, donde tira os mais sublimes conhecimentos.

Bacon distinguia duas almas, *sensitiva*, e *racional*. A sensitiva tinha por faculdades, a *força motriz*, e a *sensibilidade*, e a racional, a *memoria*, o *appetite*, a *vontade*, a *imaginação*, a *razão*, o *entendimento* e o *raciocinio*.

Loke admitte duas origens de idéas, os *sentidos* e a *reflexão*, ou a faculdade de elaborar e combinar as impressões, que nos transmittem os sentidos para formar idéas. Em sua opinião a alma he dotada de dez faculdades, que são; a *sensibilidade*, a *percepção*, a *attenção*, a *reflexão*, a *memoria*, a *contemplação*, a *reminiscencia* e a *razão*, que se divide em tres outras; a faculdade de inventar, ou a *sagacidade*, a faculdade de deduzir, ou o *raciocinio* e a faculdade de apreciar as relações, ou o *juizo*.

No systema de Condillac, contando a sensação, vem haver sete faculdades, que na ordem de seu desenvolvimento, são; a *sensação*, *attenção*, *comparação*, *juizo*, *reflexão*, *imaginação* e o *raciocinio*. Segundo este philosopho todas as operações d'alma, todas as idéas intellectuaes e moraes, e todos os nossos conhecimentos não são outra cousa mais do que as sensações transformadas.

Descartes admitte quatro; a *vontade*, o *entendimento*, a *imaginação* e a *sensibilidade*. Este philosopho foi qnem primeiro deu huma definição plausivel da personalidade fundada no sentimento do *eu*, que tanta celebridade tem tido na philosophia moderna. Querendo reformar a philosophia de seu tempo, cujos principios julgava falliveis e falsos, começou pondo tudo em duvida, exçepto sua existencia pessoal garantida pelo sentimento de si mesmo, o *eu*. Este *eu activo*, ou recebia as impressões que lhe transmittião os sentidos ou elaborava as impressões já recebidas. ou tomava conhecimento de suas disposições interiores; donde a origem de tres especies de idéas, *adventicias*, *facticias* e *innatas*.

Mallebranche admitte duas faculdades, o *entendimento* e a *vontade*. Compara o entendimento com a capacidade que tem os corpos de receber differentes figuras; e a vontade com a capacidade de receber differentes direcções e movimentos; fazendo consistir a actividade d'alma na liberdade, que, segundo elle, he o poder que temos de dirigir a vontade para o bem universal, a Divindade.

Tracy reconhece primeiro huma faculdade fundamental, o *pensamento*, que em sua opinião he o mesmo que sentir, e sentir o mesmo que existir. Esta faculdade, ou sente

actualmente as impressões, ou recorda-se das passadas, ou percebe relações entre os objectos presentes, ou suas lembranças quando passados, e ausentes, ou sente em fim desejos por occasião destas relaçoes. Assim o pensamento divide-se em quatro faculdades, a *sensibilidade*, a *memoria*, o *juizo*, e a *vontade*.

Laromiguiere admitte primeiro dous attributos fundamentaes, a *sensibilidade*, ou a capacidade de receber impressoes e modificaçoes tanto exteriores como interiores; e *actividade*, ou este poder que tem nossa alma de elaborar, trabalhar as impressões para formar idéas.

Esta actividade, ou se applica á adquirir conhecimentos ou a dirigir nossas acções. Para o primeiro caso tem tres faculdades, *attenção*, *comparação* e *raciocinio*; e para o segundo outras tres, *desejo*, *preferencia* e *liberdade*. As tres primeiras formão o entendimento, e as tres ultimas a vontade.

Segismundo Storchenau admitte huma faculdade fundamental, a de conhecer, ou como lhe chama, a *faculdade cognoscitiva*. Esta se exerce de tres maneiras, percebendo julgando e raciocinando.

Azias, no seu tratado das compensações nos destinos humanos, admitte cinco faculdades; a *memoria*, o *juiso*, a *imaginação*, a *vontade* e a *liberdade*.

Seria hum nunca acabar se fossemos a narrar as opiniões de todos os philosophos. O expendido basta para o meu fim, e por elle pode o leitor julgar de tudo mais, que ommitto das opiniões philosophicas.

REFLEXÕES.

Conhecer, e determinar o numero, e naturesa das faculdades intellectuaes e affectivas do homem, eis o grande fim, á que se tem proposto exclusivamente os philosophos de todos os tempos, e ultimamente os phrenologistas. Todos os individuos, que compoem a especie humana, são dotados dos mesmos germes de faculdades, talentos, disposiçoes, inclinações, aptidoes etc. etc. Porém todos estes germes não estão igualmente desenvolvidos em todos elles, ou seja isto proveniente da organisação primitiva do homem, ou o resultado da educação e circunstancias exteriores, ou o producto de huma e outra cousa combinadas.

O grupo de todas estas qualidades reunidas constitue o caracter da especie, assim como a diversidade no numero, energia e desenvolvimento de cada huma dellas, constitue o caracter proprio, o *sui generis*, dos individuos.

Da mesma maneira que todo effeito suppoem huma causa efficiente, todo acto, toda acção humana suppoem, e demonstra a existencia de huma causa, de huma força, de huma potencia em fim, que dê a rasão de sua existencia. Ora como os actos da humanidade são muito diversos, oppostos, e não apparecem na mesma época da vida, elles não podem dimanar de hum só principio, de huma só causa. He necessario por conseguinte differentes principios, differentes causas, que expliquem a diversidade das nossas acçoens; e são estas causas, estas forças, estes principios differentes, o que se chama, as faculdades do homem. Já vimos qual tem sido o pensar dos philosophos á respeito do numero e naturesa das nossas faculdades. Depois de tantos seculos decorridos não ha dous philosophos unanimes; e este desacordo bem prova a fallibilidade de seus principios, e a direcção tortuosa de seus estudos. A phrenologia não admitte como faculdades fundamentaes e primitivas do homem se não seus talentos, aptidoens, e propensoens determinadas. Deste numero são, por exemplo, a força, que nos arrasta á propagação, a que nos obriga á amar nossos filhos, o talento para a pintura, a musica, a poesia, a eloquencia; o sentimento de associação; a coragem, a firmeza de caracter; o talento para as sciencias mathematicas; o amor proprio; o sentimento de amisade; a circunspecção, o sentimento de adoração; em fim outras muitas faculdades das quaes

trataremos especialmente na 3.ª parte desta these. Eis as unicas faculdades, que a phrenologia reconhece como fundamentaes, e primitivas; e só ellas podem determinar o caracter intellectual, e moral da especie humana, e dos individuos em particular. A phrenologia admitte as faculdades philosophicas, não como fundamentaes e primitivas, mas sim como qualidades geraes, attributos communs, differentes modos de acção d'aquellas faculdades, que ella reconhece como fundamentaes, e das quaes já demos alguns exemplos. Não ha homem algum, á não estar collocado no ultimo gráo de imbecillidade, que não possua, e exerça com perfeição, a memoria, attenção, a comparação, o juizo, a imaginação, a reflexão e o raciocinio sobre aquelles objectos, que são da alçada de sua profissão, como o musico, o pintor, o mecanico á respeito de suas artes. Da mesma maneira não ha alguem, que não deseje a fruição dos praseres da vida, e que tendo muitos á escolher não prefira huns á outros com toda liberdade, e se determine em consequencia.

Estas qualidades são communs á todas as faculdades, e não servem para dar a conhecer alguma em particular. Como se poderá pela attenção, comparação, memoria, dezejo, preferencia, e liberdade, explicar a origem do instincto da propagação, do amor dos filhos, do talento differente que cada hum tem para a musica, a pintura, a poesia, ou as mathematicas? a rasão por que huns tendo a cabeça recheada de casos e acontecimentos, não são todavia capazes de conservar as datas e épocas, em que tiverão lugar e *vice versa*? por que huns são corajosos á pesar dos maiores perigos, em quanto outros fogem ao aspecto do mais insignificante espantalho? por que huns são orgulhosos, fraudulentos, egoistas, avàros, em quanto outros são affaveis, sinceros, beneficentes e liberaes? por que aquelles que mostrão grande talento para a guerra, são muitas vezes miseraveis legisladores, e mais que inhabeis administradores? por que de hum para outro sexo ha huma differença tão assignalada, e por maior que seja o talento femenil, e sua educação litteraria systematisada, nunca huma mulher pode chegar pelos esforços de sua rasão ás alturas de Newton, Broussais, Hippocratis, Voltaire, e se alguma apparece, como Madama Stael he hum phenonemo raro na historia?

Apparent rari nantes in gurgite vasto.

Certamente pelas faculdades philosophicas não se pode explicar estas differenças individuaes, e entretanto são estas differenças de talento e inclinações, que convem saber, e que só podem determinar o caracter intellectual, e moral de cada homem em particular. A phrenologia invoca á favor de sua opinião o senso commum do povo, dos mestres de escola, e o testemunho da historia. No trato ordinario dos homens, no centro das familias, nas aulas de educação, os individuos são distinguidos por qualidades determinadas. Hum he notado como tendo grande habilidade para a musica; outro para a pintura, e outro para as artes mecanicas, ou estudo das lingoas; hum por sua grande memoria para a geographia, a historia, ao mesmo tempo que manifesta grande incapacidade para tudo, que exige longos calculos, e profundas combinações; outro por hum grande talento e penetração para as sciencias mathematicas, e abstractas, contrastando com huma inhabilidade pronunciada para as bellas artes; hum por seu orgulho, maldade, avaresa e espirito turbulento; outro por sua affabilidade, bondade, generosidade, e espirito quieto e pacifico; este em fim por sua fidelidade e caracter sincero, e amante da verdade, aquelle outro por hum espirito trahidor, falsario e mentiroso.

Consultando a historia ella nos diz, que Newton fora grande nas sciencias mathematicas, Descartes em philosophia, Rossini na muzica, S. Vicente de Paula na beficencia, Camõens, Filinto Elysio na poesia; Cicero, Demosthenes na eloquencia; Nero na maldade; Alexandre, Cesar, Napoleão na arte militar; o capitão Cook na geographia; Boiassi d'Anglas na firmeza de caracter; Praxiteles na esculutura; Talleyrand na dis-

simulação etc. etc. Assim tanto o pensar do povo, dos pais de familia, dos mestres de escola, como o testemunho da historia distinguem e assinálão os homens por talentos, faculdades determinadas, e não pela attençao, comparação, memoria, reflexão, desejo, preferencia e liberdade, que não são outra cousa mais do que attributos communs, modos geraes de exercicio, que, convindo á todas as faculdades fundamentaes, e só servindo para classifica-las e mostrar o que ellas tem de commum entre si, não podem dar á conhecer alguma em particular. O physico, o chimico limitando-se as propriedades geraes dos corpos, taes como, o peso, o volume, a divisibilidade, a compressibilidade, a elasticidade, a côr, a resistencia, a solidez, a fluidez; conhecendo mesmo certas qualidades dos metaes, de certa classe de ácidos; não conhece ainda o ouro, o cobre, a pedra calcária, a platina, a agoa, o carbonato de cal, o sulfato de ferro, de cobre etc. etc. Em historia natural não basta dizer, que se possue huma pedra, hum animal, huma planta, hum metal, huma arvore fructifera, ou huma ave: he necessario determinar a especie, e depois sua individualidade pelos caracteres proprios e exclusivos; e mais variedades ha nos individuos de huma mesma especie, mais seus caracteres devem ser distinguidos e assinalados. Assim os naturalistas não se contentão sómente com as propriedades geraes da materia; elles observão, e analysão todas as qualidades particulares e exclusivas, como unicas capazes de determinar a naturesa peculiar dos objectos. O anatomista no estudo physico do homem, antes da extrahir a somma das propriedades communs aos orgãos e suas funcçoens, analysa primeiro todos os systemas, todos os apparelhos do mais simples até o mais composto, e todas as funcçoens da mais simples até a mais complicada. Se elle quer tratar de hum aparelho, de huma funcção determinada, como do aparelho muscular, da secressão urinaria, por exemplo, vai directamente á suas propriedades, á seus caracteres exclusivos. Assim em quanto os naturalistas fazem preceder a analyse á syntese no estudo dos entes materiaes; os philosophos seguem o systema inverso empregando sómente a syntese; e eis a rasão por que as sciencias naturaes tem tido hum progresso espantoso, ao passo que as sciencias philosophicas tem estado na rasão inversa dos esforsos feitos, das obras publicadas em todos os tempos para seu adiantamento.

O mesmo erro commetterão os moralistas no estudo moral das acçoens humanas. Fallando constantemente de virtude, crime, acçoens boas e más, affecçoens, paixoens e suas consequencias, dezejos, vontades bem ou mal dirigidas, nunca se lembrárão de detalhar as causas, as forças primitivas, que produzem a differença, opposição e diversidade de nossos actos, e se o querião fazer, recorrião sempre a admissão de hum só principio, de hum só movel, que para huns era hum sentido moral e innato do justo, e do injusto, como Torombert o avança na introducção de sua obra feita para refutar o contracto social de Rousseau; e para outros, como os moralistas do 18.° seculo, era a mesma intelligencia do homem. Estes ultimos dizem que nossas acçoens boas ou más, virtudes, ou crimes, são o resultado do acerto ou desvario da intelligencia, e que para tornar os homens melhores basta cultivar-lhes a rasão.

Tanto huma como outra opinião são falsas; e he facil a prova. Por hum só movel não se pode explicar tantas acçoens diversas e oppostas do homem; e por que certas pessoas sendo virtuosas em hum sentido, são criminosas em outro? Homens ha, que sendo muito beneficentes para com os estranhos, pouco estimão, e muitas vezes maltratão seus filhos, e esposa, e *vice versa.* Huns não duvidão sacrificar sua fortuna, comprometter sua pessôa para conservar a amisade, em quanto outros alem de suas commodidades não conhecem outro idolo. Ora hum só movel, o *sentido moral*, não pode ser a causa de tantos actos contraditorios. Accresce mais que o menino practica muitos actos em huma idade, em que o sentido moral ainda não tem exercicio, o qual só toma vigor da puberdade por diante.

O mesmo se pode dizer á respeito da *intelligencia.* Esta não gosa da plenitude de suas funcçoens senão na idade adulta; e pode-se dizer, que antes desta época o homem

não tenha sentimentos, que não practique acçoens boas, e más? Alem disto he suppor, que se ama, ou se odeia, se procura, ou se evita a posse de certos objectos segundo a reflexao baseada sobre o conhecimento do mundo exterior, entretanto que o menino practica todos estes actos sem que a sua rasão esteja desenvolvida. A intelligencia pode refrêar, ou dar mais vigor ás inclinaçoens, e sentimentos, porem ella não os produz, e muitas vezes para vencer aquelles que são prejudiciaes ao estado social, lhe he necessario hum habito, huma força á toda prova. Quantas vezes a razao em vez de commandar obedece ao choque impulsivo de nossas affeiçoens? Quantas vezes conhecendo-se o melhor segue-se o peior impellido por huma força, por huma paixao irresistivel, a do amor, por exemplo?

Video meliora proboque, sed deteriora sequor.

Se a intelligencia fosse a unica origem de nossos actos e inclinaçoens, o homem que tivesse a rasao mais illustrada deveria ser o mais virtuoso; ora isto he o que nao acontece. Se folhearmos a historia, onde vem consignada a gloria, ou a vergonha dos homens celebres, veremos muitos d'entre elles bem sabios, e malvados ao mesmo tempo. A sabedoria, se dá ao homem mil recursos para a virtude, da-lhe outros tantos para a perversidade. De tudo isto resulta que os nossos actos, as nossas inclinaçoens essencialmente differentes deśde a mais instinctiva até a mais intellectual são dimanadas de outras tantas faculdades, de outras tantas forças determinadas. A terceira parte desta these melhor desenvolverá o que agora não faço senão esboçar.

Que diremos agora dos theologos? O estudo das faculdades humanas, trazendo comsigo a independencia do homem, o conhecimento de seus direitos, a legitimidade de suas prerogativas, a igualdade das condiçoens, destruindo o edificio do erro e da impostura, nao podia certamente progredir entre homens, que firmavão o seu imperio sobre a ignorancia, cegueira e credulidade dos povos. Crer, e obdecer cegamente, comer, ou jejuar, fazer a guerra, ou pregar a paz, ficar em casa, ou fazer perigrinaçoens, levar offerendas á Deos, ou cantar psalmos em sua gloria, supplicar em pé ou de joelhos, eis o que elles pregavão.

As novas descobertas, as verdades physicas, as sciencias naturaes, e seus authores erão perseguidos como prejudicando os dogmas religiosos, como se o erro, e nao a verdade, podesse melhor sustenta-los. Assim quasi todos os chefes religiosos tem declarado guerra ás sciencias. *Ou os livros que ornão a bibliotheca de Alexandria, contem as verdades do alcorão;* dizia Omar, *e então devem ser queimados por inuteis, pois tudo quanto ha de verdade existe no alcorão, ou não; e neste caso devem igualmente ser queimados por serem mentirosos.*» Como desta maneira esperar progressos para a sciencia!!

Cumpre porem notar que fallando deste modo nao he meu fim atacar a religiao, que seguimos; sua moral he santa, seus preceitos divinos e sagrados.

Eu os sigo e adoro de todo meu coração. He sempre necessario nestas questoens distinguir os homens das cousas.

Temos visto por esta succinta analyse que tanto os philosophos, como os moralistas estudando as qualidades geraes do espirito, e nao suas faculdades determinadas nao podiao jámais chegar á precisar, e conhecer o verdadeiro caracter intellectual e moral do homem. Cumpre agora antes de dar fim á estas reflexoens mencionar hum erro que todos elles tem commettido.

Persuadidos que a nossa alma era absolutamente independente do corpo, e que os animaes, puros autômatos, não possuião esta entidade, a maior parte dos philosophos, e moralistas julgavão degradante para estudar as faculdades do homem compara-lo com os animaes. Theodoro de Almeida, por exemplo, dá tratos á sua imaginação, torce e cita passagens da escritura santa, para provar á Eugenio que o sangue he a alma dos brutos,

e que todos os seus actos, e movimentos são produzidos pela ordenação, é coordenação automatica das partes constituintes do corpo postas em acção pela impressão dos objectos exteriores. Com effeito he necessario fechar os olhos á luz para senão ver que os animaes, e o homem são formados pela naturesa debaixo do mesmo plano. Não tem elles os cinco sentidos como nós? Veem, cheirão, gostão, ouvem, e são impressionados por ventura de huma maneira differente? Não estão sujeitos ás mesmas leis de nascimento, crescimento, decadencia e morte que a especie humana? Não se propagão, não amão seus filhos, não são susceptiveis de amor, odio, alegria, tristesa, inveja, ciume, colera, esperança; não sao dotados de coragem, ou pusilanimidade; não são doceis, ou altivos, fieis, ou trahidores; não mostrão em fim possuir muitas faculdades elevadas, taes como a circunspecçao, a reflexão, a sagacidade, a memoria etc. etc. da mesma maneira que o homem? Os verdadeiros detractores da especie humana são aquelles que julgão necessario negar a intelligencia aos animaes para manter a dignidade do homem.

Como o conhecimento de huma maquina suppoe o de todas as peças de que he composta; assim tambem o conhecimento do homem suppoe o dos elementos de que se forma. Tanto os animaes partilhão com o homem hum grande numero de faculdades, e de orgãos semelhantes e iguaes, que o naturalista mais abalisado ve-se em muitos embaraços para dicidir, onde a animalidade acaba, e onde a humanidade começa. Na segunda parte desta these mostraremos que o cerebro he o orgão e o fóco de todas as nossas faculdades intellectuaes, e moraes.

Partindo do homem o numero das partes constituintes do cerebro, e das faculdades vai gradativamente diminuindo até chegar aos animaes microscopicos, onde huma e outra cousa se reduzem á unidade. Ora não he visivel, que estudar o physico, e o moral dos animaes, he o mesmo que estudar o homem em suas decomposiçoens? e o estudo que começa por partes não he o unico capaz de avançar o conhecimento de suas faculdades? Como então pode ser degradante a comparação do homem com os animaes? *Se he perigoso*, diz Pascal *muito fazer ver ao homem quanto elle he igual aos animaes sem lhe mostrar sua grandesa, ou de lhe fazer muito ver sua grandesa sem sua baixesa, he ainda mais perigoso fazer-lhe ignorar huma e outra cousa.*

SEGUNDA PARTE.

BASES FUNDAMENTAES DA PHRENOLOGIA.

HISTORIA.

A phrenologia deve sua existencia ao Doutor Gall, Medico de Vienna.

Ainda joven, e dotado de talento observador Gall foi tocado da diversidade de talentos, gostos e inclinações, que observava entre seus irmãos, camaradas e mais companheiros da infancia. Huns se distinguiao por huma memoria feliz sem juizo, outros por hum juizo solido sem memoria, alguns tinhão aptidão para as mathematicas, ou para a historia, e nenhuma para o estudo das linguas, ou musica, estes nascião naturalmente poetas, e aquelles erão arrastados irresistivelmente para as artes mecanicas, que cultivavão com successo. Gall tinha huma memoria preguiçoza, e em materias de estudo, bem que se fizesse notavel pela originalidade de suas composições, era todavia excedido por aquelles de seus condiscipulos, que possuião esta faculdade em hum gráo eminente, e contra os quaes seus esforços erão baldados. Deixando as aulas primarias, e indo estudar na Universidade de Strasbourg lá encontrou collegas de memoria igualmente prodigiosa. Observou então que tanto estes como seus antigos companheiros tinhão os olhos salientes; observaçao que foi confirmada por todos aquelles que primavão em decorár paginas, citaçoes e paragraphos inteiros de authores, offerecendo todos a mesma conformaçao de olhos. Bem que o numero de factos por elle colhidos não bastasse para authorisar huma consequencia universal, não podia todavia crer que a coincidencia destes dous phenomenos fosse puramente accidental; e se a memoria tinha hum sinal sensivel exterior para manifestar sua energia, o mesmo deveria acontecer com as outras faculdades intellectuaes e moraes do homem. Desde então não havia homem algum notavel por qualquer titulo que fosse, cuja cabeça, podendo, não examinasse, e comparasse com a de outros, que debaixo do mesmo ponto de vista mostravão a maior imbecillidade, á ver se as elevações craneanas de huns correspondião com as depreções de outros, para assim melhor firmar o seu juizo. Com effeito encontrou

entre outros hum mendigante que lhe confessára ser o estado deploravel de mendicidade, á que se achava redusido, consequencia de hum orgulho excessivo, que manifestára desde seus mais tenros annos julgando-se superior a tudo e a todos, e nada querendo apprender que lhe garantisse hum dia a subsistencia. Examinando sua cabeça Gall achou muito saliente a summidade do craneo deste desgraçado, conformação esta, que já Lavater tinha notado como sinal de orgulho, e que nao se encontrava nos homens obedientes e submissos. Sempre persuadido que, se o craneo se modellava sobre o cerebro para dar hum sinal sensivel da memoria, deveria igualmente modellar-se para indicar as de mais faculdades, continuou infatigavel neste sentido suas indagaçoes, e de facto em facto, de observação em observação chegou á descobrir no craneo sinaes sensiveis dos talentos da pintura, musica, poesia etc. etc. quando pronunciados.

Todavia appresentou-se-lhe hum dia huma menina de huma memoria prodigiosa, bastando-lhe assistir huma só vez a qualquer concerto de musica para decorar e recitar exactamente quantas arias tinha ouvido. Esta menina de huma memoria infinita não tinha os olhos salientes fazendo assim falhar a sua primeira observação.

Convencido por este facto, que o poder de conservar as cousas deveria ser commum á todas as faculdades, estudou dahi por diante Gall a memoria ligada á talentos particulares e chegou assim a determinar memoria dos factos, das palavras, dos lugares etc.

Nesta epocha Gall ainda ignorava qual a opinião dos physiologistas sobre as funcções do cerebro, e dos methafisicos sobre as faculdades d'alma. Applicando-se á medecina, maravilhou-se de ver a divergencia, que existia entre os physiologistas, collocando huns, como Galeno, Haller etc., as faculdades intellectuaes, e a alma no cerebro como sua séde; outros no coração, como os Stoicos, e Aristoteles; nas meningeas, como Erasistrato; no corpo calôso, como Lancisi, e Lapeyronie, nos corpos estriàdos, como Willis; nos grandes ventriculos dos cerebro como Herophilo, etc. etc.; e concordando quasi todos em dar as visceras do baixo ventre como séde das faculdades affectivas. Impossivel era que esta divergencia lhe não fizesse duvidar da exactidão de taes observações.

Consultando os philosophos, huns dizião, que nossas faculdades erão o resultado dos sentidos exteriores; outros que nasciamos com talentos iguaes, e que a differença deveria ser attribuida á educação, ás circunstancias exteriores ou á huma e outra cousa combinadas; e opinando a maior parte delles, que a nossa alma exerce suas funcçoes independentemente da organisação.

Lembrando-se que seus irmãos, parentes, camaradas e mais companheiros da mocidade sugeitos á influencia dos mesmos agentes exteriores, e por conseguinte das mesmas impressoes e sensações, recebendo todos a mesma ou nenhuma educação, erão todavia differentes em seus talentos e inclinaçoes, não podia Gall abraçar a opinião dos philosophos á tal respeito, e muito menos aquella que consagrava a independencia entre a alma, e o corpo: por quanto nesta hypothese, para se explicar as differentes capacidades individuaes era necessario admittir tantas almas differentes, quanta he a diversidade dos talentos e aptidoes, opinião contraria á natureza de huma substancia espiritual por essencia impossivel de modificaçoes e differenças.

Ao contrario admittindo-se a organisação, e sendo ella tão diversificada como he, tudo se explica; pela mesma razão que nas artes a diversidade dos instrumentos diversifica os artefactos.

Desertou Gall por tanto das opiniões philosophicas, e physiologicas por contrarias á observação da natureza, e depois de ter colligido grande numero de factos, que firmar podessem sua doutrina, deu em 1800 huma lição publica de seu systema em Vienne, a qual, além de numerosos ouvintes, assistio hum homem de grande genio, J. G. Spurzheim, que, abraçando suas idéas, associou-se com elle em 1804 para ajuda-lo em seus trabalhos. Em 1805 partirão ambos a viajar, e fazer indagações sobre a anatomia, e physiologia comparadas do systema nervôso atê o anno de 1813 em que pozérão em commum todos os factos e indagações colhidas.

Convencidos estes dous phrenologistas, que o cérebro he o orgão de nossas faculdades, se applicárão de novo á seu estudo. Até então os anatomistas se contentavao em cortar, e dividir este orgao em diversos compartimentos, e impor nomes ás suas emminencias e cavidades, etc. entretanto que ignoravão suas funcçoes especiaes, e qual a marcha primitiva de sua formaçao.

Seguindo hum methodo contrario elles analysárão as leis, que o systema nervoso, e o cérebro seguem em sua formaçao, a natureza, direcção e diversas camadas formadas por suas fibras, a origem das emminencias das circunvoluçoes, a disposição respectiva das duas substancias branca e parda, e o desenvolvimento gradativo das differentes porçoes cérebraes.

E comparando as partes organicas com as funcçoes descobrirão no cérebro orgãos para cada huma das faculdades primitivas do homem, como veremos na terceira parte. Creada assim esta sciencia nova ella ramificou-se por toda á Europa, foi abraçada por muitos homens de grande nome, e cultivada por distinctos naturalistas até a época actual, onde acaba de receber em seu apoio huma das maiores pedras angulares, hum homem em fim do qual só basta o nome para acredita-la, e he Mr. Broussais.

Esta sciençia funda-se em cinco principios essenciaes; e são: 1.° que nossas faculdades sao innatas; 2.° que sua manifestação depende da organisação; 3.° quo o orgao que torna possivel esta manifestaçao he o cérebro; 4.° que o cérebro he composto de muitos orgaos, e cada hum delles preside á huma faculdade determinada; 5.° que o craneo modellando-se sobre o cérebro pode-se por suas elevaçóes e depressóes conhecer os orgãos mais ou menos desenvolvidos, e por conseguinte a energia ou fraqueza das faculdades.

Provarei cada hum destes principios com aquella brevidade, que exige huma these, nao me empenhando em discussoes, nem nem tão pouco em refutar, quantas objeccoes tem apparecido; por quanto se as provas directas são concludentes, tudo o mais he sophistico e secundario.

1.° INNEIDADE.

O homem, bem como os animaes, nascendo traz comsigo a essencia de suas faculdades, que nao pode ser mudada, da mesma maneira que o cão não pode transformar-se em ovelha, esta em lôbo, e o lôbo em leão. A especie humana he essencialmente a mesma em todos os tempos e paizes. Por toda a parte o homem conhece o mérito e demérito de suas acçoes; distingue-se dos animaes por idéas moraes e religiosas; procura praseres artificiaes; inventa sinaes para exprimir suas idéas e sentimentos; ama o sexo contrario, idolatra seus filhos, procura viver em sociedade; indaga a razao dos acontecimentos; se intristece com as desgraças de outrem, manifesta sentimentos de amisade; he susceptivel de odio, ambição, orgulho, vaidade etc. Estes e outros attributos são lhe essencialmhnte innatos, e não podem ser destruidos pelo poder dos tempos, e a força das circunstancias ou das instituiçoes. Tão innatos sao no homem, e nos animaes os instinctos, sentimentos e faculdades, como são aos mineraes e vegetaes as propriedades, qualidades e leis, que os governão. Em tudo a natureza tem a iniciativa, e desde o momento primitivo em que ella crêa os entes os dota de hum certo numero de attributos. Só os espiritualistas exclusivos poderião abraçar o erro, que somente o espirito tem por essencia a actividade, sendo a inercia a partilha da materia. A gravidade, a cohesão, a força attractiva, e repulsiva, as affenidades e antipathias de huns para outros corpos, são propriedades resultantes de sua mesma composiçao, e estão com elles de tal maneira ligadas que a destruição destas envolve a aniquilação d'aquelles. Abstrahi de hum corpo suas propriedades, vereis sua existencia desapparecer.

O mesmo accontece com os vegetaes. As leis de sua organisação, a formação e germinaçao da semente, a transformaçao annual da casca em substancia lenhósa, o arranjo symetrico das diversas camadas desta, suas propriedade physicas, chimicas, e therapeuticas nao são certamente qualidades adquiridas, mas sim o resultado de sua mesma natureza.

Se d'aqui passarmos aos animaes, e reflectirmos sobre suas faculdades, veremos que algumas, taes como a de se mover e sentir, tem já exercicio na vida uterina, onde nao se pode allegar a influencia das circunstancias exteriores. Toda especie animal nascendo traz e segue a lei de suas tendencias, o impulso de suas faculdades. O castôr procura logo com ramas de arvore construir sua habitaçao; a aranha forma a têa para apanhar insectos sem ter antes apprendido as regras da tecelagem; a perdiz, a codorniz, apenas nascem, correm logo apoz do grão ou bixinho sem que saibão por experiencia suas qualidades nutritivas; o patinho, a tartaruga, arrastando ainda os fragmentos do ovo, se encaminhao para a agoa mais proxima, o cão com os olhos ainda feixados muitos dias depois do nascimento procura e não erra o peito da mãe para nutrir-se com seu leite; todas as aves pacificas só com a presença do gavião ou outra ave de rapina se escondem com huma velocidade admiravel, sem que tenhao experimentado por factos sua ferocidade; todos os animaes finalmente, sem experiencia, sem educação, sem nada de arteficial, manifestão e executao perfeitamente os instinctos e faculdades, com que a natureza os dotára.

Ora se as propriedades e qualidades, que ornão os individuos dos tres reinos da natureza, são innatas, como acabamos de vêr, só o homem formado debaixo do mesmo typo, e que reune em si todas as leis, que regem os diversos seres organicos desde a materia mais grosseira até o animal mais perfeito, faria excepção á esta lei imprescriptivel? Que seria elle se nascendo nao trouxesse suas faculdades, suas disposiçoes, seus talentos? Huma quiméra. Se o homem nascesse puramente taboa rasa, o legislador não teria na formaçao das leis de consultar o caracter, os costumes dos povos, para quem legisla. Toda utopia em politica seria boa forma de governo, e bastaria somente imaginar, como fez Platão com sua republica, para constituir huma nação. He necessario por tanto reconhecer o poder da natureza, e saber que em tudo ella tem o primeiro voto. Assim he ella, que diversificando nossa organisação, desproporcionando a actividade de nossas faculdades estebelece as differenças individuaes, e faz que nasçamos com disposiçóes mais ou menos felizes, com talentos mais ou menos pronunciadas. He ella qne destina huns para serem genios, condemna outros á imbecilidade, e vota huma grande maioria á mediocridade. Quem nasce para ser grande, já desde a infancia o mostra. Themistocles ainda menino já mostrava hum caracter ambiciôso; Voltaire seu talento para a poesia, Pascal na idade de doze annos fez-se notavel por hum tratado sobre as secçoes conicas, Mozart com treze annos, sem ter bem aproveitado as liçoes de seu pai morto ainda moço, compunha peças de musica admiraveis; Gall menciona hum menino de cinco annos, que sabia já muitas linguas, e corrigia as antigas traducçoes.

Ha por tanto huma aristocracia natural que consiste na desproporção dos talentos, que a natureza estabelece entre os homens; e não he por conseguinte tão distituida de fundamento, como parece á primeira vista, a opinião de Aristoteles de que huns nascem para governar, e outros para obedecer. Esta verdade he de importancia para a ordem social; por quanto, se todos os homens são iguaes em talentos, todos são aptos para os cargos do estado; mas se são desiguaes, cada hum deve ser empregado segundo a escala de suas capacidades.

A inneidade foi reconhecida desde a mais remota antiguidade. Em todos os tempos se tem fallado dos dons e das qualidades naturaes. Porém os antigos exagerávão de tal maneira o principio da inneidade que julgavão innatas até as idéas. Platão dizia que as idéas, sem exceptuar huma só, erao gravadas em nossa alma pela Divindade no momento da creação. Assim quando o homem estudava não fazia senão recordar idéas já existentes

porém amortecidas em consequencia da união entre o corpo e alma, e a sciencia á seus olhos era huma pura reminiscencia. Esta opinião he falsa. Os objectos exteriores devem fazer impressoes sobre os sentidos, que sendo percebidas formão as idéas.

Não ha de innato senão a faculdade. Nascemos com a faculdahe de formar huma lingua arbitraria, mas esta não he innata. Nascemos com o poder de julgar, raciocinar, e amar, porém o juizo, o raciocinio, e o amor não sao innatos. He por tanto necessario distinguir as faculdades de seus actos, assim como o effeito de suas causas. Dizer que as nossas idéas são innatas, he dizer que nascemos em estado de sciencia, e não de ignorancia, contra o que depoem a experiencia e os factos.

Combatendo esta opinião realmente falsa os modernos cahirão em outro erro de não menos gravidade, o que sempre acontece todas as vezes que se ataca com exageração, e em totalidade hum principio só em parte falso. Assim tem se dito com Helvecio, que todas as nossas faculdades são produzidas pela educação, ou com Lecat, Buffon, Condillac, e outros, que são produzidas pelos sentidos.

Certamente a educação he indispensavel para dirigir, cultivar, e desenvolver as fafaculdades e talentos, porém cultivar não he o mesmo que produzir. Se a educação he origem de faculdades quem educaria os primeiros homens? Existirião elles sem faculdades? Como explicaremos os instinctos, os sentimentos dos animaes, que não recebem alguma educação? Nesta hypothese bastava estabelecer escolas, academias, ensinar as sciencias e artes para formar homens grandes. E então porque motivo os mestres são muitas vezes excedidos pelos discipulos? porque motivo todos, que ouvem os mesmos preceitos, não são iguaes nos talentos e disposiçoes, e muitos se queixão de qualidades, que nunca desejárão possuir, e de outras que quizerão ter em hum grão mais perfeito? *Se os preceitos dessem a eloquencia*, diz Quintilianno, *quem não seria eloquente?* » Nero, e Commodo tivérão bons mestres, mas estes não forão capazes de destruir-lhes a disposição para a maldade. A educação não he capaz de inverter os talentos, e transformar Newton em grande poeta, nem Milton em grande mathematico. Porque não transforma ella o idiota em grande capacidade? Por que motivo os genios sao tão raros e a mediocridade tão vulgar? He necessario por tanto convir que se nasce com faculdades determinadas, que a educação cultiva e aperfeiçoa, mas que as não produz. A natureza e a educação são tudo, mas esta sem aquella he pouco ou nada. Os homens de grande genio o devem á natureza, e para elles a verdadeira educação he não não ter alguma, he o mesmo vôo arrojado de sua intelligencia. Mas dizem os adversarios; os genios fazem excepção. Avançar tal proposição he mostrar ignorancia das leis da natureza. Entre o genio, a mediocridade e a imbecilidade a differença está só no grão. Quem tem o talento para a musica ou poesia muito pronunciado descobre, e applica relaçoes novas, que serão sempre ignoradas por quem tiver estes talentos mediocres. Eis o que se chama crear, eis o genio, que nada mais he que hum grão de força, e de energia fora do commum.

Os sentidos não podem tambem ser origem de faculdades. Elles não sao outra cousa mais do que instrumentos, de que nos servimos para colher as impressoes, e sobre ellas exercermos as funcções intellectuaes. A faculdade de perceber, conservar, combinar as idéas, e applicar o resultado de nossas combinações ás artes e sciencias, não está em relação com os sentidos, como nos attestão os idiotas, muitos dos quaes tem estes orgãos bem desenvolvidos e perfeitos. Ora na hypothese, que combato, isto não deveria ter lugar.

Se os sentidos fossem origem de faculdades, os animaes superiores deverião possuir todas aquellas de que o homem he dotado, e n'hum grão mais energico; por quanto não só elles possuem estes orgãos, como os tem em hum grão mais elevado de perfeição muitos d'entre elles.

A aguia excede ao homem pela vista penetrante; o cão pelo olfacto, a maior parte dos quadrupedes pela audição, como o burro, por exemplo, que sente muito ao longe o tropel de outros animaes, e geralmente as aves pelo gosto, pois que ellas saborêão subs–

tancias inteiramente insipidas ao homem, taes como pedrinhas, arêas, e sementes inteiras de frutas. Accresse mais que nesta hypothese tanto o homem como os animaes deverião ter os mesmos sentimentos, instinctos, e inclinações, por serem todos dotados das mesmas causas, os orgãos sensuaes, entretanto que a experiencia mostra o contrario. Mais ainda: no homem a perfeição das faculdades intellectuaes estaria em relação com a dos sentidos, o que he desmentido pela observação. He por ventura melhor pintor quem tem a vista mais penetrante, melhor musico o de melhor ouvido, melhor artista o de tacto mais delicado? Concluamos por tanto que nossos instinctos, sentimentos e faculdades são innatos.

2.° INFLUENCIA DA ORGANISAÇÃO:

A substancia intelligente exerce e manifesta suas faculdades independentemente da organisação, ou esta he a condição indispensavel, sem que este exercicio e manifestação não podem ter lugar? Não ha hum só facto, huma só razão plausivel em apoio da primeira hypothese, quando tudo converge, factos, e raciocinios, para demonstrar com toda evidencia a veracidade da segunda. Se o moral fosse independente do physico, seu estudo estaria collocado fora da esphera da intelligencia humana. Só os methaphysicos presumidos he que julgão poder transpôr os limites á que he dado chegar o physiologista esclarecido.

Bem que não demonstre senão no artigo seguinte ser o cerebro o orgão exclusivo de nossas faculdades, todavia muitos argumentos á favor da proposição actual serão deduzidos desta importante viscera.

Primeiramente tudo quanto muda, altera, enfraquece, ou irrita a organisação, produz mudanças correspondentes na manifestação das faculdades. He de observação que hum crescimento muito rápido dos orgãos debilita suas funcções. He o que acontece principalmente nos annos climatéricos, ou periodos de desenvolvimento, onde senão he capaz de huma applicação seguida, e a instrucção se acha como que parada em seus progressos: mas logo que passa esta crize organica, as faculdades recuperão sua força primitiva. Quem pode desconhecer a influencia, que sobre nossas faculdades exercem as estaçoes, os climas, as variações de temperatura, as diversas comidas e bebidas, as evacuações immoderadas ou retidas, a boa ou má digestão dos alimentos? Quêm pode negar a influencia das enfermidades, principalmente as lesões cerebraes, taes como, inflammações, derramamentos, compressoes, etc.? Como sem a dependencia entre o physico e o moral explicar a razão, porque em consequencia de certas feridas, quedas na cabeça, se desenvolvem faculdades até então adormecidas, ou se muda o caracter individual? O padre Mabillon até os 18 annos era dotado da maior imbecilidade; não sábia ler, nem escrever, e apenas fallava. Em consequencia da queda de huma telha apanhou huma forte ferida na cabeça, e foi obrigado a soffrer a trepanação. Depois da cura não só appresentou os talentos mais assignalados, como fez grandes progressos em geometria. Hum moço soffrendo igual accidente foi trepanado por Acrel. Sendo antes dotado de bons costumes, desenvolveo depois a propensão mais desenfreada para roubar. Haller tratou hum imbecil de nascimento de huma ferida na cabeça. Em quanto durou a enfermidade, este individuo perdeo a imbecilidade, tornando a recupera-la depois de curada a ferida. Esquirol refere o caso de hum menino de dous annos, que apanhára huma ferida na cabeça procedida de huma queda, e bem que della fosse curado, todavia dahi por diante sempre se queixava de dores de cabeça, e aos 17 annos ficou maniaco. Outros muitos exemplos podéra citar de que abunda a obra de Gall, para onde envio o leitor curioso. Se a alma exerce suas faculdades indepententemente da organisação, como explicar estes phenomenos? Dir-se-ha, que ella necessitava de levar huma queda, receber huma ferida, para desenvolver ou alterar suas faculdades? Não he absurdo suppo-la passivel de lesões physicas?

A não ser peia organisação differente dos dous sexos não se pode explicar como certas faculdades são mais energicas no homem, e outras na mulher. Tanto o bello sexo excede ao homem pela delicadesa de seus sentimentos, quanto he por este excedido na força e solidez do pensamento. Mallebranche fazia derivar esta differença dos diversos gráos de solidez, seccura, ou humidade das fibras cerebraes. Condorcet em huma pequena obra analysando os progressos do espirito humano attribuia esta differença á não receberem as mulheres a mesma educação literaria que os homens. Tanto huma como a outra opinião são falsas. A differença provem do desenvolvimento desigual dos orgãos cerebraes. As faculdades sentimentaes occupão no cerebro huma região distincta da occupada pelas intellectuaes. Assim sendo a região destas ultimas geralmente mais desenvolvida no homem, e aquella nas mulheres, e vice versa, claro fica a razão da differença. A naturesa assim o ordena para preencher seus fins. Destinando ella o homem para trabalhos grosseiros, para com a energia de sua intelligencia fazer conquistas nas artes e nas sciencias, e applicar seus resultados aos misteres da vida; e destinando a mulher para ser a companheira inseparavel do homem, condição primaria de sua felicidade, para velar os productos da creação, acudir ao menor sentimento de dôr adoçar e muitas vezes soffrer injustas exigencias de seu esposo, era natural que diversificando a organisação désse ao homem a supremacia na intelligencia e á mulher nos sentimentos, para com a humildade de seu coração, a doçura de suas expressoens, a amenidade de suas maneiras, desarmar o coração altivo do homem e com elle viver em doce paz. *Em quanto o homem*, diz Cabanis, *obra sobre a naturesa e sobre os outros entes animados pela força de seus orgãos ou pelo ascendente de sua intelligencia, a mulher deve obrar sobre o homem pela seducção de suas maneiras e pela observação contiua de tudo que pode lisongear seu coração ou captivar sua imaginação.* Ora se esta diversidade de sentir e pensar, que distingue os dous sexos, não tem a sua origem na organisação segue-se que a alma do homem he differente da da mulher.

He de observação que certas qualidades moraes, assim como certas enfermidades, se transmittem de pais á filhos e se propágão muitas vezes por longo tempo nas familias subsequentes. Sempre que isto acontece os filhos, appresentão a mesma conformação, a mesma organisação, e a mesma estructura de seus pais, e por conseguinte huma grande disposição para adquirir todas as enfermidades de que forão elles acommettidos.

He neste sentido que se diz hereditarias a gotta, a pulmonia tuberculosa, as escropholas etc. Gall refere hum caso observado por Gaubius sobre huma rapariga, cujo pai era de tal maneira impellido pelo desejo de comer carne humana, que commettêra muitos assassinatos para satisfazer esta brutal inclinação. Esta rapariga foi separada da casa paterna e educada por pessoas virtuosas e de familia differente; mas não obstante desenvolveo-se depois nella a mesma inclinação e veio a succumbir do mesmo crime. Quem não observa que todas as vezes que dous individuos se assemelhão, ou se diversificão por sua organisação, se assemelhão ou se diversificão igualmente pela maneira de sentir e pensar, como acontece entre os irmãos e os gêmeos? Verdade he que esta regra soffre muitas excepçoens provenientes da educação e outras causas exteriores, porem em geral he verdadeira.

Ora se estes phenomenos não provão huma estreita ligação entre o physico e o moral do homem, segue-se que as almas dos pais se transmittem aos filhos, o que he pôr em vigor o systema absurdo das transmigraçoens ou metempsycose.

As modificaçoens, que as faculdades soffrem percorrendo os differentes periodos

da vida não se explicão senão pela organisação. Na vida uterina, onde todas as partes organicas e principalmente o cerebro se achão ainda em hum estado imperfeito de organisação, o feto não exerce huma só faculdade intellectual e moral. Na infancia todas as funcçoens do recemnascido são muito limitadas e de hum caracter correspondente á fraquesa e imperfeição de seus orgãos. Satisfaser a fome e a sêde, manifestar sentimentos obscuros de praser e dôr, executar movimentos espontaneos, e não deliberados, eis todos seus actos. Elle não pode ainda conhecer sua existencia pessoal, distingui-la dos objectos da naturesa, e muito menos conhecer as estreitas relaçoens que unem hum filho á seu pai: vive finalmente, mas não sabe se vive.

Vivit et est vitæ nescius ipse suæ.

A medida porem que seus orgãos se desenvolvem, que adquirem mais consistencia e por conseguinte mais energia, o menino começa a fixar attenção sobre os objectos exteriores, a manifestar desejos determinados, e a formar idèas e combinaçons. Acompanhando sempre o desenvolvimento graduado dos orgãos elle se torna successivamente adolescente, moço, e homem feito.

Nesta época tanto seu organismo, como suas faculdades intellectuaes, tem adquirido o maior grão de energia e perfeição até o momento em que começão a decrescer e a perder insensivelmente suas forças. Na velhice e decrepitude em fim, a pár de huma organisação mirrada, de orgãos fracos, de sentidos poucos ou nada sensiveis à impressão dos objectos, as sensaçoens se embotão, as faculdades se enfraquecem, a memoria se torna infiel, o juizo menos sólido, a imaginação pouco ardente, tudo, tudo annuncia ao velho decrépito proximo o termo de sua existencia physica e moral. Ora nada poderia mostrar com mais evidencia, quanto a manifestação das faculdades depende da organisação. Se a alma exerce suas funcçoens independente da organisação, porque motivo as não exerce na vida uterina, na infancia, e na decrepitude com aquella mesma energia e perfeição, que tem na idade adulta?

Quando a organisação e com particularidade o cerebro em seu desenvolvimento segue huma marcha irregular, adquirindo muito cedo ou muito tarde o crescimento necessario, a manifestação das faculdades soffre variaçoens correspondentes. Gall vio em Pariz hum menino de trez annos, tendo o instincto da propagação tão desenvolvido, que avançava com audacia e obstinação sobre raparigas e mulheres já feitas para satisfaser os seus desejos; e a pesar dos orgãos sexuaes não serem bem desenvolvidos, todavia appresentavão dimensoens proporcionadas e erecçoens mais que momentaneas. Menciona igualmente hum rapaz de 10 annos, que fôra prezo em Leipzig por ter estuprado huma menina; outro de idade de 5 annos tendo as partes sexuaes tão crescidas como se fosse de 16 annos, e que já tinha satisfeito tempo antes seus desejos amorosos; e como este, outros muitos exemplos cita de meninos de tenra idade appresentando relativamente á este ponto todos os sinaes de huma virilidade completa. Em todos elles Gall encontrou o cerebello com hum desenvolvimento extraordinario e prematuro, e com effeito nós veremos na 3.ª parte ser este orgão a séde do instincto geradôr. Quem não sabe que os meninos rachiticos appresentão huma energia intellectual não ordinaria com sua idade? Ora hum dos effeitos ordinarios do rachitismo he dar ao cerebro huma irritabilidade e desenvolvimento prematuros. Ao contrario se o cerebro pára em seu crescimento até os 10 ou 12 annos, e depois se desenvolve, a manifestação das faculdades offerece huma

marcha igual. Gessner hum dos melhores poetas da Suissa atè os 10 annos era inteiramente imbecil, e como tal declarado por seus mestres. Gall falla de hum medico de Berlin que atè os 13 annos não era capaz de combinar duas idéas, tornando-se depois huma notabilidade.

Se o cerebro nunca chega á adquirir aquelle desenvolvimento que lhe he natural ou traspassa os limites de seu crescimento ordinario, os individuos ou são idiotas, ou ficão no estado commum á todos os homens, ou são genios. Compare-se a cabeça dos idiotas, dos homens ordinarios e dos homens grandes, e se conhecerá esta verdade. O idiota, ou tem a cabeça mal conformada, ou muito pequenina, de sorte que, tirando-se hnma linha circular, que passe pela parte mais convéxa do occipital, dos temporaes, e a mais saliente do frontal, e medindo-a, ella não dá ao craneo mais que dôze para 17 pollegadas de circunferencia, segundo a maior ou menor imbecilidade do individuo, pequenhêz esta que importando outra correspondente do cerebro he causa da imbecilidade, como o prova a experiencia. Os homens ordinarios appresentão nunca menos de 18 para 20 pollegadas, sendo mesmo de muito mediocre condição aquelles que sò tem 18 para 19 pollegadas de circunferencia. Pelo contrario os homens de genio universal tem huma cabeça de 21 para 22 pollegadas; o que indica hum volume proporcional do cerebro. Para confirmar estes factos Gall cita varios exemplos como são; o cerebro de hum imbecil de nascimento descripto por Willis, que tinha somente a quinta parte do volume do de hum homem ordinario; hum idiota de nascimento, que vivêo atè os 25 annos, cuja cabeça era tão pequena, e attrahia tanto a attenção por sua estupidez, que se o mostrava por dinheiro; hum menino de 7, e huma rapariga de 20 annos, ambos idiotas, cujos craneos tinhão somente 11 para 12 pollegadas da raiz do nariz ao grande buraco occipital, e 13 para 14 de circunferencia, e outros muitos exemplos finalmente que ommitto, e que achará quem ler a sua obra. Confronte-se agora estas cabeças assim viciadas e pequenas com as grandes e bem conformadas cabeças de Voltaire, Bacon, Gallileo, Orfila, Newton, Rousseau, e outros muitos homens grandes, e se ficará convencido, que o desenvolvimento da intelligencia está em relação com o bom desenvolvimento do cerebro. Cumpre todavia notar que não he a grande massa do cerebro a unica condição de huma grande capacidade intellectual; he indispensavel que este orgão seja bem organisado, e que tenha hum certo gráo de força e tonicidade necessarias para dar energia ás funcçoens intellectuaes. O grande volume simplesmente sem as precedentes condiçoens pode coincidir com a estupidez, como tem acontecido; donde o adagio popular, *grossa cabeça*, *grossa besta*: mas o que são adagios senão generalisaçoens forçadas de hum pequeno numero de factos particulares sempre impotentes para destruir a regra geral? O que he certo he que não ha hum só facto de hum homem extraordinario em muitos sentidos coincidindo com huma cabeça de dôze para dezasete pollegadas de circunferencia.

Ora de tudo isto se conclue que a manifestação das faculdades intellectuaes depende da organisação. E com effeito que outra conclusão se poderá tirar quando se vê a irregularidade, a imperfeição e o bom desevolvimento dos orgãos, acarretar necesariamente a irregularidade, a imperfeição e o bom desenvolvimento das faculdades? *Nossa organisação!* diz Ottin, *eis tudo: sobre ella e sobre a educação gira toda nossa existencia.* »

De milhares de homens, que habitão a superficie da terra, não ha dous ao menos que sejão em tudo semelhantes. A differença entre elles he tanta, quanta he a diversidade das physionomias. Há musicos, poetas, pintores, artistas, mathematicos, escultores etc. etc. e quem nasce com hum destes talentos bem desenvolvido, ainda que

tenha huma educação contraria, nunca deixa de mostrar seu talento primitivo, e fica sempre mediocre abraçando huma profissão contraria á sua inclinação natural. Se estes phenomenos não tem a sua causa na diversidade da organisação individual, segue-se que devem ser directamente attribuidos á alma, o que he hum absurdo; por quanto a substancia espiritual he supposta a mesma para todos, e não variar com os individuos.

O somno he outra prova de que a manifestação da intelligencia depende da organisação. Depois de longo tempo de exercicio os orgãos necessitão de repouso, descanço, e se recusão á toda actividade. Nesta inactividade e quietação completa dos orgãos as faculdades intellectuaes suspendem seo exercicio até que elles se dispertando ellas entrem outra vez em actividade. Ora se a substancia espiritual he independente, como he possivel que se fatigue, se esgote, necessite de repouso, durma e se disperte mais vigorosa e activa? Terminarei finalmente esta questão chamando em meu favor a authoridade de hum homem respeitavel.

O homem tem necessidades, diz Cabanis: *recebeo faculdades para satisfaze-las; e humas e outras dependem immediatamente de sua organisação. He possivel certificar-se que os pensamentos nāsção, e que as vontades se formem por effeito de movimentos particulares executados em certos orgãos; e que estes orgãos estão submettidos ás mesmas leis que os de outras funcçoens?......* *Em todos os tempos*, continua elle, *se quiz convir, á este respeito, á cerca de alguns pontos incontestaveis, ou olhados como taes. Cada philosopho fez sua theoria do homem: aquelles mesmos que para explicar as diversas funcçoens julgárão dever suppor nelle dous principios de naturesa differente, igualmente reconhecerão que he impossivel subtrahir as operaçoens intellectuaes e moraes ao imperio do physico: e na estreita relação que admittem entre estas duas forças motoras, o genero e o caracter dos movimentos ficão sempre subordinados ás leis da organisação.*

3.° CEREBRO, ORGAÕ DAS FACULDADES.

Demonstrado que o exercicio e manifestação das funcçoens intellectuaes e moraes dependem da organisação, resta-nos determinar agora qual o orgão material executôr destas funcçoens. Ora este orgão he o cerebro, como provão as consideraçoens seguintes:

Todas as partes do corpo podem ser amputadas, distruidas, comprimidas, quer por causas physicas exteriores, quer em consequencia de enfermidades; mas em quanto o cerebro não soffre, ou directa ou simpathicamente, as faculdades intellectuaes e moraes conservão sua integridade. Orgãos mesmo essenciaes á vida, taes como o coração, os pulmoens, o estomago, tem soffrido desorganisaçoens profundas em seus tecidos, sem que d'aqui resulte suspensão, ou perversão da intelligencia. Pelo contrario tudo quanto tende á alterár o orgão encephálico, perturba, suspende, ou perverte inteiramente o exercicio regular dos actos intellectuaes e moraes, como são, as inflamaçoens, compressoens, exostózes do craneo, derramamentos e outras muitas enfermidades, que tendem á lesar mais ou menos profundamente o cerebro.

A proposição, que trato de firmar, tem a seu favor experiencias e factos directos. Richerand tratava huma mulher, que em consequencia de huma cária do craneo tinha o cerebro descuberto em grande extensão. Esta mulher respondia muito bem á todas as questoens; porem hum dia comprimindo elle de cima para baixo o cerebro, e interrogando-a ao mesmo tempo, ella calou-se no meio de huma phrase. Cessando a compressão,

e perguntando-lhe depois, se entendêra as ultimas questoens, que lhe dirigíra, respondeo-lhe que não. Reiterando tres vezes a experiencia observou, que em todas ella perdia a intelligencia, o sentimento, e a memoria do que se passava durante o tempo da compressão cerebral. O mesmo author refere o caso de hum homem, trepanado em consequencia de hum derramamento de sangue e puz, occasionado por huma fractura, que sentia no intrevallo do curativo, á medida que a collecção se augmentava, diminuirem-se suas faculdades, entorpecer e ameaçar de se extinguir o sentimento de sua existencia. Hildanus menciona a observação de hum rapaz de 10 annos, cujo craneo fôra deprimido em consequencia de hum accidente. D'ahi por diante começou a perder pouco á pouco a memoria, o juizo, e por ultimo tornou-se completamente estupido, tendo antes mostrado disposiçoens as mais felizes. Huma senhora talentosa leva huma queda, e dá com a cabeça sobre a ombreira de huma chaminé. Em consequencia deste accidente ficou sujeita á accessos periodicos de mania, e perdeo suas brilhantes qualidades. Hum homem, por effeito de huma pedrada, que recebêra na cabeça, fica com o craneo deprîmido. E sendo antes deste successo cidadão pacifico, tornou-se depois brigador, turbulento, procurando de proposito rusgas com todos. Esquirol refere o caso de huma senhora, que voltando de hum passeio battêra com a cabeça na porta ao entrar em casa. Em consequencia tornou-se maniaca alguns mezes depois, até que morreo d'ahi à dous annos de huma enfermidade cerebral. Outros muitos factos pudéra citar de que abunda a obra de Gall, para onde envio o leitor curioso.

Ora, em todos estes casos o resto do corpo não tinha soffrido alteração alguma, donde se pudesse dedusir a causa de taes phenomenos; o que prova de huma maneira incontestavel ser o cerebro o orgão exclusivo da intelligencia. Accresce ainda que se o cerebro não fosse o orgão das faculdodes intellectuaes, nenhuma outra funcção se lhe poderia assinar na economia animal; por quanto não se pode dizer que elle exerça as funcçoens da vida organica. A circulação, a digestão, a nutrição, etc. se effectuão por orgãos proprios, que não são o cerebro, e se fazem sem interrupção alguma tanto na vigilia, como no somno, em que este orgão he innactivo. O mesmo acontece com outras funcçoens da vida vegetativa; de sorte que se da economia animal excluirmos successivamente todas as partes, cujas funcçoens são conhecidas, vem a ficar de resto o cerebro para as faculdades intellectuaes, que certamente necessitão, assim como as outras, de hum executor material. Demais ninguem nega hoje que os nervos sensitivos externos e internos são indispensaveis ao exercicio das faculdades intellectuaes como conductores das impressoens, que são os materiaes para a formação das idéas; e se elles vão confinar no cerebro, como he hum facto, não he huma razão concludente que este orgão he a séde da intelligencia?

A differença de pensar e sentir que distingue os dous sexos acha sua razão na disigualdade de desenvolvimento cerebral. A mulher tem geralmente as partes superiores, e posteriores, mais desenvolvidas que as superiores, e anteriores, que são mais no homem; e com effeito a observação tem mostrado que as faculdades sentimentaes residem nas primeiras, e as intellectuaes nestas ultimas partes; e eis o motivo porque o bello sexo excede ao homem no que diz respeito á sentimentos, sendo-lhe inferior na intelligencia. Compare-se a fórma de huma cabeça com outra, e se verá que em quanto a do homem representa huma esphera, cujos diametros são mais ou menos proporcionados, a da mulher representa huma ellipse, cujo maior diametro vem da testa á parte posterior média do occipital, e não guarda relação de grandesa com os outros.

He de observação que o moral do homem varía segundo as idades, que nossas faculdades não apparecem, e acabão ao mesmo tempo, mas successivamente. Ora este

phenomeno está em relação com o desenvolvimento e decadencia graduaes do cerebro. Nos primeiros tempos da vida, em que o moral humano he nullo absolutamente, o cerebro he tambem huma massa pulpósa, incapaz de executar funcção alguma. Na infancia são os lóbos posteriores e medios os primeiros que se desenvolvem, e como estas partes são destinadas á presidir ás funcçoens, que mais relação tem com a conservação individual, todos os actos do menino limitao-se ao exercicio dos cinco sentidos, ao movimento, á sensação de fome, dôr, prazer, etc.; e tudo isto de huma maneira imperfeita. Pouco á pouco o cerebro se desenvolve nos seus lóbos anteriores e no cerebêllo, e sò depois de muitos mezes he que se mostrão com evidencia as partes superiores e anteriores, onde residem as mais bellas faculdades do espirito. Desta maneira elle cresce successivamente atè os quarenta annos, epoca em que todas as faculdades do homem tem pleno exercicio, e principalmente as intellectuaes, que gosão de toda energia possivel. Daqui por diante, assim como as faculdades vão-se diminuindo, enfraquecendo, e desapparecendo atè a extrema velhice, da mesma maneira o cerebro vai perdendo gradativamente sua turgencia nervósa, se atrophia, e a consistencia de suas duas substancias soffre alteraçoens profundas. Nesta decadencia elle segue huma marcha inversa d'quella de seu crescimento, começando pelos lóbos superiores, e anteriores, e acabando pelos inferiores, por onde começára seu desenvolvimento. Consequentemente são as faculdades intellectuaes, que primeiras principião a perder a sua força, e vão-se extinguindo insensivelmente huma por huma, de sorte que em huma decrepitude avançada só restão ao velho os habitos e os gostos da infancia por isso mesmo que os orgãos, que presidem ás funcçoens desta idade, são os ultimos, que perdem o seu vigor e morrem. Eis a razão porque se diz que o velho he menino, e o menino velho:

In puericia senex, in senectute puer.

Ora, em quanto se observa huma relação constante entre o desenvolvimento e decadencia graduaes das faculdades, e o desenvolvimento e decadencia graduaes do cerebro, todas as partes do corpo completão seu crescimento em épocas differentes, ou deixão de exercer suas funcçoens em consequencia de alteraçoens mórbidas, sem que dahi resultem irregularidade, transtorno, ou ausencia na marcha e apparição das faculdades; donde se conclue que ellas não são o orgão da intelligencia. Pelo contrario todas as vezes que o cerebro não adquire seu crescimento completo, ha sempre falta no numero e manifestação das funcçoens intellectuaes. Gall vio em Hamburg hum rapaz de 16 annos tendo as partes anteriores e superiores tão ponco dsenvolvidas que sua testa tinha apenas huma pollegada de altura. Este individuo era incapaz de combinar, comparar, e julgar; somente aprendia e recitava maquinalmente os nomes, os numeros, e a historia, cujas faculdades, como veremos, residem nos lóbos anteriores e inferiores do cerebro, que elle possuia. Richerand cita dous casos iguaes em seus elementos de physiologia. Se o cerehro não fosse o orgão das fáculdades, o desenvolvimento destas estaria em porporção com os outros systemas da economia; e neste caso os individuos fortes, robustos, e corpulentos, deverião ser constantemente os mais intelligentes, e he o que se não observa.

Em geral as pessoas de grande talento e de genio são individuos de compleicção média, e muitas vezes bem dèbil. O grande mathematico, o grande poéta, os homens finalmente universais são quasi sempre pelo seu physico inferiores á outros de huma organisação athletica, e que entretanto não possuem seus talentos.

Huma prova finalmente há, que por si só seria sufficiente, quando faltassem outras, para demonstrar a proposição actual, e he que, percorrendo a cadêa dos diversos animaes desde os infusorios até o homem, vê-se, que as faculdades, que compoem a psycologia propria de cada especie zoologica, não começão a existir, senão quando apparece hum cerebro já formado.

Com effeito nos zoophytos, onde se não observa sinal algum de cerebro, não se descobre tambem faculdade alguma determinada. A medida porem que os animaes se aperfeiçoão, que apparece hum systema nervôso e especialmente o cerebro, que este he mais volumôso, e por conseguinte mais composto, vai successivamente apparecendo maior numero de faculdades até chegar-se ao homem, que, se na ordem moral representa o primeiro papel, he tambem aquelle, cujo orgão encephalico he mais complicado, e que por isso mesmo reune em si todas aquellas funcçoens, que se achão disseminadas, e como truncadas nas classes inferiores.

4.° PLURALIDADE CEREBRAL.

Sendo muitas e differentes as faculdades intellectuaes e moraes, pergunta-se: se todas e cada huma dellas exigem para seu exercicio a acção simultanea de todas as partes do cerebro, ou se pelo contrario cada faculdade he exercida por huma porção cerebral determinada? A segunda opinião he seguida pelos phrenologistas, e sendo huma das bases mais principaes da sciencia, que professão, he tambem aquella, que tem soffrido a mais viva opposição de seus detractores. Rasoens fortissimas provão o principio da pluralidade, e eu começarei por huma de anatomia comparada, que demonstra sem rèplica ter cada faculdade seu orgão determinado.

Seguindo a naturesa na formação gradativa dos animaes, vê-se que a medida que se engradece o numero das funcçoens, se engrandece igualmente o numero dos orgãos, e que o cerebro e todo systema nervôso são tanto mais compostos, quanto mais numerosas são as faculdades e os phenomenos da sensibilidade; o que certamente não teria lugar se cada funcção nova, que apparece, não exigisse hum orgão particular.

Com effeito nos animaes infusorios, onde se não distingue vestigio algum de cerebro, e se existe não he apreciavel, não ha tambem sinal algum de instincto, sentimento, e muito menos de faculdades intellectuaes. Os cinco sentidos faltão inteiramente. Exceptuando-se a sensibilidade, e o movimento, phenomeno este unico por onde se conclue para a existencia d'aquella, nenhuma funcção mais se descobre. Pode-se dizer que a molécula organica primitiva, conforme he simplesmente vitalisada, ou vitalisada e animada ao mesmo tempo, assim se converte em vegetal, ou animal; tal he a simplicidade organica e funccional dos infusorios.

Em huma ordem superior, nos articulados, já se descobre hum esboço de systema nervôso, e outras funcçoens alem da sensibilidade e o movimento.

Existem hum ou dous cordoens nervósos estendidos de huma á outra extremidade do animal, offerecendo de espaço em espaço varios engrossamentos ou ganglios, e considera-se como rudimento de cerebro o primeiro situado na extremidade superior do corpo. Este nervo faz as vezes de nutritivo e sensitivo, e determina movimentos para apprehenção de alimentos, e a geração; porem todas estas acçoens são determinadas por

hum puro instincto, primeira faculdade de relação, que apparece, não havendo ainda sentimentos e faculdades superiores. Os sentidos são reduzidos geralmente á vista, muito preponderante nos insectos, e ao tacto, que em muitos he exercido por orgãos particulares chamados—*antênnas*.

Nos animaes de huma classe superior á esta, nos molluscos, o systema nervôso he mais composto, e as funcções por conseguinte mais numerosas. Elle consiste em differentes massas nervósas disseminadas por diversos pontos do corpo, communicando-se entre si por filetes intermediarios, e destacando outros, que vão terminar nos tecidos, e que são tanto mais numerosos, quanto mais complicada he a organisação, e maior o numero das visceras. Já existe nestes animaes huma pequena cabeça, contendo hum diminuto cerebro; assim seus instinctos são mais aperfeiçoados, bem que não hajão ainda sentimentos e outras funcçoens elevadas. Os caracóes, por exemplo, recolhem-se para dentro de sua concha, quando sentem aproximar-se algum objecto nocivo, apalpão os corpos exteriores, evitão huns, procurão outros, subtrahem-se ás influencias atmosphericas, que lhes podem causar damno, e se expõem á aquellas de hum effeito contrario. Os sentidos são geralmente reduzidos ao tacto, gosto, e vista, não sendo todavia estes dous ultimos constantes em todos elles.

Chegando finalmente á grande classe dos vertebrados, vamos ver á pár de hum cerebro cada vez mais complicado, desde os peixes até o homem, faculdades mais extensas e multiplicadas. Nos peixes e reptis o cerebro consiste em muitas massas distinctas, porem unidas entre si, e donde partem os nervos sensitivos externos. Os hemispherios propriamente ditos consistem em dous ganglios situados atraz dos nervos olfactivos, e tanto mais compostos, quanto mais extensas são suas faculdades instinctivas; e o cerebêllo representa a forma de hum pequeno tuberculo distituido das massas lateraes. Nestes animaes já se descobrem sentimentos e algumas faculdades elevadas, principalmente nos reptis; por quanto muitos peixes e rans vivem em sociedade, e se reunem em bandos para viajarem juntos, e nos reptis mais aperfeiçoados pode-se dizer que existe huma dóse não pequena de intelligencia, e deliberação. Com effeito, quando estes animaes querem se deffender de hum inimigo, ou atacar huma preza, que julgão poderósa, empregão a fraude, a astucia, a sagacidade; calculão mesmo suas forças, e, se as julgão superiores, avanção atrevidamente sobre o adversario, ou fogem no caso contrario. Estes animaes, como todos os da classe dos vertebrados, tem os cinco sentidos completos.

Nas aves os hemispherios são muito mais consideraveis, posto que as circunvoluçoens sejão pouco distinctas e profundas. O cerebello consiste ainda na parte média ou eminencia vermicular, offerecendo todavia já muitos anneis circulares. Da mesma maneira suas funcçoens são mais extensas. As aves conservão a representação dos corpos, reconhecem os que já tem visto, manifestão sentimentos de amor e amisade humas para com outras, e algumas mesmo, como na ordem dos papagaios, são suceptiveis de educação, decórão certas palavras, e apprendem outras cousas, que se lhes ensina.

Nos mammíferos, principalmente os mais aproximados do homem, os dous hemispherios cerebraes são muito mais consideraveis que os dos animaes precedentes, appresentando grandes circunvoluções, e sinuosidades bem distinctas. O cerebello offerece, além da parte media, dous hemispherios lateraes com circunvoluções circulares bem sensiveis. Assim estes animaes gosão de maior numero de funcções. Instinctos, sentimentos, e muitas faculdades intellectuaes, existem nelles em hum grão não pequeno de

perfeição. Quem não conhece as habilidades do elephante, do macaco, do ourāng-outang, do cão etc.? Sem que estes animaes nos fallem, he facil conhecer que elles gozao de discernimento, que amão e afagão, ou odeião e se vingão das pessoas, que os bem ou maltrátao. O cão manifesta mesmo sentimentos de respeito, e amisade para com seu senhor, e amigos deste; entretanto que persegue seus inimigos. Não poucos animaes desta classe vivem em sociedade, e a deffendem, quanto he possivel. Assim a maior parte das faculdades, de que o homem he dotado, se achão diversamente modificadas e destribuidas em numero proporcional á composição do cerebro em todos vertebrados desde os peixes e reptis até este ente, que, terminando a cadêa ascendente zoologica, he justamenre chamado o rei da natureza.

Chegando finalmente ao homem, se o vemos possuir maior numero de faculdades he por que seu cerebro he composto de maior numero de partes. Com effeito nenhum animal tem como elle as partes anteriores e superiores do cerebro, onde residem as mais bellas faculdades do espirito, aquellas, que nos fazem indagar a razão das cousas, conhecer o author da nossa existencia, o sentimento do justo e do injusto, as idéas moraes e religiosas, e mais outras qualidades de que os animaes inferiores, por não possuirem estas partes, são privados.

Neste ente as circunvoluçoes do cerebro, como as do cerebello, são mais numerosas, e segundo os naturalistas, o volume total da massa encephalica comparado com o do corpo, he proporcionalmente maior que o de outro qualquer animal examinado debaixo da mesma relação.

De tudo quanto fica dito conclue-se, e conclue-se mathematicamente, que cada faculdade he exercida por hum orgão particular, e não pelo cerebro em totalidade. E com effeito, que outra consequencia se pode tirar quando se vê, que, na formaçao gradativa e ascendente dos animaes, á medida que o cerebro adquire partes novas, adquire igualmente novas funcções? O numero das faculdades e das partes constituintes do cerebro comparado com estes mesmos objectos os mais complicados no homem, nullos nos animaes infusorios, e apenas esboçados nos articulados, não faz hum contraste bem convincente á favor da pluralidade? Se huma só fibra cerebral fosse bastante para exercer todas as funcçoes ainda as mais diversas, porque daria a natureza ao homem hum cerebro mais composto e volumoso? Não he absurdo procurar a perfeiçao na multiplicidade inutil de agentes identicos? Não he do excesso de materiaes da mesma natureza empregados para o mesmo fim que resultão o entrave e a desordem?

Analyse-se agora directamente o corpo humano, e, certo, não se encontrarão duas funcções, por pouco differentes que sejão, exercidas por hum mesmo orgão. A circulação, a respiração, a digestão, todas em fim tem seus apparelhos proprios. Nós não vemos, ouvimos, cheiramos, gostamos, e apalpamos por hum e o mesmo sentido, e he mais que provavel, se nao certo, que o nervo optico nunca preencheria as funcçoes do nervo auditivo, olfactivo, etc. e *vice versa*. Os movimentos do corpo são exercidos pelos nervos, que nascem da parte anterior da medúlla espinhal, e a sensibilidade pelos, que nascem da parte posterior. O que prova he, que cortando-se os pares anteriores ou posteriores somente, assim se destróe o exercicio dos movimentos ou dos sentimentos unicamente; e, quando não houvesse esta experienciá directa, a paralesya de huma funcção coincidindo com a integridade de outra em muitas enfermidades nervosas, era bastante para nos fazer concluir que estas duas funcções não podião ser executadas por agentes identicos. Ora se todos os actos do corpo humano, logo que são diversos, exigem orgãos

differentes, só as faculdades intellectuaes e moraes, que não são menos diversas entre si e numerosas, fariao excepção á esta lei? Se foi impossivel á natureza concentrar em hum só ponto material as funcçoens distinctas da vida organica, ser-lhe-hia facil faze-lo para aquellas, que constituem a esphera moral do homem? Não certamente, e se argumentos ha de analogia concludentes, este he hum delles.

Além das provas precedentes deduzidas da anatomia comparada, e directa sobre o corpo humano, ha outras de igual importancia em favor da pluralidade cerebral tiradas das mesmas funcçoens intellectuaes, e são as seguintes.

Se todas as faculdades fossem exercidas pelo cerebro em totalidade, quem sobressahisse em hum genero de estudo, deveria igualmente sobressahir em todos; e assim o grande poeta deveria ser ao mesmo tempo grande mathematico, grande musico, grande pintor, grande orador, etc. etc.; por quanto se hum mesmo orgão exerce todas as funcções, estando elle bem desenvolvido para manifestar com energia huma, deveria o mesmo acontecer forçosamente para com outras, visto ser elle o executor universal de todas. Entretanto o contrario he que tem lugar. Não ha homens universaes. Quantas vezes o bom geômetra he imbécil para a musica, nullo na poesia, e hum grande philosopho miseravel maquinista, ainda que todos elles se tenhão applicado com assiduidade á estas differentes profissões? Ora estes phenomenos, inexplicaveis na hypothese da unidade cerebral, são de facil explicação no systema contrario; por quanto admittindo-se que cada faculdade he exercida por hum orgão particular, e podendo estes orgãos (o que se não pode negar, pois que as observaçoes o demonstrão) desenvolverem-se independentemente huns dos outros, claro fica que se o individuo prevalece em huma especie de talento e em outra não, he que seu orgão respectivo está mais desenvolvido, que aquelles, cujas funcçoens são fracas ou nullas.

Nossas faculdades não se desenvolvem e se extinguem ao mesmo tempo, porem sim successivamente. Este facto he de observação commum, e sobre elle já tenho tido occasião de fallar mais de huma vez. Como he possivel explicar, na hypothese de que o cerebro em massa exerce todas e cada huma das funcçoens da intelligencia, esta apparição e desapparição successiva e não simultanea de nossas faculdades? Nao he absurdo dizer que hum mesmo orgão está apto para manifestar na infancia huma faculdade, e outra não, que vai apparecer na puberdade ou na virilidade? E na decadencia do homem estará esse mesmo orgão inhabilitado para exercer huma funcção, em quanto que outras executa com energia? Ora tudo isto inexplicavel na hypothose, que combato, he comforme á razão, e de facil comprehensão no systema da pluralidade. Tendo cada funcção intellectual seu orgão determinado no cerebro, e as differentes partes cerebraes desenvolvendo-se e atrophiando-se gradativamente, e em epocas differentes da vida, assim tambem as faculdades, que lhes são deparadas, se desenvolvem e se extinguem gradativamente, e em épocas differentes.

Não ha quem não tenha observado sobre si, que, depois de hum longo trabalho de estudo serio e meditativo, nossa rasão se fatiga, e sentimo-nos cansados; porém se passarmos á outros objectos, taes como a musica, a leitura de hum romance, de hum poema, da historia; á divertimentos, que exigem mesmo attenção, como o jogo de cartas, o bilhar, etc., achamo-nos com boa disposiçao, e não sentimos nossa razão fatigada. Ora se hum mesmo orgao exerce todas as funcções, como he possivel estar elle ao mesmo tempo fatigado para huma cousa e para outra não? Digâmos antes, seguindo a pluralidade, que, quando nos entregamos á huma especie de estudo, os orgãos de outras faculdades repousão, e se, quando mudamos de objecto, sentimo-nos bem dispostos, he que os orgãos, que até então repousavao, passão á ter exercicio, e aquelles, que trabalhavão, passão á ter descanso. Se, depois de cansados por estarmos longo tempo em pé, assentamo-nos, ou caminhamos, o encommodo desapparece. Que physiologista ha, que ignore que a fadiga, ou o descanço provém da assiduidade, ou actividade intermitente, em que pômos os orgãos musculares, e do emprego dos mesmos, ou de outros, segundo as attitudes e posiçoens que toma-

mos? « *Se a fadiga cessa,* diz Charles Bonnet, *quando a alma muda de objecto, he que ella obra por outras fibras.* » Este sabio fallou a verdade.

Cada especie animal tem faculdades, de que huma outra he privada. Este acto seria inexplicavel, se cada funcção não tivesse hum orgão particular. O castor tem o talento da construcção, o rouxinol o da musica, o cão o sentimento de amisade, a onça o instincto destruidor, huns animaes vivem em sociedade, outros no isolamento, finalmente a historia natural de huma á outra extremidade nos offerece as especies animaes diversificadas tanto pelo physico, como pelo numero e destribuição differentes de faculdades e qualidades, com que a natureza as dotára; e será sempre impossivel que cada especie adquira as qualidades de outra: assim o rouxinol nunca terá o talento da construcção como o castor, a fidelidade, e amizade do cão, o instincto destruidor e sanguinario da onça, do tigre, do leão, da mesma maneira que estes animaes nunca teráõ o talento para a musica como o rouxinol. Esta mesma observação se pode applicar á outras especies. Ora se o cerebro fosse o orgão unico e universal de todos estes attributos, todos os animaes deverião possui-los indistinctamente, por quanto todos elles possuem o orgão cerebral. Nesta hypothese não se poderia achar a razão organica, que determina a superioridade de huns sobre outros, e a supremacia do mesmo homem ficaria sem fundamento. Mas admittindo-se que cada faculdade tem huma porção cerebral propria, concebe-se facilmente que não só cada animal, como as differentes especies em geral, podem ser privadas de certas partes cerebraes, de que outras são dotadas, e assim não ter certas faculdades e qualidades, que outras possuem. Esta verdade tanto mais se evidencia, quanto, comparando os animaes entre si, vê-se, que á medida que o ente animado tem maior ou menor numero de faculdades, assim o seu cerebro he composto de maior ou menor numero de partes. E com effeito mais intelligente he o animal, mais as partes anteriores e superiores do cerebro são desenvolvidas. A' proporção que se desce na escala zoologica, partindo do homem, primeiro na ordem intellectual, e que as faculdades da intelligencia vão-se desapparecendo, tambem as partes cerebraes anteriores e superiores vão-se ausentando, a testa vai-se deprimindo, e abatendo pouco á pouco até chegar-se aos entes mais estupidos, onde a cabeça, e a face estão situadas no mesmo plano. Nos animaes hermaphroditos, onde não existe amor dos sexos, não ha tambem cerebello; entretanto que este orgão não falta em todos aquelles que se reproduzem por sexos distinctos e separados. Os animaes carnivoros tem as partes lateraes situadas acima do conducto auditivo muito desenvolvidas, o que se não encontra nos animaes frugivoros e pacificos, e nós veremos na 3.ª parte que neste lugar existe o orgão da destruição, que não possuem estes ultimos animaes. Que consequencia tiraremos agora destes factos? Certamente se a existencia ou a falta de certas partes cerebraes involve a existencia ou a falta de certas faculdades e não de todas, segue-se rigorosamente que cada intincto, cada sentimento, e cada faculdade, tem no cerebro hum orgão particular, e que o principio da pluralidade, fundando-se em factos e observaçoens desta importancia, está solidamente constituido.

Do exposto resulta huma verdade, e he que a esphera intellectual e moral de cada animal está na rasão do numero das partes constituintes de seu cerebro. E com effeito na serie dos entes viventes mais simples he este orgão, menos extensa he sua esphera moral. A medida porém que elle se compõe e se multiplica o numero de suas partes organicas, as relações moraes, as faculdades se estendem, e se tornão mais numerosas. Pode se mesmo debaixo deste ponto de vista fazer-se huma escala gradativa desde os animaes mais simplices até o homem, e mostrar-se a condição material, que neste ultimo ente constitue o caracter da humanidade. Eu espero que isto será alcançado pelos progressos ulteriores da phrenologia comparada, já gloriosamente encetada pelos trabalhos recentes de Mr. Vimont. Resulta igualmente d'aqui que a perfectibilidade do homem não he indifinida, como querem muitos philosophos. A verdadeira perfeição he aquella que consiste na acquisição de novas faculdades, e como isto não he possivel sem hum acrescimo corres-

pondente de novas partes cerebraes, e em quanto a especie humana fôr tal qual he, não podendo este numero ser augmentado, nem diminuido, pois que não depende nem de nosso arbitrio e influencia, nem a naturesa o faz, o que envolveria huma mudança radical na essencia actual da natureza humana, claro fica, que debaixo deste ponto de vista o homem não pode ser perfectivel.

Ha outra especie de perfectibilidade no entender dos philosophos, e he aquella, que consiste no aperfeiçoamento sempre progressivo e illimitado das faculdades, que possuimos. Certamente he doçe, glorioso e lisongeiro ao nosso orgulho o emballarmo-nos da esperança de hum aperfeiçoamento sempre crescente da nossa especie. Mas ah! a vida humana he huma successão de enganos! as leis da organisação e os fastos da historia destroem ainda as illusões dos philosophos. Os homens de hoje são e serão o que sempre forão os da mais remota idade. E nem se diga em contraposição, que a epoca actual he mais civilisada; por quanto este argumento bem analysado perde a força que parece ter á primeira vista. Hoje, como em todos os tempos, a civilisação sempre foi concentrada em hum pequeno numero de homens. As grandes massas sempre existirão sepultadas na ignorancia, no erro, no prejuiso e na superstição. A escravidão, a brutalidade, os prazeres sensuaes e grosseiros sempre forão a partilha das maiorias; se a geração actual não tem os vicios e os prejuisos da antiga, tem em compensação outros de igual consequencia,

Da mesma maneira antigamente houverão homens, cujas producçoes literarias, ou das bellas artes, ainda hoje nos causão admiração, e são de huma perfeição igual á aquellas dos genios mais sublimados dos seculos modernos. Quando he que as obras de Homéro, Horacio, Virgilio, Ovidio, e outros muitos deixarão de ser consideradas? Quando he que as obras de Praxiteles serão tidas em menos preço? Quando he que os talentos militares de Cesar, os talentos politicos de Pericles etc. etc. deixarão de ser admirados? Ora tudo isto prova que a perfectibilidade do homem está determinada por sua organisação, e esta organisação sendo a mesma em todos os tempos, segue-se que os homens com o volver dos seculos, não podendo mudar a sua natureza, não podem ser infinitamente perfectiveis. Todavia eu não nego que nossas faculdades não sejão susceptiveis de aperfeiçoamento. Longe de mim tal pensar. Certamente he innegavel a grande distancia que ha entre o homem bruto, e o homem civilisado. Porém este aperfeiçoamento estando na rasão composta do maior ou menor desenvolvimento de cada orgão cerebral, e da educação, e não sendo illimitada a influencia destes dous elementos, segue-se ainda desta consideração, que a perfeição humana tem limites determinados. O indifinido neste ponto provem da impossibilidade em que estamos de assignar e marcar estes limites; porem elles não estão tão distantes, como julgão os philosophos em suas illusoens. Esta materia he de tanta importancia que só ella mereceria huma these consagrada ao seu desenvolvimento.

Terminarei finalmente este artigo á favor da pluralidade cerebral por algumas rasoens, que nos ministra a medicina. Quem tem a mais leve tintura desta sciencia sabe, que nas monomanias os individuos desarrasôão sobre hum ponto fixo, entretanto que sobre tudo mais raciocinão e conversão com a maior ligação e seguimento. Monomaniacos ha, com os quaes se pode entreter huma conversação por muito tempo, e se ella nunca versar sobre objectos, que tenhão relação com a faculdade lesada, não se poderá conhecer qual a especie de loucura de que o individuo he affectado. Demangeon refere hum caso galante de hum doudo que se julgava ser o Padre Eterno. Este homem conversava com hum estrangeiro mostrando o maior bom senso e sem nunca manifestar sua especie de loucura; mas passando este á vesitar outro alienado, que se julgava ser filho do Padre Eterno, grita-lhe o primeiro: « *Senhor não fallai com esse homem; he hum louco, que julga ser o filho de Deos; o que he falso: por quanto eu, que sou o Padre eterno, o saberia melhor que ninguem.* » O mesmo autor conta o caso de huma Senhora, que raciocinava mui consequentemente sobre todos os objectos em quanto se lhe fallava em huma certa distancia; porém aproximando-se-lhe ella recuava assustada dizendo: « *accautellai-vos para não que-*

brar o meu vidro. » A monomania desta Senhora era imaginar-se estar dentro de huma garrafa de espirito de vinho. Como este mil outros exemplos pudéra citar de que abundao os authores, para onde remetto o leitor curioso, pois numerosos exemplos não são compativeis com huma these. Ora, se todas as faculdades fossem exercidas por hum e o mesmo orgao, como seria possivel conceber que hum mesmo agente material esteja lesado para exercer huma funcçao, entretanto que executa outras com perfeiçao e regularidade? Não he mais conforme á rasão e aos factos dizer-se que tendo cada faculdade seu orgão determinado, e podendo os orgãos cerebraes independentemente huns dos outros se alterarem por causas mórbidas apparentes ou occultas, assim as faculdades respectivas soffrerem alteração ou perversao, em quanto que outras, cujos instrumentos materiaes estão illesos, manifestao em seu exercicio toda a perfeiçao e integridade?

Em conclusão, tendo demonstrado que a contradição e o absurdo resultão de todas as suppos çoens contrarias á pluralidade de orgaos para as diversas funcçoens primitivas, segue-se que ou devemos admiti-la, ou feixando os olhos aos factos, ao raciocinio e á experiencia, nao devemos então fazer uso algum da nossa rasão.

5.° MODELAÇAÕ DO CRANEO SOBRE O CEREBRO.

Como cada faculdade tem seu orgão particular, e occupando os orgãos no cerebro differentes posiçoens, a phrenologia seria huma sciencia incompleta, senão tivesse hum meio de conhecer suas posiçoens respectivas. Para isto era necessario, que o craneo modelando-se sobre o cerebro, suas eminencias e depressoens fossem determinadas pelo maior ou menor desenvolvimento dos instrumentos materiaes das faculdades, e assim indicassem a energia ou fraqueza destas. He com effeito o que tem lugar, como se prova observando o desenvolvimento do craneo em relaçao ao cerebro segundo as idades.

No feto o cerebro já existe sem que se descubra vestigio algum do craneo. Aquelle orgão he somente coberto por suas membranas, sendo a exterior cartilaginósa e destinada á ser mudada em ôsso. Apparecem da setima á oitava semana sobre esta membrana tantos pontos de ossificação quantos são os ôssos do craneo. Com os progressos ulteriôres da organisaçao, estes pontos se estendem pela deposição de novas moléculas ôsseas até que encontrando-se huns com os outros formão os ossos, cujas extremidades e margens unindo-se formao as suturas, e fechão a cavidade, que contém o cerebro. Ora como esta ossificaçao he formada sobre o modelo da membrana cartilaginosa, e esta representa exactamente a forma do cerebro, segue-se de toda a necessidade, que a modelação do craneo he determinada pelo orgão cerebral; donde resulta que sua capacidade está na rasão do maior ou menor volume da massa encephálica, e sua forma na do desenvolvimento das differentes partes desta viscera. Que o craneo se modéla sobre o cerebro mais se evidencia observando, que sua configuração, bem como a de todas as partes do corpo, differe originariamente de individuo para individuo, differença esta de tanto mais pezo, quanto ella guarda justas relaçoens com a que appresenta este ultimo orgao, o que certameute nao teria lugar na supposição contraria.

Depois do nascimento bem que o craneo tenha adquirido consistencia e solidez, á excepção dos lugares, onde residem as fontanellas, todavia seu desenvolvimento ulterior he enfluenciado pelo orgão cerebral contido dentro de sua cavidade; e nem se diga que huma substancia pulposa como esta seja impotente para imprimir e dar a sua forma á outra de muito maior consistencia e solidez. O aneurisma da aorta thorácica ou ventral nao destroe e liquefica pelo andar do tempo os ossos da columna vertebral? o fungos da dura-mater não perfóra a caixa craneana? o polypo das fossas nasáes ou dos seios maxillares não desjunta os ossos destas regioens? O cerebro de hum menino de hum ou dous annos he visivelmente

menor, que o de hum menino de oito ou dez, e com mais forte razão, que o d'aquelle, que tem doze para dezaseis, ou que o de hum adulto. Ora, se o craneo não crescesse em proporção com o desenvolvimento do cerebro, onde se conterião a massa total, e os differentes lóbos salientes desta viscera, cujo volume se augmenta progressivamente até a virilidade? Que as differentes circumvoluçoens cerebraes determinão depressoens na superfice interna do craneo, e por conseguinte elevaçoens correspondentes na exterior, evidencia-se observando a lamina interna deste orgão em hum adulto. Ninguem, que tenha luzes de anatomia, negará que as impressoens digitaes, as depressoens das fossas temporaes, as do occipital, e dos parietaes, sejão determinadas pelo cerebro, e cerebello; e he impossivel confundi-las com aquellas que são o resultado da acção pulsativa dos vasos arteriaes. O que se observa á respeito do craneo em geral, tem lugar para com suas differentes partes em particular. Em quanto os orgãos da intelligencia situados na parte anterior não se desenvolvem, como accontece nos meninos de pouca idade, o frontal he pequeno, tem pouca altura e largura; mas à proporção que o individuo se aproxima da virilidade, onde elles completão seu crescimento, o frontal se eleva, se torna perpendicular e espaçôso. Antes da puberdade o occipital he estreito em sua metade inferior, porem chegando á esta idade, em consequencia do desenvolvimento do cerebello, elle se torna mais largo e proeminente. As mulheres tem os lóbos posteriores do cerebro mais crescidos que o homem, e coincidentemente as partes superiores e posteriores de craneo são nellas mais salientes. Ora, se a caixa craneana não se modelasse sobre o cerebro, o crescimento desigual de suas partes não estaria em relação, e muito menos seguiria o desenvolvimento parcial dos orgãos encephalicos. Não se pense todavia que o crescimento do craneo he feito, cedendo elle ao esforço mecanico e expansivo do cerebro unicamente. Aquelle orgão, como todas as partes do corpo, está sujeito ás leis da nutrição, soffrendo usura, secressão, composição, e decomposição, e pouco á pouco todas as molleculas componentes antigas são absorvidas e eliminadas, vindo outras novas substitui-las. Nesta substituição successiva, em consequencia do maior volume e esforço expansivo do cerebro, as novas molleculas nutritivas são depostas em huma distancia mais excentrica, e assim a capacidade do craneo vai-se augmentando gradativamente até adquirir aquellas dimensoens, que determina o ultimo desenvolvimento da massa cerebral.

Cumpre notar que os ossos largos da cabeça são compostos de duas laminas, externa e interna, existindo entre ellas huma substancia ossea e esponjósa chamada — *deploé.* Estas duas laminas não são exactamente parallelas, e d'aqui tirão os antiphrenologistas argumentos para destruir a craneologia; mas a objecção não progride refletindo-se que esta falta de parallelismo he de hum terço ou a metade, e quando muito de huma linha, ou pouco mais; entretanto que, segundo as observaçoens de Combe e Broussais, os orgãos dos instinctos e sentimentos crescem huma pollegada e mais as vezes, e os da intelligencia, bem que cresção menos, todavia o seu volume, quando bem desenvolvido, he bastante consideravel para deixar sem effeito esta inclinação angular das laminas. Alem disto o phrenologista não pretende assignalar as gradaçoens de desenvolvimeuto minuciosas e mesquinhas, e, em suas observaçoens á respeito da localisação dos orgãos, elle só procura aquelles, cujo crescimento e nergia de funcção são taes, que neutralisem qualquer outra causa, que possa conduzi-lo ao erro. Este processo ensinado por Gall, e seguido por seus successores, he o unico verdadeiro e infallivel. Objectão mais que os seios frontaes obstão á determinação dos orgãos; pôrem esta difficuldade igualmente desapparece observando-se que os seios começão á existir dos doze annos por diante, época em que já se pode muito bem analysar os orgãos situados na parte anterior e inferior do cerebro, como os da individualidade, eventualidade, cujo desenvolvimento he então bastante apreciavel no caso que o individuo tenha estas faculdades bem pronunciadas. Na puberdade o craneo não tem mais que huma linha de espessura, e duas, quando muito, na idade adulta. O que vale isto para neutralisar observaçoens de orgãos bem desenvolvidos? Na velhice quando os seios frontaes são maiores não he tambem a época escolhida pelos phrenologistas para semelhantes indagaçoens.

Na decrepitude o cerebro diminue de volume, se atrophia, suas circumvoluçoens emmagrecem, e, separando-se humas de outras, tornão as anfractuosidades mais espaçosas; pode-se mesmo dizer, que nos ultimos tempos da vida este orgão tem diminuido perto de huma pollegada. Se o craneo nao seguisse as variaçoens e modificaçoens do cerebro deveria haver entre elles hum vasio proporcional ao decrescimento desta viscera, e entretanto isto se não observa. A medida que o cerebro vai decrescendo com os progressos da idade, a lamina interna do craneo o vai acompanhando na mesma razão, e assim se torna menor sua capacidade. A lamina externa conserva sua antiga posição, e eis porque o volume exterior permanace o mesmo, guardando suas dimensoens primitivas. A prova deste facto, isto he, que a lamina interna e não a externa segue o cerebro em seu decrescimento, he dada pela espessura maior do craneo dos velhos, occasionada pela deposição augmentada de substancia interóssea, a largura consideravel dos seios frontaes, a entrada para dentro da cavidade craneana da lamina superior e interna da abobada orbitaria, demonstrada pelo intervallo, que apparece entre ella e a inferior, e a diminuição consideravel das fossas frontaes, temporaes e occipitaes. Este seguimento apoz do cerebro he feito por hum processo inverso d'aquelle, que servio para augmentar a cavidade, que o contem. Como a massa encephalica vai pouco á pouco diminuindo de volume, e não exerce mais sobre os ossos huma acção excentrica, as novas molleculas componentes, substituindo as antigas, que são eliminadas, vão-se collocando em huma posiçao mais central. A idade decrepita não he a propria, e nem he escolhida pelos phrenologistas para as observaçoens, tanto mais, quanto as faculdades por sua fraqueza e quasi total extincção não se prestão ás experiencias; assim a idade adulta he debaixo de todos os pontos de vista preferivel.

Como no estado de saude, o craneo segue todas as alteraçoens, que padece o cerebro no estado mórbido, ou anormal. Se o individuo nasce acephalo, o que acontece algumas vezes, o craneo nao se desenvolve. Na hydrocephalia este orgão cedendo á força expansiva do liquido, que se augmenta continuamente, adquire hum volume consideravel. Nas enfermidades mentaes de longa duraçao, cujo effeito he atrophiar a massa cerebral, o craneo diminue de capacidade, como se observa nas pessoas propensas ao suicidio; donde resulta que a propensão constante de certos individuos a suicidarem-se, he huma verdadeira enfermidade mental, que, atrophiando e mirrando o cerebro, concentra, perverte, e ennegrece todas as idéas, e á resto lhes inspira o desejo da propria destruição, como aconteceo com hum sujeito, cujo cerebro Gall encontrou de huma pequenhez consideravel, e o craneo de huma espessura excessiva, e, que antes de se tirar a vida, tirou primeiro a de sua mulher apesar de estima-la extremosamente.

Quem agora á vista dos factos e razoens expendidas, negará que o craneo se modéle sobre o cerebro, e que sendo suas eminencias e depressoens determinadas pelo maior ou menor desenvolvimento dos orgaos, se pode por ellas conhecer a posição destes, como tambem a energia ou fraquesa das faculdades? « *Tempo virá*, diz Gall, *em que a organisação explicará á posteridade a gloria ou a vergonha dos homens celebres*; *e será pela fidelidade das fórmas das cabeças, que os artistas transmittirem á nossos netos, que se rectificará a parcialidade e as mentiras dos historiadores.* » Eu igualmente assim o espero.

Tem aqui cabimento o referir huma anedocta, que traz Broussais na sua obra. O Marquez de Mascardi, chefe da justiça criminal em Napoles, tinha estudado as obras do physionomista Porta, e a physiologia de Cabanis. Sempre que hum criminoso condemnado á morte se obstinava em negar o crime, bem que tivesse contra si depoimentos fortes, elle o fazia comparecer em sua presença e depois de examinar attentamente seu todo, a face, a cabeça, dava entao hum juizo definitivo lavrando huma das sentenças seguintes:

1.ª *Auditis testibus pro et contra, visa facie et examinato capite, ad furcas damnamus.*
2.ª *Auditis testibus pro et contrá, reo ad denegandum obstinato, visa facie et examinato capite, non ad furcas, sed ad catenas damnamus.*

REFLEXÃO.

Eis aqui os cinco principios fundamentaes, em que se basêa a phrenologia. Em huma sciencia tão vasta como esta, e no estreito circulo de huma these, não me era possivel tocar em todos os factos e consideraçoens, que os authores trazem em seu apoio, e que os tornão para sempre incontestaveis; tambem estou persuadido, que huma verdade não he estabelecida pelo numero de razoens, mas sim pela solidez dellas, e que hum só facto, huma só razão desta naturesa, he bastante para firmar, e eternisar hum principio. Os detractores da phrenologia, para levarem avante os seus projectos, devem começar por destruir os fundamentos desta sciencia, não com sophismas, consideraçoens abstractas, razoens á *prióri*, porem sim com factos, experiencias, e razoens de huma importancia igual á aquellas, que servirão para seu estabelecimento. Que valem mil especulaçoens, mil suppostos absurdos, mil incompatibilidades, mil contradiçoens, mil outras cousas emfim, forjadas no gabinete, e só existentes na imaginação d'aquelle, que as produz, perante hum só facto phrenologico bem averiguado? nada, absolutamente nada. As pessoas, que amão o progresso em todos os ramos dos conhecimentos humanos, e que sabem conhecer o valor dos argumentos, ficarão convencidas da veracidade dos principios, em que se funda a phrenologia, e por conseguinte desta sciencia; aquellas porem, que estacionarias, e recheadas de prejuisos, jurárão se inscrever contra a razão e a evidencia, que meios há de as convencer? Para essas eu e meos argumentos somos barbaros, e representamos o papel de Ovidio entre os habitantes do Ponto Euxino:

Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis.

TERCEIRA PARTE.

ORGANOLOGIA ESPECIAL.

CLASSIFICAÇAO E DESCRIPÇAO DAS FACULDADES.

Os phrenologistas dividem todas as faculdades do homem em tres ordens, em faculdades instinctivas, affectivas, e intellectuaes, ou em instinctos, sentimentos, e intelligencia. Cada huma destas ordens tem regioens proprias e distinctas no cerebro; a primeira occupa as partes posteriores, inferiores, e lateraes, a segunda as superiores e posteriores, e a terceira as anteriores. Relaçoens evidentes ligão estas tres divisoens das funcçoens intellectuaes e affectivas com as partes do cerebro correspondentes; por quanto se por hum vicio de organisação deixa de ter desenvolvimento huma destas regioens, ou este desenvolvimento he incompleto, o individuo assim conformado nao possue, ou manifesta incompletamente as faculdades respectivas, como se observa nos idiotas.

Os instinctos determinão acçoens para conservação e reprodução da especie, os sentimentos obrigão os homens á viver em sociedade, são o movel de suas acçoens sociaes e os elementos da civilisação, e as faculdades intellectuaes tem por fim a acquisição de conhecimentos; e neste sentido se dividem em duas especies, em receptivas, que colhem as impressoens determinadas pelos objectos exteriores e interiores, e em reflectivas, que elaborando estas impressoens formão as idéas e os conhecimentos. Os animaes partilhão com o homem todas as funcçoens da primeira ordem, a maior parte das da segunda, e algumas das da terceira, segundo a escala de sua perfeição.

Como todos os corpos da natureza, assim estas faculdades, alem de seu caracter proprio e fundamental, possuem certas maneiras, modos de acção, ou attributos geraes, que he necessario bem distinguir para, na variação infinita de suas combinaçoens e applicaçoens, poder-se conhecer sua natureza primitiva; o que he de tanto mais importancia, quanto os philosophos tomão estes modos de acção por faculdades fundamentaes. Os phrenologistas dão os seguintes caracteres, pelos quaes se pode conhecer, se huma faculdade he primitiva

e radical: 1.° quando ella não se manifesta nem se extingue ao mesmo tempo que as outras; 2.° quando no mesmo individuo não guarda proporçoens de energia e actividade com outras; 3.° quando só conserva sua actividade, em quanto outras estão paralisadas por huma causa qualquer; 4.° quando pode entrar em acção ou repousar separadamente; 5.° quando independentemente das outras pode alterar ou conservar sua integridade; 6.° quando existe em huma especie de animaes, e em outra não; 7.° quando appresenta diversos gráos de energia nos dous sexos da mesma especie. Todos estes caracteres adquirem maior valor, quando elles coincidem com modificaçoens correspondentes dos orgãos cerebraes.

Para se estudar com proveito a phrenologia he necessario nunca perder de vista; 1.° a situação de cada orgão; 2.° a tendencia especial, e a natureza de cada faculdade; 3.° as acçoens variadas, que cada huma dellas appresenta, quando entra em combinação com outras, e os effeitos diversos, e oppostos, que resultão do grande ou fraco desenvolvimento de seu orgão respectivo. Faltão-me expressones para fazer bem sentir a importancia deste ultimo preceito; por quanto, quem o despresar, não poderá nunca estudar com proveito esta sciencia, e se perderá inevitavelmente no meio de acçoens mil veses diversificadas pelo habito, exercicio, e educação, tomando por indenticas humas, que o são apparentemente, sendo essencialmente distinctas e emanadas de moveis differentes, e por diversas outras, que parecem taes só pela diversidade de suas applicaçoens.

Após da descripção de cada orgão dão os authores exemplos positivos e negativos d'aquelles homens, em quem os orgãos, e por conseguinte as faculdades, se achavão em grande ou fraco desenvolvimento; porem como estes exemplos para offerecerem utilidade he necessario, que se possuão pelo menos os retratos ou os bustos destas personagens, como tambem a historia de sua vida, e não estando isto ao alcance de todos, assim eu tratarei philosophicamente dos orgãos, remettendo o leitor curioso para as obras especiaes de phrenologia.

PRIMEIRA ORDEM.

DOS INSTINCTOS.

1. AMATIVIDADE.

A natureza admittindo a destruição, a reproducção era huma necessidade para a perpetuação da especie. Esta funcção, exigindo a juncção dos dous sexos, seria impossivel sem huma força, que os unisse. Esta faculdade determina o amor dos sexos. Seu orgão he o cerebello. Quando he muito desenvolvido, o occipital he saliente em sua ametade inferior, e a nuca appresenta grande largura de huma orelha á outra. Os individuos, ho-

mem ou mulher, em quem esta funcção he excessivamente energica, não se contentão com hum, porem tem ordinariamente muitos amantes, e se são unidos pelo laço conjugal, á não serem auxiliados pela intelligencia, moralidade, e boa educação, a fidelidade reciproca he difficil. Este orgão he muito mais desenvolvido nos homens, que nas mulheres, e mais nos machos, que nas femeas entre os animaes, e eis o motivo porque o sexo forte he quem emprehende a conquista do bello sexo, que dominado pelo pudor simula evitar aquillo mesmo, que deseja seu coração. Quando elle he fraco, ha indefferença para o sexo; e he de observação, que em geral os individuos assim conformados são toscos, grosseiros, e nem sempre de bons costumes; donde resulta que a doçura nas expreçoens, a polidez nas maneiras, e não pouco a boa moral, são em grande parte o resultado do commercio familiar, porem justo e legal, com aquelle sexo, cujo imperio sobre o coração do homem he omnipotente. Em taes individuos a continencia he huma virtude passiva, porque não lhes he difficil observa-la, e são os entes mais proprios para serem religiosos e celibatarios.

Quando este orgão se deprava, conduz a pessoa á usar de si mesma, vicio favorecido pela pouca energia das faculdades intellectuaes e sentimentaes, e mais que tudo pela educação, exemplo, e sequestração dos sexos; mas não se pense, que a corrupção da mocidade debaixo deste ponto de vista seja somente o resultado do exemplo e frequentação de certos lugares; o que he verdade, quando o orgão he pouco desenvolvido, porem no caso contrario toda a precaução he inutil, e hum rapaz mesmo isolado he naturalmente excitado á satisfazer-se, disposição esta, que está no numero d'aquellas, que se exercem sem educação antecedente, e he difficil evitar o crime á aquelle, que vivendo na solidão não acha recursos para satisfaser esta paixão imperiosa da natureza. Daqui se vê quanto o celibato he ruinoso e prejudicial aos individuos. No meu conceito a prohibição do sexo he a mais infame, a mais tyranna das leis. Se a mulher foi feita para o homem, porque rasão separal-os? Hum amor bem regrado e desenvolvido em justas proporçoens equivale á dous terços pelo menos da felicidade total do homem, e aquelle, cujo coração não tem palpitado por esta paixão, não sabe para que vive, e quando morre vai sem saber para que viveo. E com effeito condemnar hum homem á viver sem derramar seu coração no seio de huma esposa adorada, á morrer sem deixar sobre a terra hum homem semelhante á si, he violar a lei da creação, he insultar a Divindade, he substituir sua vontade á do Creador de todas as cousas, he pretender reformar a creatura, he calcar aos pes, o que ha de mais sagrado, he finalmente o cumulo do orgulho, do delirio, e da iniquidade. Acresce ainda que o celibato he huma origem fecunda de deboches e corrupção sempre fataes á seus authores, ás familias, e á sociedade. Os celibatarios sao pouco delicados em suas escolhas, os lugares e as pessoas, que são o objecto de seus amores, e muitas vezes depois de se terem impregnado por huma prostituição vergonhosa de hum veneno fatal, se os vê se introduzirem nas familias mais respeitaveis, surprehender a fé conjugal, illudir huma esposa innocente, dár finalmente á sociedade filhos viciados ou rachiticos, e corromper assim muitas geraçoens. Para evitar estes males não he melhor deixar o homem, seguindo o impulso da naturesa, e obedecendo ás leis do Creador, ligar-se á huma esposa amante e carinhosa?! Se a Divindade authorisasse o celibato, como huma virtude, porque rasão daria ella á hum e á outro sexo a faculdade de se amarem? » O instincto, diz Ottin no seu resumo sobre o systema de Lavater, que une os sexos, he no homem huma das potencias, que mais imperiosamente o dominão. Prejuisos religiosos, hum trabalho corporal excessivo, huma contensão de espirito extraordinaria, podem enfraquecel-o, porem ha huma circunstancia no mundo, que o possa realmente annullar? Cita-se a abstinencia dos atheletas, a das Vestaes, dos cantores, a dos piedosos cenobitas, e de alguns homens taes como Newton, que passarão toda sua vida

em huma fria indifferença. Se são isto verdadeiras e authenticas excepçoens, está por ventura provado que ellas não tenhão sido huma desgraça ou hum tormento para os individuos, huma perda e muitas vezes mesmo huma desordem para a sociedade? No estado social como no estado de natureza, o celibato não se explica, não se liga á facto algum physico, e se acha formalmente em opposição com as intençoens do Creador. Eu quero crer todavía que a inclinaçao geradora seja pouco pronunciada em muitos individuos ; que pessoas piedosas, empenhadas por votos solemnes, tenhão observado huma abstinencia severa ; que a moral, a timidez, a falta de occasiões, tenhão sido para outras motivos capazes de reprimir os desejos. Porem na maior parte dos casos, a natureza tem ella realmente perdido os seus direitos, e o somno não tem elle sido causa de praseres, que a rasão reprova?

« Em toda serie animal, o amor he huma crise que varia em duração e intensidade de huma especie á outra, porem que não he nulla para individuo algum. Se no exame de maridos impotentes os desejos são menos vivos, menos ardentes na maior parte dos animaes, que no homem ; enganar-se-hia se se pensasse que os extases de amor são menos profundos. Hume certa phlogóse, as emocções não equivocas de huma mutua agitação, e a doce melancolia, que os acompanha, manifestão a troca dos sentimentos os mais ternos e a sorte de fuzão de duas existencias em huma só. A femea cede raras vezes ás primeiras instancias do macho ; quasi sempre dir-se-hia que ella repelle os praseres que deseja. Ella he de ordinario mais recatada, mais moderada, e oppõe huma resistencia, que, longe de amortecer os desejos, augmenta ainda o orgasmo á que os dous amantes estão sujeitos.

Que espectaculo para hum olho observador e penetrante, como o de hum valle risonho em hum bello dia da primavera ! Que mais tocante situação como a de huma moça nas primeiras sensações, que desenvolve nella a nubilidade ! Esta inquietação, que sua innocencia ousa apenas confessar, esta perturbaçao, que ella experimenta ao aspecto do homem, cujo presença começa á lhe agradar, são outros tantos mysterios no meio dos quaes se perde por algum tempo sua candida ingenuidade, e que centuplicão o brilho de seus encantos nascentes. » A' esta eloquente descripçao feita por Ottin que poderei eu mais acrescentar? Nada absolutamente.

2. PHILOGENITURA

Este orgão está situado nos lóbos posteriores e inferiores do cerebro, separado do precedente pela tenda do cerebello, e o seio transverso da dura-mater. Quando he muito desenvolvido, e fraco o orgão precedente, a parte posterier da cabeça he saliente, e perece se inclinar ; porem não se tome por tal a protuberancia, e linhas occipitaes, com que muitas pessoas pouco versadas em phrenologia se enganão. A tendencia primitiva desta faculdade he de produsir o amor dos filhos ; pois inutil seria a geração, se não houvesse huma força ou instincto intrinseco á nossa naturesa, que nos obrigasse á pensar e amar os seus productos. Ella não pode ser considerada como huma applicação diversa da precedente ; porquanto pessoas ha muito ardentes, que são indifferentes para com os filhos, em quanto outras muito frias lhes consagrão hum amor delirante. He igualmente diversa da benificencia e do amor proprio, pois muitos, que estimão os filhos, pouco se importão com os adultos, e orgulhosos ha, que os adorão, emquanto outros igualmente altivos são indifferentes ; e nem tão pouco pode ser o resultado da educação e outras qualidades moraes, visto que os individuos da ultima classe social, que não recebem educação algu-

ma, amão extremosamente seus filhos, e a faculdade existe nos animaes, que não são susceptiveis de moralidade. Este orgão he mais desenvolvido nas mulheres que nos homens, e mais nas femeas que nos machos entre os animaes. Huma menina ainda na tenra idade já manifesta esta inclinação, vestindo bonecas, dirigindo-lhes discursos, deitando-as, procurando em fim todos os commodos, como se fossem entes animados; entretanto que os brincos dos meninos são mais grosseiros e de natureza á exercitar suas forças musculares, indicando assim a futura grandesa, e diversos misteres, à que o homem he destinado; o que tudo se explica pela diversidade organica cerebral.

3. HABITATIVIDADE.

Este orgão está situado acima do precedente, e abaixo do da estima de si.

A tendencia primitiva da faculdade he de produzir o amor, e affeicção aos lugares, onde se passão as scenas da vida. Todos os animaes não são cosmopolitas, e entre os homens nem todos seguem a maxima — *ubi bene, ibi patria*, o que senão pode explicar sem huma relação existente entre cada individuo e o lugar, que primeiro vio sua existencia Spurzheim diversifica de Combe sobre a naturesa desta faculdade. Este ultimo, observando que os homens e os animaes, que mais sobresahem pela energia de attenção, com que se applicão á qualquer objecto, tem esta parte saliente, diz que este orgão tem por fim concentrar e dirigir a actividade simultanea, ou combinada de huma, duas, ou mais faculdades, e neste sentido deu á sua funcção o nome de *concentratividade*. Spurzheim, vendo que os diversos animaes não habitão os mesmos lugares; que a tartaruga e o pato, por exemplo, a penas nascidos, correm logo para agoa; que entre as aves humas procurao habitar o alto das montanhas, o cume dos rochedos, a summidade das arvores, em quanto outras procurão os subterraneos e os valles; e que todos os animaes finalmente habitão diversos sitios, revelando assim o voto da naturesa, que parece querer ver toda a superficie da terra habitada, considera este orgão como produzindo o amor dos entes vivos para os lugares que habitão. Segundo Broussais, Mr. Vimont dicide a questão. Analysando este sabio a cabeça de setecentos animaes muito attentos, como são todos os caçadores, encontrou a porção cerebral situada acima deste orgão mais desenvolvida que nos animaes inattentos; donde elle conclue a existencia de duas faculdades distinctas, vindo o orgão da concentratividade a residir acima do da habitatividade. Quando este orgão he muito desenvolvido, occasiona saudades intensas, quando se deixão os lugares patrios, chegando á causar huma enfermidade chamada — *nostalgia*. Sua fraquesa predispõe os animaes e os homens para serem errantes e vagabundos.

4. AFFECCIONIVIDADE.

Està situado ao lado do precedente, acima e na parte lateral da philogenitura. A tendencia especial da faculdade he de produzir o amor e affeicção para com os entes da nossa especie. Sua applicação á este ou aquelle individuo em particular constitue a amisade. Este orgão he o germen da associação entre os homens, e de muitos animaes, como as ovelhas, os corvos etc. que vivem em sociedade; donde se vê, quanto he falsa a opinião de Rousseau e outros, que attribuem a origem da sociedade ás instituiçoens, ou ao aberramento do

estado primitivo do homem. As leis só servem para regularisar a fórma, e dirigir nossos sentimentos para hum fim util á todos os membros associados; fim que ellas não attingirião, se o germen social não fosse o resultado da nossa organisação.

A fraqueza deste orgão predispõe os homens para viverem isolados, e se faserem monges e anachoretas; ao contrario quando elle he forte, os individuos são extremosos na amisade. e não duvidão arriscar sua existencia para salvar a do amigo. Mas ah! quanto isto he raro! quantas veses o nome de hum amigo acculta o coração de hum traidor! eis porque diz la Fontaine.

Chacun se dit ami; mais fou est qui s'y prenne;
Rien n'est pas plus commun que le nom,
Rien n'est pas plus rare que la chose.

5. COMBATIVIDADE.

Este orgão está situado atraz da orelha, na parte posterior e inferior do osso parietal. Sua acção primitiva he o instincto da defeza de si e da propriedade, e induz o individuo á vencer e arrostar os obstaculos, que se oppoem á estes fins; e eis o que se chama coragem. Quando este orgão he muito desenvolvido, impelle os homens e animaes á procurar brigas, rusgas, desavenças por toda parte; e foi examinando individuos desta natureza que Gall o descubrio. Em virtude desta faculdade não soffremos sem replica os insultos e vituperios; e quando não podemos vingar nosso amor proprio offendido, resulta d'aqui huma a versão contra o offensor, a qual se chama odio, que he tanto mais forte, concentrado, e duravel, quanto o orgão da faculdade he mais desenvolvido. Sua fraqueza produz a cobardia, e pussillanimidade, e os individuos assim conformados soffrem com o maior socego e tranquillidade as injurias mais atrozes, donde se vê, que esta faculdade desenvolvida em justas proporçoens, he indispensavel para manter a dignidade do homem, e faze-la respeitar.

6. DESTRUCTIVIDADE.

Este orgão está situado acima do conducto auditivo. A acção primitiva da faculdade he a tendencia ao combate seguida do dezejo de destruir, ou antes he hum instincto carniceiro. A natureza, destinando certos animaes á não viver senão da carne de outros animaes, era necessario que lhes desse o instincto de os matar; e por conseguinte instrumentos, dentes, garras etc. para satisfazer esta necessidade, o que tudo se verifica nos animaes carnivoros. Ora, como o homem he omnivoro, e se nutre de quasi todas as especies animaes, necessariamente devia possuir igual instincto, ou inclinação. Huma differença de organisação cerebral entre os herbivoros, e carnivoros, foi que primeiro suggerio á Gall a idéa da existencia deste orgão; porquanto, se se collocar horisontalmente o craneo de hum animal carnivoro, e tirar huma linha, ou hum plano vertical de hum á outro conducto auditivo, a porção cerebral collocada acima e atraz desta linha ou plano, será muito mais consideravel, que a outra, e mais hum animal he carnivoro e sanguinario, mais esta porção he considera-

vel, o que não tem lugar nos herbivoros. A excessiva energia desta faculdade, quando não he contrabalançada pela beneficencia e a justiça, produz a crueldade; e são suas affecçoens naturaes a colera, a raiva e a desesperação. Quando ella he fraca, o espirito necessita de energia, ha indolencia; e o individuo assim conformado he fraco, impotente, e pode ser maltratado com impunidade. Esta faculdade differe da combatividade, porquanto esta produz somente a impulsão, a coragem, com que deffendemos nossos bens e vida, quando arriscados; e depois de vencer os obstaculos, ella se satisfaz; e ao contrario a destructividade leva sua acção á huma total destruição. Accresce mais que ha homens, como tambem muitos animaes carniceiros, que não ousão atacar o inimigo de frente; entretanto, que outros ha corajosos, sem serem crueis e sanguinarios. Convem que o leitor saiba, que todas as faculdades desenvolvidas em justas proporçoens, produzem sempre acçoens boas; e que a maldade destas, provem do excessivo desenvolvimento d'aquellas, principalmente quando ellas não são contrabalançadas pelas faculdades intellectuaes, que servem para corrigir o excesso das instinctivas ou animaes.

X. ALIMENTIVIDADE.

A situação deste orgão he na base do lóbo medio do cerebro, adiante, e hum pouco abaixo do da destructividade. Quando he muito pronunciado, a cabeça he larga nesta parte, mas convem não confundir seu desenvolvimento com o volume da apophyse zigomática, do musculo temporal, e dos ossos maxillares, que he necessario sempre deduzir. A impulsão fundamental desta faculdade he o instincto, que obriga o homem e os animaes á tomar nutricção. Seu excessivo desenvolvimento produz a glotonaria, e sua fraqueza a frugalidade. Este orgão ainda não he considerado como bem estabelecido pelos phrenologistas; e foi observando o nervo olfactivo, e a porção cerebral, em que termina, muito desenvolvidos, particularmente nos carneiros, e em geral em todos os herbívoros, que distinguem instinctivamente as hervas uteis das nocivas á sua existencia, que Combe o admittio. Os authores referem hum facto observado por Galeno, que tirando por meio da operação hum cabrito á termo do ventre da mãi, e appresentando-lhe de envolta com outras hervas huma folha de cytiso ou trifolio, o animal distinguio, e pegou na folha de cytiso, despresando as outras: facto este, que se não pode explicar sem admittir-se hum instincto nutritivo, cego nos animaes, e dirigido no homem pela intelligencia, e que os obriga a tomar e distinguir seus alimentos proprios.

X. VITATIVIDADE, OU AMOR DA VIDA.

Este orgão, que Mr. Broussais chama *biophilia*, existe igualmente na base do lóbo medio do cerebro por baixo do precedente. A impulsão primitiva da faculdade he impellir o animal, ou o homem á conservar a vida, obrigando-os á fugir, e á evitar qualquer perigo sem reflexão, como obrão todos os orgãos dos instinctos. Sua existencia, segundo Broussais, foi descuberta por Mr. Vimont. Gall, nem Spurzheim o suspeitárão, e este ultimo considerava o amor da vida, como devendo entrar na timidez e no medo, ou como hum resultado da circunspecção considerada por elle,

como orgão da timidez, ou como sendo huma qualidade negativa da coragem, firmeza e destructividade. Porem, segundo as reflexoens judiciosas de Mr. Broussais, vendo-se a rapidez, com que os animaes recemnascidos fogem sem experiencia alguma antecedente de qualquer inimigo, ou objecto, que os amedronte, nao se pode considerar o amor da vida como huma qualidade negativa, mas sim como huma faculdade bem positiva. Quando esta faculdade he energica, induz os individuos á fugir de todas as cousas, que possão prejudicar sua existencia, mesmo de huma maneira mais insignificante. Quando ella he fraca, os individuos pouco caso fazem da vida, e são dispostos á suicidarem-se por qualquer motivo, ou paixão.

7. SECRETIVIDADE.

A situação deste orgão he acima do da destructividade, e corresponde á borda inferior dos parietaes. A impulsão primitiva da faculdade he a tendencia á occultar, dissimular, ou suspender a manifestação de nossas idéas e sentimentos, a fim de melhor observar os alheios, ou triumphar em nossos projectos. Todas as faculdades do espirito gozão de huma actividade espontanea, donde resultão idéas, dezejos e pensamentos, cuja revelação não nos he util em todas as circunstancias. Era portanto necessaria a existencia de huma faculdade, que dirigisse as manifestaçoens de nossa alma, segundo as exigencias do tempo e lugar, e he o que faz a secretividade desenvolvida em justas proporçoens. Quando ella he muito energica, predispõe os individuos para a fraude, a mentira e a velhacaria, principalmente não sendo corrigida pela consciencia, a beneficencia e amizade. Individuos ha, que não são capazes de fallar a verdade, mesmo n'aquellas cousas de menos ponderação. Quando ella he fraca, os homens são inconsiderados, indiscretos, e apenas pilhão huma idéa, hum segredo, ou outra cousa qualquer, que logo publicão, e ficão como desassocegados se o não podem fazer. Vicio terrivel! Esta faculdade bem dirigida, he necessaria aos diplomatas, generaes, homens de estado e á todos em fim, para quem o segredo he indispensavel, e necessario ao bom successo das emprezas. Os individuos, que tem este orgão desenvolvido, são proprios para serem aulicos e cortezãos, que nunca ou raras vezes sabem dizer á seu amo a verdade, e nem tão pouco manifestar os dictames de sua razão, e os sentimentos de seu coração.

8. ACQUISIVIDADE.

Este orgão está situado na porção cerebral correspondente ao angulo anterior e inferior dos parietaes. A impulsão fundamental da faculdade he o dezejo de adquirir em geral, sem se importar com os usos particulares, á que os objectos se possão applicar. A idéa de propriedade tira sua origem desta inclinação. Quando este orgão he muito desenvolvido, os individuos são avarentos, dezejão adquirir e amontoar immensas riquezas, praticão as maiores vilezas, cerceião seus commodos, soffrem mil privaçoens só para não diminuir hum ceitil de seus bens. Broussais cita hum facto observado por Mr. Vimont de hum avarento, que formando hum dote para sua filha, deu-lhe por tudo huma caixinha contendo hum rato petrificado dizendo que valia 2:000 francos. Quando

este orgão he fraco, os individuos são perdularios, e gastão alguma fortuna que tenhão. Todavia poucos homens há, que não possuão este orgão mais ou menos desenvolvido, e não são só os salteadores, que dão hum uso injusto á faculdade respectiva. *Senhores,* diz Broussais, *sejamos francos, quantas pessoas há, que sabem se apoderar dos bens alheios, sem se expôrem ao rigor das leis? Seu numero he tão grande no nosso estado social, que seria quasi ridiculo demorar sobre este ponto. Fixai hum pouco fortemente vossa attenção, e sereis logo convencidos, que ahi se encontra huma multidão de sujeitos, mediocres debaixo de toda outra especie de relaçoens, porem extremamente habeis e superiores á muitas intelligencias da primeira ordem na arte de satisfazer o orgão predominante da possessão.* » E com effeito quando este orgão pela corrupção dos costumes sociaes chega adquirir grande predominio em consequencia de muito exercicio, de sorte que o ouro venha á ser o unico idolo, que se adore, quasi sempre a honra e a probidade dos individuos são calculadas sobre a grandeza de sua bolsa; eis porque diz Juvenal: *quantum quisque sua numorum servat in arca, tantum habet et fidei.*

9. CONSTRUCTIVIDADE.

Este orgão está situado na parte externa e inferior do osso frontal, acima da sutura spheno-temporal. A impulsão fundamental da faculdade he a tendencia á construir, modificar, mudar em fim a fórma dos objectos da natureza, e acommoda-los aos nossos usos. Tanto o homem, como os animaes, possuem esta faculdade, porquanto todos elles fabricão moradas para se abrigarem das injurias do tempo. No homem a direcção particular, que se lhe dá para esta, ou aquella especie de artefacto, depende do predominio de outras faculdades; assim quando ella se acha combinada com os orgãos muito desenvolvidos das côres, fórma, e imitação, induz o individuo á pintar retratos; unida com a destructividade, e combatividade, determina a profissão de fabricar armas de guerra; e junta com a veneração conduz á construir edificios religiosos. Quando este orgão he muito desenvolvido, os individuos são habeis artistas; e sua fraqueza constitue a inhabilidade para as artes mecanicas. Assim como todas as faculdades instinctivas e affectivas, tambem a constructividade he influenciada e dirigida pelas faculdades superiores do espirito, e n'hum gráo tal que Broussais a considera como huma ampliação destas.

SEGUNDA ORDEM.

DOS SENTIMENTOS.

Até aqui temos tratado dos instinctos, ou funcçoens animaes; agora passamos á classe dos sentimentos, ou funcçoens humanas. Estes differem dos primeiros nisto, que os instinctos, sendo excitados pela impressão dos objectos, produzem somente huma inclinação, ou impulsão, em quanto, que os sentimentos alem desta inclinacão, ou impulsão produzem demais huma emoção de huma certa especie particular, que se não

pode definir, porem que sabe avaliar, quem a tem sentido. Combe divide as faculdades affectivas em duas especies; em communs ao homem e aos animaes, e em proprias somente do homem. Mas Broussais não segue esta opinião inteiramente, e diz ter achado em muitos animaes sentimentos, bem que simplesmente esboçados, que se diz serem o previlegio exclusivo do homem, e que a cadeia não lhe parece completamente interrompida. Em seu lugar notaremos onde acabão as primeiras faculdades, e começão as segundas, conforme a divizão de Combe.

10. ESTIMA DE SI.

A situação deste orgão existe na parte superior da cabeça, hum pouco acima do angulo reintrante e posterior dos parietaes. A indole primitiva da faculdade he produzir o amor, ou o sentimento da estima de si, melhor conhecido pelo nome de amor proprio. Esta faculdade desenvolvida em justas proporçoens he indispensavel ao homem. Quem não sabe apreciar e dar valor ás suas qualidades estimaveis, não merece consideração alguma na sociedade. Incapaz de sustentar sua dignidade e seus direitos, he a cada passo enxovalhado, e aggredido por inimigos conscios da impunidade, principalmente se tiver pouco desenvolvida a combatividade. A estima de si combinada com faculdades, e sentimentos elevados contribue para a dignidade e a grandeza verdadeiras do espirito, e he em virtude desta excellencia intellectual e moral, que se chega á adquirir a verdadeira estima dos outros. Quando o amor de si he excessivo, produz o orgulho, a presumpção e a soberba; e combinado com a destructividade e combatividade muito fortes, e a beneficencia e approbatividade fracas, formão homens intractaveis, de hum caracter inaccessivel, maldizentes e austéros, apreciando tudo quanto he seu, bom ou máo, e desfazendo em tudo que pertence á outros, chegando mesmo á alegrar-se, ou intristecer-se com a desgraça ou elevação de seus semelhantes; o que forma hum dos elementos da inveja. Se a estima de si he pouco desenvolvida, como tambem a combatividade e a destructividade, e pelo contrario forte a approbatividade, resulta desta combinação a humildade, a baixeza, e a adulação. Muitos animaes possuem esta faculdade não pouco desenvolvida. O gallo, depois de vencer seu adversario, canta com a cabeça altiva, e orgulhoso a victoria, em quanto o vencido foge submisso, e como vergonhoso. O cão forte, e grande nenhum caso faz do gôso, que lhe ladra ou morde. Segundo nos diz Broussais, emittindo elle esta opinião, isto he, que os cans tem orgulho, na academia de medicina hum de seus collegas sahindo lhe disse: *tendes razão; eu vi hum cão enorme, que era atacado por hum pequeno gôso; elle levantou a perna, e lançou-lhe urina na cara.*

11. APPROBATIVIDADE.

Este orgão está situado aos lados do amor de si, abaixo da parte posterior e superior do osso parietal. A impulsão primitiva da faculdade he o dezejo de merecer elogios, louvores e a estima dos outros. Desenvolvida em justas proporçoens, ella he indispensavel para formar hum caracter amavel. He debaixo de sua influencia, que supprimimos mesquinhas pretençoens de amor proprio, relevamos ligeiras faltas e offensas, mostramo-nos interessados pelas prosperidades de outros, e procuramos em fim todos os meios possiveis de agradar sem adulação, e assim melhor alcançarmos das pessoas, com quem tratamos, verdadeira estima e amizade. A maneira, pela qual cada individuo procura satisfazer este sentimento, e merecer louvores, depende do predominio de outras

faculdades com as quaes elle está combinado; assim o poeta procura merecer encomios pela bemfeitoria de seus versos, o guerreiro por seu valor e acçoens guerreiras, o pintor pela perfeição de seus retratos, o orador por peças de eloquencia etc. etc. A excessiva energia da faculdade destroe de alguma maneira a independencia de caracter, principalmente sendo fraca a estima de si; e os individuos assim conformados, dezejando sempre elogios, e temendo a censura, amoldão-se á tantas opinioes, representao tantos papeis, quantos são os circulos diversos, que frequentão. Para homens desta natureza a zombaria he peior que a morte, e o ridiculo a arma mais poderoza para ataca-los. Esta faculdade he mais forte nas mulheres, que nos homens. E com effeito he para a mulher huma desolação, hum mal incalculavel, o achar-se em hum baile ou reunião qualquer menos bem vestida, e adornada, que as outras; embora realmente esteja com toda decencia e algumas joyas de valor, ella nunca se julga ser tida em consideração. Quando a approbatividade he fraca, os individuos pouco, ou nada se importão com a opinião, que se faz a seu respeito, e recebem com a mesma indifferença os elogios, ou as censuras.

12. CIRCUNSPECTIVIDADE.

Este orgão está situado no meio dos parietaes, onde começa a ossificação. A impulsão fundamental da faculdade he suspender a manifestação de nossos sentimentos e acçoens, atéque, melhor calculando sobre suas vantagens e inconvenientes, passamo-nos determinar em consequencia, ou por outra, a natureza primitiva desta faculdade significa *olhar em torno de si*, o que involve o desejo de evitar os perigos, e de se pôr em segurança. Quando ella he desenvolvida em justas proporçoens, forma o que se chama prudencia, ou circunspecção, tão necessaria para manejar a contingencia das cousas humanas. Quando ella he muito energica, constitue a irresolução, a vacillação tão fataes aos generaes e homens de estado, que volvem com negocios, de cuja resolução e celeridade executiva depende quasi sempre o bom sucesso. Se ella he fraca, o individuo pouco se importa com os resultados de sua conducta, e arroja-se á todas as empresas, sem tomar antes huma madura deliberação, principalmente sendo pouco desenvolvidas as faculdades superiores do espirito. Se por causas internas esta faculdade se põe involuntariamente em acção, produz nas pessoas, em quem ella he forte, sensasoens de temor abatimentimento, e timidez, sem relação alguma com as cousas exteriores. Quando sua fraquesa, e da secretividade, se acha combinada com huma fórte approbatividade, os individuos são inconsiderados e indiscretos, e em huma reunião qualquer só pela triste gloria de passar por engraçados, ou de saber entreter huma conversação, publicão as cousas mais occultas, manifestão segredos de importancia, revelão tudo quanto sabem, são finalmente homens transparentes. Se hum general, ou hum homem de estado, for desta organisação, desgraçado delle! seus pensamentos, seus projectos, suas affecçoens e aversoens, tudo em fim, he logo descuberto pelas pessoas sagazes, que o cercão e lisongeião, resultando d'qui a desconsideração e o despreso com o primeiro revéz nas batalhas, ou o máo successo nas negociaçoens politicas.

13. BENEFICENCIA.

A situação deste orgão he na parte superior do frontal, logo adiante da fontanèlla

A tendencia primitiva da faculdade he o desejo e a satisfação, que temos, de beneficiar á nossos semelhantes, levados pelo amor do mesmo bem, e eis a grande differença, que ha entre esta faculdade, e approbatividade. Ambas se auxilião fortemente, porem esta sem aquella induz o indivduo á praticar actos de caridade mais por ostentação e desejo de louvores, que por hum fundo de virtude e bondade. Quando o orgão da beneficencia he fraco, e o do amor da approvação forte, o individuo faz mil promessas, mil convites e protestaçoens obzequiosas, mas tudo apparentemente, desejando em seu coração nao cumprir ou não ver aceitadas; entretanto que hum homem verdadeiramente beneficente sente summo prazer, sempre que acha occasioens de exercer o seu prestimo. Se a combatividade, e a destructividade são energicas, e a beneficencia fraca, resulta d'aqui a crueldade e a malvadesa nos individuos desta conformação.

Aqui terminão as faculdades que Combe diz serem communs ao homem, e aos animaes. As que se seguem são segundo o mesmo author só proprias do homem.

14. VENERATIVIDADE.

Este orgão está situado na lugar da reunião do angulo saliente do frontal com o reintrante dos parietaes, onde na infancia reside a fontanella superior e anterior. A faculdade produz a tendencia para respeitar e venerar tudo que he, ou julgamos superior á nós em sabedoria ou poder. Quando ella he dirigida para a Divindade, predispoe para o culto e adoração, e se torna o fundamento dos sentimentos religiosos; porém se o individuo não tiver a razão esclarecida, pode tomar os astros, as forças da naturesa, e outros objectos inanimados, por outras tantas Divindades; e foi desta maneira que se originou a idolatria e o polytheismo. Segundo Broussais, esta faculdade he indispensavel para a estabelidade dos estados, porquanto quem não respeita as leis, as authoridades legitimamente constituidas e os costumes do paiz, em que vive, pode sem difficuldade promover facçoens, e fomentar guerras intestinas. He debaixo de sua influencia, que sentimos profundas emoçoens de respeito e admiração ao aspecto das ruinas, monumentos antigos, ou tumulos dos homens celebres por seu genio ou virtudes. Sua grande energia não sendo esclarecida pela intelligencia predispoe para o fanatismo, e a superstição. Então se adora cega e obstinadamente o que não tem outros titulos de recommendação mais, que huma antiguidade cheia de misterios, e os individuos assim organisados oppõem os maiores obstaculos ás innovaçoens, que tem por fim destruir antigos prejuizos. O pouco desenvolvimento da faculdade não determina como consequencia necessaria a impiedade; somente torna o homem insensivel aos sentimentos de respeito e deferencia, deixando á outras funcçoens seu livre exercicio.

15. FIRMEZA.

A situação do orgão desta faculdade existe na parte posterior da abobada do craneo, entre o orgão precedente e o da estima de si, sobre a linha mediana. Sua força fundamental he produzir a permanencia e constancia na direcção, e determina-

çoens das outras faculdades. Assim quando ella coincide com orgãos desenvolvidos dos tons, da construcção, ou da causalidade, por exemplo, o individno faz progressos na musica, nas artes mecanicas, ou nas sciencias abstractas. E com effeito sem firmeza e perseverança nao se pode vencer as immensas difficuldades que juncao o caminho das sciencias e artes, principalmente quando ellas estão no seu berço. Seu grande desenvolvimento constitue a obstinação, a pertinacia e a teima, e ao contrario sua fraqueza predispoe o individuo á mudar cada instante de resolução, e á ceder facilmente ao impulso de suas inclinaçoens dominantes, principalmente sendo forte a combatividade e a destructividade, que o obrigao á se entregar muitas vezes sem reflexao aos excessos da colera e violencia, o que he muito auxiliado pela fraquesa da circunspecção. *Tu ne cede malis, sed contra audacior ito;* eis a lingoagem dos homens firmes.

16. CONSCIENCIOSIDADE.

O orgao desta faculdade existe nas partes lateraes e posteriores da abobada do craneo, acima da circunspecção, abaixo da firmeza, e atraz da esperança. Sua natureza fundamental he de nos fazer conhecer nossos deveres e obrigaçoens moraes, distinguir o justo do injusto, he em fim o sentimento interior que nos manda dar o seu á seu dono, á Deos o que he de Deos, e á Cesar o que he de Cesar, o que constitue a justiça. Mas o exercicio regular e bem dirigido desta faculdade depende da intelligencia; porquanto para sentirmos prazer, ou remorsos, quando praticamos hum acto justo, ou injusto, he necessario termos primeiro o conhecimento da bondade, ou maldade de nossas acçoens, conhecimento igualmente indispensavel para fazermos justiça, quando juizes. Quando esta faculdade he desenvolvida em justas proporçoens, os homens julgão bem as acçoens de outro, attribuindo as más á irreflexão, e nunca á sinistras intençoens. Se ella he fraca, e os orgãos da coragem e destruição fortes, o individuo pratica actos reprehensiveis, e quasi nunca dá ouvidos á voz do dever e da obrigação. Se pelo contrario ella he muito energica, as pessoas, sobre quem domina, se criminão, e se confessão culpadas, caso pratiquem acçoens más, sentem mesmo affecçoens peniveis, ou remorsos, e estão promptas á dar aquellas satisfaçoens, que exigidas forem.

17. ESPERANÇA.

Este orgão fica aos lados da veneração, adiante do precedente, e atraz do maravilhoso. A força primitiva da faculdade he a esperança, ou este sentimento que nos faz acreditar como possiveis e realisaveis os nossos dezejos, sem todavia dar a convicçao, que depende da intelligencia. Gall ignorava a existencia deste orgão, que foi descoberto depois por Spurzheim, e confundindo a esperança com o dezejo, a considerava como attributo commum de todos os orgãos, o que he inexacto; porquanto pode-se desejar sem esperar, e hum condemnado sobre o cadafalso deseja ardentemente viver, mas não espera. O dezejo sim he attributo commum, pois he o resultado da impulsão de todo o orgão, que dezeja ser satisfeito. O grande desenvolvimento desta faculdade combinado com a fraqueza da circunspecção induz o individuo,

em quem domina, á não crer na existencia de obstaculo algum, que se opponha á execução feliz de seus projectos. O homem esperançoso imbelleza suas concepçoens com as mais brilhantes côres, e anda sempre á espera de hum futuro venturoso. Esta faculdade he o fundamento da fé, e dispõe os individuos a crer n'huma vida futura. Sua fraqueza coincidindo com huma circunspeção forte, constitue o abatimento e desanimo.

18. MARAVILHOSIDADE.

Este orgão está collocado entre a idealidade e a imitação, entre a causticidade e a esperança. A influencia primitiva da faculdade he a disposição para crer nas maravilhas, nos milagres, nos sortilegios, na magia, nas almas do outro mundo, finalmente em tudo, que está fora das leis da natureza. As pessoas, em quem ella he desenvolvida, aprazem-se com a leitura de romances, novellas, e aquelles livros, que relatão acontecimentos sobrenaturaes; rasão porque Spurzeim lhe deo primeiro o nome de-*supernaturalidadè*. He pondo em jogo esta faculdade, que os falsos prophetas, os ministros do paganismo, e outros chefes de seitas religiosas, tem subjugado a rasão dos crentes, dizendo-se inspirados pela Divindade, que lhes incumbia a execução de suas leis. Quando esta faculdade he muito desenvolvida, predispõe para o extase e contemplação ascetica; e os individuos assim conformados são forjadores de milagres, misterios e predicçoens. Se ella he fraca, determina o desgosto de ouvir narraçoens de acontecimentos, que se apartem mesmo da probabilidade, principalmente sendo bem desenvolvidas as faculdades reflectivas.

19. IDEALIDADE.

Este orgão existe situado entre o maravilhoso e a construcção, sobre as partes lateraes da cabeça, perto da linha da borda inferior do osso parietal. A influencia directa, e primitiva da faculdade he de revestir os objectos da natureza de huma perfeição e excellencia ideaes. He a faculdade propria dos poetas, e he por isso que Gall lhe chamou-*orgão da poesia*. He debaixo de sua influencia, que os pintores, artistas, oradores, e poetas, dão graça, belleza, e encanto ás suas producçoens. Quando ella he fraca o espirito he grosseiro, simples, pouco, ou nada atrevido em suas concepçoens, e a leitura das obras de homens desta natureza não arrebata, nem agrada a imaginação. Se pelo contrario ella he muito desenvolvida, os individuos, em quem domina, são exagerados, e enthusiastas, e todas as suas ideas e pensamentos, são, para assim dizer, vaporósos. Ovidio tinha tão desenvolvido o talento da poesia, que sendo reprehendido por seu pai, por fallár sempre em verso em conversaçoens familiares, respondeo-lhe:

Ah! nunquam, nunquam versificabo, pater!

e com effeito elle mesmo dizia de si:

Quidquid tentabam dicere, versus erat.

20. CAUSTICIDADE.

O orgão está situado nas partes superiores, anteriores e lateraes da testa, acima da localidade, e entre os orgãos da idealidade, do maravilhoso, da causalidade e da imitação. He difficil dar huma difinição plausivel do caracter proprio desta faculdade, que os francezes dão o nome de — *gaieté*, ou *esprit de saillie;* todavia os phrenologistas considerão sua acção primitiva como huma tendencia ou disposição á rir, zombar, e metter a ridiculo as cousas ainda as mais serias. Quando ella he muito pronunciada, e coincide com orgãos largos da combatividade, conduz os individuos para a satyra e os epigrammas, e aquelles, em quem domina, não poupão seus proprios amigos, que não poucas vezes são sacrificados aos gracejos e ditos mordicantes, para o que concorre muito o orgão da comparatividade, suggerindo analogias e comparaçoens risiveis. Esta faculdade desenvolvida em justas proporçoens, he indispensavel para dar graça e hum certo sal ás conversaçoens. Quando ella he fraca, o estillo he insipido, monótono e desagradavel, e as pessoas assim conformadas, são incapazes de dar huma resposta picante, adequada, e á tempo.

21. IMITATIVIDADE.

Este orgão está situado entre a beneficencia e a maravilhosidade, na parte superior, e anterior da cabeça. Não há harmonia entre os phrenologistas, sobre a natureza propria desta faculdade, pois querem huns, que ella tenha por fim imitar as acçoens de outros, e os de opinião contraria dizem que ella tem por objecto exprimir nossas ideas e pensamentos por meio de gestos. Huma e outra opinião não deixão de ter fundamento, e sobre as quaes, por inhabilitado, e falto de experiencias, não posso emittir juizo. Esta faculdade desenvolvida em justas proporçoens, e unida com a secretividade, he indispensavel aos pintores, poetas e comicos, que tem de representar, e retractar alheias personagens. Quando ella he excessiva, os individuos, em quem domina, não podem fallar sem que suas palavras não sejão acompanhadas de gestos e movimentos de corpo. Se pelo contrario ella he fraca, as palavras são inexpressivas, e os individuos conservão na conversação huma especie de attitude pedantesca, grave, e suas physionomias ficão immoveis semelhantes á estatuas, principalmente sendo fraca a idealidade, cuja combinação com a presente faculdade concorre muito para dar expressão á phisionomia.

TERCEIRA ORDEM.

DA INTELLIGENCIA.

A intelligencia comprehende duas especies de faculdades, *perceptivas*, *e reflectivas*. As primeiras, recebendo as impressoens vindas do mundo exterior, como tambem as determinadas por causas internas á nossa organisação, formão os primeiros elementos dos nossos conhecimentos, ou as idéas sensiveis, se assim me posso explicar; as segundas, combinando entre si todas as idéas, que fornece cada huma das faculdades perceptivas, formão as ideas de relação, que os philosophos chamão ideas intellectuaes, ou de reflexão; e he da actividade mutua destas duas especies de faculdades, que resulta o edificio dos nossos conhecimentos. As reflectivas tem por fim satisfazer e dirigir todas as outras, que lhe são subordinadas, e he ao exercicio harmonico e regular de todas ellas, que se dá o nome de — *razão*, e se diz ser de bom senso o homem, que possue suas faculdades nestas circunstancias. Segundo Combe, e Spurzheim, só as faculdades intellectuaes formão as ideas, e são tambem as unicas, que gosão dos attributos da percepção, memoria, juizo, imaginação etc. As faculdades instinctivas e affectivas possuem unicamente o attributo da *sensação*, que, no entender destes homens, he o resultado da actividade de cada orgão espontanea, ou provocada por outra causa qualquer. Quando ellas são estimuladas, produzem somente huma impulsão acompanhada de huma emoção, ou sentimento, de que já temos fallado, e que caracteriza com especialidade as faculdades affectivas.

PRIMEIRA ESPECIE.

DAS FACULDADES PERCEPTIVAS.

22. INDIVIDUALIDADE.

O orgão desta faculdade está situado na parte media e inferior dos lóbos anteriores do cerebro. Quando he muito desenvolvido, ha hum espaço largo na raiz do nariz, acontecendo o inverso no caso contrario. Convem todavia, que o observador tenha cautella no exame dos orgãos collocados na ametade inferior, e anterior do fron-

tal, desde a linha mediana até o meio da arcada orbitaria; porquanto, muitas vezes a proeminencia, e largura exteriores, são determinadas pelo grande desenvolvimento dos seios frontaes, e não pelos orgãos; razão porque elle deve sempre escolher para a observação individuos de pouca idade, em quem os seios são pouco espaçosos, e examinar, para rectificar o seu juizo, se a energia funccional do orgão respectivo está ou não em relação com a proeminencia exterior.

A influencia primitiva desta faculdade he procurar conhecer os objectos, pelo que elles são em si como individuos, sem se importar com seus fins e usos, he em fim a faculdade de distinguir hum individuo de outro; faculdade indispensavel sem a qual não se poderia analysar e separar os objectos de suas differentes propriedades, que se achão confundidas na percepção. Quando ella he muito desenvolvida, os individuos, em quem domina, são muito minuciosos no estudo de qualquer objecto, analysão e distinguem até as cousas mais insensiveis. Se pelo contrario he fraca, ha indisposição para minuciosidades, e os individuos assim conformados, são improprios para as sciencias descriptivas.

23. CONFIGURATIVIDADE.

O orgão está situado abaixo do precedente na parte interna da superficie orbitaria, e ao lado da apophyse Crista-galli. A impulsão primitiva da faculdade he bem comprehender as fórmas e physionomias das cousas, recordar-se dellas com exactidão, quando ausentes, e reconhece-las promptamente, quando se apresentão depois de ausentes. Quando ella he muito pronunciada, as pessoas, em quem predomina, reconhecem mesmo depois de passado longo tempo os individuos, e aquelles objectos, que tenhão visto, basta huma só vez. Se porem ella he fraca, há incapacidade para se conservar as fórmas e physionomia das cousas; e pessoas há tão miseraveis, que desconhecem seus proprios amigos, quando apparecem depois de hum intervallo não longo de ausencia. Esta faculdade combinada com orgãos largos da constructividade e imitatividade, colorido e secretividade, constitue o talento para o desenho e scultura: e meninos ha que desde a mais tenra infancia não se occupão senão em pintar e retratar os homens e os animaes, satisfazendo assim e dando á prever sua inclinação futura

24. EXTENSAÕ.

A situação deste orgão he por fora do precedente na parte interna e superior do grande angulo do olho. A natureza fundamental da faculdade he de fazer conhecer e medir intuitivamente a extensão, apreciar a perspectiva e a distancia. Pessoas há, que medem com hum simples golpe de vista a extensão dos corpos, entretanto que não podem distinguir com a mesma facilidade sua forma e posiçoens relativas. Sempre que isto acontece, a observação tem mostrado muito desenvolvida a porção do cerebro correspondente. Quando a faculdade he fraca, os individuos, mesmo aquelles, que tem uso de medir, como os agrimensores e carpinteiros, não podem nunca calcular com a simples vista o espaço, ou a distancia, que vai de hum á outro ponto, principalmente sendo fraca a localidade, que muito coadjuva a presente faculdade.

25. TACTIVIDADE. *(Pezo e resistencia)*

Este orgão existe sobre a abobada orbitaria entre o precedente e o das côres. A força primitiva da faculdade he de nos fazer apreciar o pezo, a resistencia, e a densidade dos corpos. Como as variações de quantidade destes attributos materiaes nos são transmitidas pelo sentido do tacto, e sendo estes attributos as cousas de que a faculdade toma conhecimento, preferi, seguindo Fossati, dar-lhe o nome de — *tactividade*, e não o de — *pezo e resistencia*, que se acha nas obras dos authores. Os individuos, em quem esta faculdade predomina, calculão muito bem as gradaçoens de pezo e resistencia dos differentes corpos; e, se querem levantar algum, sabem sempre empregar huma força proporcional á massa, que querem elevar, e pelo contrario n'aquelles, em quem ella he fraca, ainda que sejão circunspectos e cuidadosos, deixão cahir facilmente qualquer objecto pezado, que tenhão entre mãos.

26. COLORIDADE.

A situação deste orgão existe no meio da arcada supercilial entre o precedente e o da ordem. A influencia primitiva da faculdade he de nos fazer bem conhecer, e distinguir as côres e suas gradaçoens; julgar de sua harmonia, e das sombras, formando desta maneira o talento para a pintura. Porem as applicaçoens das côres nas artes dependem das faculdades reflectivas, que as adaptão aos objectos da pintura. Não se pode dizer, que o poder de distinguir as côres resulte da bondade da vista, porquanto pessoas há de huma vista bem penetrante, e que entretanto são inhabeis relativamente ás funcçoens da presente faculdade. Este orgão he mais desenvolvido nas mulheres, que nos homens, razão porque, como coloristas, ellas tem igualado, e mesmo excedido á muitos mestres, sendo-lhes inferiores na pintura. Hum grande desenvolvimento desta faculdade produz em nós huma sensação muito agradavel, quando ella he excitada pela presença de hum prado bem florecido; e pelo contrario sua fraqueza determina a indifferença e quasi insensibilidade ao aspecto dos jardins mais encantadores.

27. LOCALIDADE.

A situação deste orgão existe na parte anterior e inferior da testa de cada lado da linha mediana, e acima da apophyse Crista-galli. A natureza fundamental da faculdade he de nos orientar, e fazer conhecer os lugares, que temos percorrido, e suas posições respectivas no espaço. Quando seu orgão he bem desenvolvido, as pessoas, em quem predomina, não só conservão huma imagem fiel de todas as particularidades de hum paiz, ou terreno, que tenhão visto, como levadas á grande distincia de sua patria, á ella voltão sem perder o rumo e sua posição geographica passando por caminhos e paizes differentes d'aquelles por onde ausentando-se viajárao. Muitos animaes o possuem n'hum grão eminente, como são todas as aves que

emigrão, e aquellas chamadas de arribação, que em certas épocas do anno se ausentão para grandes distancias, e depois voltão, sem errar, á sua habitação natural. Fossati diz, que se apanharmos andorinhas, e as transportarmos á 200 leguas de distancia, logo que ellas se verem livres, se elevarão nos ares, e voarão com a maior certeza na direcção do ninho e o lugar donde se as tirou. Gall faz menção do cão de hum soldado morto na Russia, que depois de passados oito mezes voltou para Milão sua patria, sem que na viagem se desorientasse. Estes factos provão tanto mais evidentemente a existencia do orgão da localidade em certos animaes, quanto n'aquelles que o não possuem, a observação tem mostrado a porção cerebral correspondente atrophiada, ou nulla, e que por conseguinte se desorientão com muita facilidade levados mesmo á pequenas distancias. Estes mesmos resultados se observão no homem, segundo a energia ou fraquesa da presente faculdade. Quando ella he combinada com a extensão, a individualidade, e a comparação, constitue o talento para a geometria. Se o orgão da habitatividade he fraco, ella inspira o desejo de viajar.

28. NUMERATIVIDADE.

Este orgão está situado na extremidade externa do arco supercilial. Quando he bem desenvolvido, produz ou hum abaixamento da extremidade externa da arcada orbitaria, ou huma proeminencia para diante. A força primitiva da faculdade he distinguir, combinar os numeros, e conhecer suas relaçoens, o que se chama—*calcular*. Os individuos, em quem o orgao he muito pronunciado, resolvem de memoria e com facilidade problemas arithmeticos, e algebricos algumas vezes bem difficeis. Gall menciona hum rapaz de 13 annos que fazia de memoria e com exactidão os calculos mais complicados, sendo mui poucas as vezes, que se achava em erro. Se pelo contrario elle he pouco desenvolvido, ha incapacidade de se fazer as mais singelas combinaçoens numericas e os individuos assim conformados não podem fazer huma conta, por pouco complicada que seja, sem o soccorro de algarismos, ou sinaes algébricos. A combinação deste orgão com o da extensão, da localidade, e os das faculdades reflectivas, constitue o talento, e aptidão para os diversos ramos das sciencias mathematicas.

29. ORDENATIVIDADE.

Este orgão existe entre o precedente e o da coloridade abaixo dos tons. Sua força fundamental he o desejo de arranjar e ordenar os objectos, segundo suas relaçoens physicas; porém o modo symetrico e regular, pelo qual estes objectos devem ser ordenados, he determinado pelas faculdades reflectivas, de cuja attribuição são igualmente os differentes methodos de systematisar, generalisar e classificar as idéas segundo suas relaçoens logicas. Não se pode dizer, que a presente faculdade he o resultado do exercicio harmonico e regular das outras funcçoens; por quanto, se assim fosse, deveria haver relaçoens proporcionaes de energia entre ellas; o que nem sempre acontece. Os phrenologistas fazem menção de hum idiota no mais alto grão, chamado selvagem de Aveyron, que se affligia vendo hum objecto qualquer, meza, cadeira, banco, etc. fora do seu lugar, e quantas vezes huma destas cousas fosse desarranjada, outras tantas elle procurava indireitar, sem que para isso fosse convidado. Esta faculdade he indispensavel aos litteratos, oradores e escriptores publicos, por quanto se suas idéas e pensamentos nao forem expostos em huma ordem systematisada, tão necessaria para haver clareza, não poderão

nunca ser comprehendidos. Quando esta faculdade he fraca, ha confusão e incoherencia na exposição das idéas e pensamentos; e individuos há, que amontoão em suas phrases substantives e adjectivos, adverbios, e conjuncçoens de tal sorte que no fim de hum longo discurso não se sabe o que elles querem dizer, ou concluir, e ao contrario aquelles, em quem ella predomina, manifestao seus pensamentos e raciocinios com a maior claresa e intelligibilidade.

30. EVENTUALIDADE.

O orgão desta faculdade está situado na parte media da testa, acima da individualidade, e localidade. Sua acção primitiva he tomar conhecimento das acçoens, modificaçoens e mudanças dos objectos da natureza, e seus phenomenos de actividade. Ella distingue-se da individualidade nisto, que esta procura conhecer os corpos, seus attributos e qualidades, como individuos; em quanto que a eventualidade dirige-se ás acçoens e reacçoens, que esses mesmos corpos e os agentes physicos da natureza exercem huns sobre os outros. Segundo Spurzheim, em quanto hum homem, por exemplo, está em pleno repouso, pertence á individualidade, porém se elle se move, falla, caminha, ou gesticula, resultão d'aqui phenomenos activos, dos quaes só toma conhecimento a eventualidade; em fim esta ultima se occupa das cousas designadas pelos verbos, em quanto que aquella procura as que são designadas pelos nomes. Quando a presente faculdade he pronunciada, as pessoas são muito curiosas, menos em saber dos factos, que da maneira, porque elles acontecerão; e em todas as suas conversaçoens não fazem senão contar casos e anedoctas; acontecendo o contrario n'aquellas pessoas de huma organisação opposta, que manifestão a maior repugnancia em narrar e reproduzir acontecimentos, que tenhão presenciado, ou ouvido dizer. Sua combinação com a individualidade sufficientemente desenvolvida he indispensavel para constituir hum bom observador, por quanto ao passo que huma ministra os materiaes, a outra toma conta dos phenomenos, que resultão de suas combinaçoens.

31. TEMPO.

Este orgão existe abaixo do da causticidade por dentro dos orgãos dos tons, acima da coloridade e por fora da localidade, correspondendo com as partes lateraes da testa. Sua força fundamental he medir o tempo e os intervallos. Todavia sua natureza, e a maneira, pela qual elle mede a duração, não são ainda bem determinadas pelos phrenologistas, e eu nao posso á seu respeito dar huma idéa mais clara senão citando huma passagem de Broussais que melhor o desenvolve. « *Em minha opinião*, diz elle, *o orgão de que se trata nos dá o poder de sentir a duração do tempo, como tem dito os philosophos, pela succession, e sobre tudo pela variedade de nossas impressoens; por quanto quando nós estamos debaixo da influencia de huma impressão muito viva e sempre a mesma, não sentimos o tempo; eis a primeira parte da faculdade. A segunda, que os phrenologistas não tem indicado á meu ver, mas salvo o erro, por quanto eu não os li todos, he de modelar a duração sobre o espaço, o que associa o sentimento do espaço com o sentimento da duração. Ha dissertaçoens immensas entre os metaphysicos sobre estas duas faculdades: mas eu creio poder resumi-las desta maneira: apreciar a duração pela succession de nossas impressoens, phenomeno de puro sentimento; depois medi-la tomando modêlos no espaço material. Por conseguinte a palavra — tempo — offerece hum duplo sentido: sem comparação com o espaço, ella não recorda*

senão huma successão de sentimentos, por exemplo, na musica; ajustada aos corpos, que tem espaço, ella dá a noção de huma faculdade intellectual do genero das receptivas. » Quando este orgão he bem desenvolvido, o individuo pensa sempre no tempo, na hora do dia, em que vive, e na destribuição de seus affazeres, segundo o tempo dado, o que involve sua combinação com o da consciencia e pontualidade na applicação, e cumprimento de seus deveres; acontecendo o contrario n'aquelles, que apresentão huma organisação opposta.

32. MELODIA, TONS,

Este orgão existe na parte lateral e externa do osso frontal, por baixo da crista, que limita anteriormente a inserção do musculo temporal. Sua força primitiva he perceber a melodia dos sons, e suas relaçoens. A orelha recebendo huma impressão sonora pode ser agradavel, ou desagradavelmente affectada, segundo a doçura, ou aspereza da impressão; porem lembrar-se dos tons, perceber suas relaçoens e julgar de sua harmonia, ou desharmonia, são funcçoens proprias da presente faculdade, e não do sentido da audição conforme a opinião d'aquelles, que fazem derivar nossas idéas dos sentidos. Hum grande desenvolvimento deste orgão alarga as partes lateraes da testa, mas todavia he necessaria grande pratica para bem determina-lo, para o que se deve escolher dous individuos, dos quaes hum seja grande musico e habil compositor, e outro, que apenas possa distinguir duas notas; he então, segundo os authores, que se pode conhecer o desenvolvimento desigual e a differença de suas cabeças. Para que este orgão constitua hum bom compositor, e mais que tudo hum habil executor de musica, he necessaria a coadjuvação de outros; assim he necessario o tempo para a medida dos intervallos; idealidade para dar encanto, e perfeição ás composiçoens; pezo, e resistencia ou tactividade, para que, proporcionando a força da mão com a resistencia dos instrumentos, ellas possão ser bem executadas; imitatividade para adquirir e imitar o bom gosto etc. Quando este orgão he fraco, os individuos tem huma inaptidão pronunciada para cantar, e se o fazem, os sons que produzem são tão desharmoniosos e desagradaveis, que se não pode supportar. O contrario acontece n'aquelles, em quem elle predomina, dos quaes até a mesma conversação he muitas vezes harmoniosa.

33. LINGUAGEM.

Este orgão está situado na parte anterior e inferior dos lobos anteriores do cerebro. Quando he muito desenvolvido produz ou huma proeminencia dos olhos para diante, ou huma depressão e abatimento para o lado externo; o que o distingue da configuratividade; porquanto esta causa somente, quando bem desenvolvida, maior distancia entre elles; mas nao os torna salientes, nem abatidos. A força fundamental da faculdade he o poder de inventar palavras artificiaes, com que designamos nossas idéas e sentimentos. Mas cumpre notar, que sua esphera de actividade só se extende aos nomes, e não as suas significaçoens, que são dadas por outras faculdades; assim ella nos ministra, por exemplo, as palavras architectura, melodia, amor, amisade, etc., mas as idéas, que estas palavras representão, são fornecidas pela constructividade, tons, amatividade, affeccionividade etc. Este orgão desenvolvido em justas proporçoens, he indispensavel á todo individuo, que, dotado de virtudes e talentos, quizer sahir da obscuridade, e exercer influencia sobre seus concidadãos. O talento sem a palavra só á custa de muita transcedencia he que se faz conhecer; e pelo contrario a mediocridade verbosa e eloquente, occultando com phrases e discursos bem ornados sua nullidade, apresenta-se aos olhos da multidão com o caracter de huma elevada intelligencia.

A linguagem offerece varias combinaçoens com outras faculdades; assim quando ella he bem pronunciada, e a intelligencia pouco desenvolvida, o individuo assim organisado afoga huma idéa n'um montão de palavras, repete mil vezes a mesma cousa por diversas locuçoens, levando à tal saciedade, que enjôão os ouvintes. Se ha equilibrio entre a linguagem e a intelligencia, a elocução he clara, brilhante e agradavel, exprimindo cada palavra huma idéa. Se a inteligencia predomina o individuo he laconico, sentencioso, e grave na exposição de seus pensamentos, manifestando com hum só termo muitas idéas, e outras tantas pela maneira de phrasear as expressoens. Por meio da linguagem se pode conhecer até hum certo ponto as inclinaçoens dominantes das pessoas, com quem se trata. Assim se a combatividade e destructividade predominão, ellas não fallão senão em força, coragem e destruição; se a acquisividade, a conversação versa sobre commercio, especulaçoens e modo de ganhar fortuna; si amatividade domina, não se falla senão em amor, ternura e sensibilidade, e as expressoens sao doces e acompanhadas de gesticulaçoens correspondentes; se a eventualidade, gasta-se o tempo em contar anedoctas e casos succedidos; se a estima de si, o apreço e exageração de seus teres e qualidades pessoaes occupão toda attenção, e assim finalmente de tudo mais. Quando a linguagem he muito pouco desenvolvida, o individuo experimenta grande difficuldade em se exprimir, e, se he homem litterato, suas obras são obscuras em consequencia da má escolha de palavras e expressoens.

SEGUNDA ESPECIE.

DAS FACULDADES REFLECTIVAS.

34. COMPARATIVIDADE.

O orgão desta faculdade existe na parte media e superior do osso frontal. Sua impulsão fundamental he perceber e comparar as semelhanças, ou differenças, que existem entre os instinctos, sentimentos e as faculdades perceptivas; como tambem entre as idéas formadas por estas, e as impulsoens e emoçoens ministradas por aquelles. A grande differença que distingue a comparatividade das faculdades perceptivas he, que estas ultimas só comparão, e percebem as relaçoens existentes entre os objectos comprehendidos na esphera de sua actividade, em quanto que aquella involve e combina todas as noçoens, seja qual for sua origem. A numeratividade, por exemplo, só pode perceber as relaçoens numericas; a coloridade, as differentes cores; o tom, as differentes notas; a localidade, os diversos lugares etc. etc.; porem comparar para descubrir relaçoens os sons com as cores, as fôrmas com as consistencias, a extensão com o pezo, o amor com amisade, a estima de si com a beneficencia etc. etc. são funcçoens só proprias da comparatividade; donde se vê que esta faculdade não tem por objecto immediato os entes da natureza, mas sim a elaboração, ou antes a combinação das sensaçoens, e noçoens, que delles nos offerecem as perceptivas. O juizo he hum de seus attributos; pode-se tambem dizer sem perigo de erro, que as faculdades perceptivas julgão; visto

que ellas sentem as relaçoens de semelhança ou differença entre aquelles objectos, de que tomão conhecimento. Quando a comparatividade he bem pronunciada, os individuos nao explicão suas ideas e sentimentos senão por comparaçoens; e como estas nem sempre são justas, elles são mais plausiveis e brilhantes que rigorosos e consequentes. Sua combinação com a individualidade, eventualidade e causalidade pronunciadas constitue o homem de genio nesta ou n'aquella profissão, conforme o desenvolvimento predominante de huma das outras faculdades, como a da musica, poesia, construcção etc. A comparatividade he indispensavel aos poetas, e oradores, que se servem continuamente de figuras e comparaçoens para melhor fazer sobresahir certos pensamentos, que as expressoens directas não podem manifestar com aquella energia necessaria. Quando està faculdade he fraca, o individuo não sabe tirar proveito para suas argumentaçoens das semelhanças; ou differenças existentes entre os objectos; e se o fazem, são sempre mal trazidas suas comparaçoens.

35. CAUSALIDADE.

O orgão desta faculdade existe no alto da testa ao lado externo do precedente. Sua impulsão fundamental he procurar a causa das cousas; e nos leva sempre a indagar o *porque*, o *quomodo* dos phenomenos. Esta faculdade da mesma maneira que a precedente extende a esphera de sua acção à todos os objectos, e abrange igualmente todos os phenomenos assim physicos como moraes. Pela comparação e eventualidade nós conhecemos e Julgamos da evidencia directa dos factos, e pela causalidade descobrimos as relaçoens occultas de causa á effeito, tiramos consequencias de premissas dadas, remontamos por meio de intermediários bem ligados dos effeitos mais distantes às suas causas mais remotas, e estabelecemos assim a evidencia demonstrativa. Hé desta maneira que analysando os phenomenos da natureza, vendo que todos elles necessitão de huma causa, que nenhum traz consigo a razão sufficiente de sua existencia, que todas as partes do corpo humano, como tambem as de todo universo, e os immensos glóbos, que girão no espaço infinito, estao entre si de tal maneira ordenados, que he impossivel deixar de reconhecer-se huma intelligencia infinita que ós regularisasse, he desta maneira, digo eu, que, observando ser tudo neste mundo passageiro, finito e contingente, elevamos nosso pensamento á huma causa primeira e omnipotente, e descobrimos a existencia augusta da Divindade. Todavia no estudo da natureza nós não podemos conhecer a natureza intrinzeca das causas primitivas dos phenomenos, e a essencia dos principios: nós só observamos as apparencias e as mudanças sensiveis, sem termos muitas vezes os meios de reconhecer como estas apparencias tem lugar, e porque se operão estas mudanças: eis porque diz Virgilio:

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.

Quando a causalidade he muito desenvolvida, e as faculdades receptivas fracas, os individuos assim conformados, pouco se importando com os factos e as experiencias sensiveis, entregão–se ás especulaçoens abstractas, edificando sobre ellas theorias e systemas methaphysicos, que não tem applicação alguma aos phenomenos da natureza. Sua fraqueza determina a superficialidade nas sciencias; porquanto de nada valem os factos, se a pessoa, que os colhe, não sabe liga-los por meio de suas rela–

çoens naturaes, e delles tirar consequencias, que, tornadas em principios, possão fazer progredir os diversos ramos dos conhecimentos humanos.

Aqui terminamos a succinta, e mais que ligeira discripção dos orgãos e suas funcçoens. A obra de Broussais não deixa nada á desejar nesta parte, quer em relação ao homem, quer aos animaes, dos quaes não fallei por não ser possivel em huma these. Ninguem portanto, querendo ter idéas exactas de organologia especial, deve dispensar-se de a ler. Todos os orgãos, quando são muito desenvolvidos, determinão huma elevação no craneo, por onde se pode, e se chegou á conhecer sua posição respectiva no cerebro. Mas não pense alguem, que examinando phrenologicamente huma cabeça, lá vá encontrar eminencias do tamanho de hum ovo, pois huma, ou duas linhas mais de crescimento organico fora do ordinario, he bastante para dar á sua funcção respectiva hum grão não pequeno de energia. Alem disto, para que huma elevação craneana, determinada por hum orgão subjacente, se torne sensivel, he necessario que os orgãos circumvesinhos nao estejão igualmente desenvolvidos; pois neste caso ha nivellamento de superficie. Por conseguinte, quem quizer bem estudar huma cabeça, e não commetter erros, deve observar os preceitos seguintes, que dão os phrenologistas.

REGRAS DE OBSERVAÇAÕ EM PHRENOLOGIA.

Divida-se primeiro mentalmente a cabeça em tres partes, tirando duas linhas, que partindo do orgão da constructividade (nº. 9), huma passe pelo alto do frontal entre a beneficencia e a comparação (nºs. 13 e 34), e vá terminar no mesmo orgão do lado opposto, e a outra, passando entre os orgãos da acquisividade e idealidade, secretividade e circunspecção, affeccionividade e approbatividade, habitatividade e estima de si (nºs. 8 e 19, 7 e 12, 4 e 11, 3 e 10), daqui volte, seguindo a mesma direcção, e vá terminar no mesmo ponto, que a primeira.

Esta divisão tem por fim demarcar as tres grandes regioens, onde residem as tres ordens distinctas de faculdades; assim tudo quanto fica adiante da primeira linha pertence aos orgãos da intelligencia; os sentimentos ficaõ entre a primeira, e acima da segunda linha; e os instintos abaixo desta.

Quando porem se quer conhecer as proporçoens relativas de desenvolvimento das tres massas cerebraes, e por conseguinte, que ordem de funcçoens domina o individuo, se os instintos, sentimentos, ou a intelligencia, procede-se de outra maneira. Tira-se então de hum á outro conducto auditivo tres semicirculos, dos quaes hum passe pela parte mais saliente do frontal, outro pela mais alta da cabeça, e o terceiro pela mais proeminente do occipital. Isto feito, calcula-se pela grandeza relativa dos semicirculos, qual das tres regioens he mais desenvolvida, ou se todas o são igualmente; porquanto he de observação que este tres semicirculos estão entre si, como as tres regioens cerebraes; de sorte que a razão ou o quociente d' aquelles he a medida do desenvolvimento destas.

As tres regioens cerebraes podem se achar em seis combinaçoens principaes, formando outros tantos generos differentes de cabeça, tendo cada hum sua significação propria.

1º. *Genero.* As faculdades intellectuaes prevalecem sobre os instinctos e sentimentos, que são fracos. Quando isto acontece, a testa he espaçosa, saliente, e elevada.

Se as faculdades receptivas predominão sobre as reflectivas, a parte inferior he mais

proeminente, que a superior, que neste caso recúa para tras. Todavia para se apreciar esta differença, e não se commetter erros, he necessario sempre tirar a linha do conducto auditivo á estes dous lugares, e nunca se contentar com a simples vista d'olhos; porquanto muitas vezes a proeminencia inferior he devida á saliencia dos seios frontaes, e o observador pode enganar-se, julgando ser das faculdades receptivas, entretanto que tirando a medida, e fazendo a deducção dos seios, se convence do contrario, e acha esta parte com suas dimensoens ordinarias. Outras vezes quando os seios são muito pouco desenvolvidos, a parte superior, parecendo dominar a inferior, dá á entender grande predominio das faculdades reflectivas, apezar d'ellas estarem no seu estado natural de desenvolvimento. Quando há igualdade de crescimento entre os orgãos das faculdades perceptivas e reflectivas, as partes superior e inferior da testa ficão situadas no mesmo plano vertical levantado sobre a raiz do nariz, não tendo isto lugar em nenhum dos dous casos antecedentes. Os individuos, que apresentão esta conformacão de cabeça, são rectos, suas acçoens são conformes à razão e á moral, são amigos da verdade, sacrificão seus interesses ao bem geral, julgão com equidade as fraquesas e opinioens alheias, perdoão generosamente as offensas, são superiores á ingratidão e á perseguição, são finalmente homens modèlos de virtude e bondade. Este genero offerece tres especies secundarias.

1ª. *Especie.* As faculdades receptivas dominão as reflectivas, que são fracas. São as cabeças dos homens muito observadores, que amontoão muitos factos, muitos materiaes, porem que não os fecundão, e observão só pelo prazer de observar sem nada ou pouco concluir. Semelhantes individuos são uteis nas sciencias descriptivas, porque fornecem materiaes e muitos factos sobre os quaes outros edificão.

2ª. *Especie.* As faculdades reflectivas prevalecem, e as precedentes são fracas. São as cabeças d'aquelles homens, que achão pouco prazer nas experiencias e observaçoens sensiveis, e querem estabelecer as sciencias sobre theorias á *priori*, e especulaçoens metaphysicas. Assim suas obras são obscuras e recheadas de mil distinçoens, divisoens, e subdivisoens. Sirva de exemplo a metaphysica de Kant.

3ª. *Especie.* As duas ordens de faculdades estão igualmente desenvolvidas. Os individuos, que offerecem esta combinação, são os mais aptos para fazer avançar as sciencias, porquanto ao mesmo tempo que colhem pelas faculdades receptivas muitos factos, os fecundão pelas reflectivas, ligão huns á outros, remontão ás causas mais remotas dos phenomenos, e por deducçoens successivas e rigorosas descem á seus effeitos mais distantes. Hé desta maneira, que elles descobrem verdades novas, principios até então occultos e ignorados, e sobre elles edificão systemas scientificos, que nem sempre são comprehendidos por seus contemporaneos, que os tratão muitas vezes de visionarios, porque não podem acompanhar o elevado vôo de suas idéas.

2°. *Genero.* Os sentimentos dominão a intelligencia e os instinctos. Os homens desta organisação são todos sentimentaes, crédulos, reverentes, e muito dispostos ao fanatismo e á superstição. Se a esperança, a maravilhosidade, e a veneração, são muito desenvolvidas, e as faculdades reflectivas fracas, elles se tornão visionarios, mysteriosos, e de maneira tal, que muitas vezes acabão por se enlouquecer. Este genero offerece a combinação seguinte.

Especie unica. He quando as faculdades receptivas, e as chamadas theatraes, como a imitação, o maravilhoso, e a idealidade, são bem desonvolvidas, e combinadas com a fraquesa das reflectivas. He a organisação propria d'aquelles, que executão com toda perfeição as producçoens de outros em musica, pintura, ou arte dramatica etc. en-

tretanto que elles não são capazes de produzir a menor cousa. E com effeito o habil executor em musica pode ser huma nullidade em composição, de que ha numerosos exemplos.

3°. *Genero.* Os instinctos, ou funcçoens animaes, dominão a intelligencia e os sentimentos. São as cabeças dos malvados, assassinos, e salteadores de todo o genero, cuja vida he huma successão de crimes, e que, entregues á sensualidade e ao erro, tem sempre resistido aos bons exemplos e á educação. Cumpre porem não confundir com estes, aquelles que se tornão máos, impellidos pela miseria e circunstancias imperiosas. Quando a tendencia ao mal he o resultado do predominio dos orgãos das funcçoens animaes, ella já se faz sentir desde a infancia.

4°. *Genero.* Todas as faculdades estão no mais alto grão de desenvolvimento compativel com a especie humana. São as cabeças dos homens raros, extraordinarios debaixo de muitas relaçoens, e que se diz serem os mais perfeitos da nossa especie; bem que a perfeição completa da humanidade, como demonstramos na segunda parte desta these, não seja senão ideal. Quem ha neste mundo que não tenha deffeitos, e fraquesas! Estes homens raros, se occupão lugares eminentes na sociedade, e são dominados pela ambição, podem fazer a felicidade ou a desgraça da nação, á cujos destinos prezidem, segundo que empregão os seus talentos para o bem ou para o mal. Neste ultimo caso, unindo á huma vasta intelligencia todos os recursos, que ministrão as faculdades affectivas, elles poem em movimento todas as mollas do coração humano, amoldão-se, para não perder a popularidade, ás opinioens dominantes, até que possão dirigi-las, tirão proveito de todas as circunstancias, fazem nascer outras favoraveis á seus fins, seus amigos são todos aquelles, que os sustentão, e inimigos todos aquelles que os combatem, ou divergem de suas opinioens, são finalmente homens irresistiveis. Ainda mesmo desacreditados tarde ou nunca perdem a influencia, e sempre conseguem o que ambicionão, porquanto como nos governos livres os partidos se succedem e se batem, aquelle, que triumpha, chama á si o homem extraordinario, em cujos hombros pretende firmar a victoria, e, quando julga te-lo por instrumento, he por elle dirigido, e, pensando trabalhar á favor de suas idéas, não faz senão concorrer para que vinguem os projectos de hum só homem.

5.° *Genero.* Todas as faculdades são igualmente mediocres. Nesta classe se comprehende a grande maioria dos homens. O estado ordinario he o mais commum e geral. O genio he raro, e a natureza só o concede á certos escolhidos.

6.° *Genero.* Huma só faculdade he muito desenvolvida, sendo as outras mediocres. São as cabeças dos homens notaveis em hum só ponto, e nullos em tudos mais. A sociedade apresenta não poucos exemplos de individuos desta natureza. Assim huns se distinguem pela memoria das palavras, outros pela perfeita execução da musica, huns pela poesia, outros pela pintura ou artes mecanicas etc; porem tirai-os daqui, que elles são nullidades, ou pouca cousa em outra profissão. Estes homens são os proprios para observação, porquanto aquelles, onde tudo he igualmente desenvolvido, apresentão huma superficie lisa e sem proeminencia no craneo, pois que nenhum orgão predomina, e a desigualdade de seu crescimento he que constitue as elevaçoens e depressoens. He com cabeças desta natureza somente que os phrenologistas tem chegado á descubrir a posição respectiva dos orgãos, e quem quer observar em phrenologia não deve e nem pode seguir outro methodo.

O observador depois de estar bem ao facto destes seis generos de cabeça e suas significaçoens respectivas, depois de ter adquirido hum conhecimento exacto do volume

e configuração geral do cerebro, e apreciado as proporçoens relativas de suas tres regioens, deve applicar-se ao estudo de cada hum dos orgãos em particular. Neste exame procurará sempre casos extremos, isto he, começará por aquelles orgãos, que estejão mais desenvolvidos que for possivel, e deverá compara-los debaixo da mesma relação com os daquelles individuos, que os tenhão para assim dizer atrophiados: fará, por exemplo, a comparação do orgão da secretividede em Talleyrand com esse mesmo orgão em outro individuo, que nunca soubesse dissimular os seus sentimentos, o orgão dos numeros em Newton com seu identico n'aquelle, que para as mathematicas tenha a maior inhabilidade, os orgaos da musica em Rossini, da localidade no capitão Cook, da pintura em Raphael, e da poesia em Camões etc, etc, com esses mesmos orgãos n'aquellas pessoas que para estas differentes profissoens apresentem a maior imbecilidade. He só desta maneira que elle pode evitar erros e convencer-se da exactidão da phrenologia, e e hum dos erros mais graves nesta sciencia he começar o seu estudo pela observação directa dos mais pequenos orgãos, e de examina-los sem comparação. Para dar maior exactidão ao seu juizo, quando quizer comparar entre si diversos individuos, deve procurar saber; 1.° se seus temperamentos são iguães, e se elles gosão perfeita saude; 2.° se he regular o exercicio de suas faculdades; 3.° se o volume geral do cerebro he igual entre elles, excepto n'aquelles orgãos particulares entre os quaes quer instituir a comparação.

Quando quizer conhecer a potencia da manifestação das faculdades, deve attender, que ella depende de tres condiçoens indispensaveis, que são, 1.ª hum grande desenvolvimento do orgão, que se conhece por seu volume, 2.ª sua boa organisação, ou estructura, 3.ª o exercicio. Daqui resultão as seguintes proposiçoens; 1.ª de dous cerebros de igual volume, e ignalmente exercitados, manifestará com mais energia suas funcçoens aquelle, que for mais bem organisado, e cujas fibras gosarem de maior tonicidade; 2.ª se houver igualdade de volume e organisação, será o que tiver mais exericio, 3.ª se o exercicio e organisação forem iguaes, será o que for mais volumôso; 4.° de dous individuos comparados debaixo deste ponto de vista, será mais intelligente aquelle, cujo cerebro apresentar, ou estas tres condiçoens em hum mais alto grão, ou, *cœteris paribus,* huma dellas predominante. Estas leis são tão invariaveis, que a phrenologia desafia seus antagonistas, que apresentem hum só facto em contrario de hum individuo, em quem se encontre grande intelligencia coincidindo com sua transgressão; e, se o fizerem, ella lhes promette ceder de suas pretençoens, e dar-se por falsa.

O maior ou menor exercicio se conhece pela applicação mais ou menos assidua do individuo; a boa ou má organisação pela disposição geral do corpo; por quanto sendo toda a economia viciosa, fraca, cachética, he natural, que o cerebro, participando de iguaes alteraçoens, apresente sua estructura da mesma maneira viciosa. Quanto ao volume, elle he o resultado da extensão e largura. A extensão de hum orgão em particular se mede por huma linha tirada da medulla alongada, ponto de nascimento de todos elles, à sua peripheria no cerebro; mas como isto não he possivel, tomão os phrenologistas para ponto de partida o orificio externo do conducto auditivo, que, situado no mesmo plano que a medulla alongada, dá ás dimensoens organicas o mesmo grão de certeza. A largura he determinada pela expansão periphérica, pois he huma lei geral de physiologia, que a largura de hum orgão em toda a sua extensão está em relação com sua expansão na superficie. Segundo Spurzheim a disposição para huma acção frequente he o resultado do comprimento do orgão, em quanto que sua espessura lhe dá maior intensidade.

Para se calcular o volume geral do cerebro e suas relaçoens com os diversos gráos de intelligencia, eis aqui o processo de Gall: tire-se duas linhas, das quaes huma passe pelas partes mais salientes do frontal e occipital, e dê a medida da *circunferencia* da cabeça, e a outra vindo da raiz do nariz até a fossa do pescoço, ou a nuca, determine sua *peripheria*. Se a circunferencia tiver 11 para 13 pollegadas, e o peripheria 8 para 9, pode-se concluir que a massa cerebral he igual á quarta, quinta, ou sexta parte da de hum adulto bem constituido, e que com hum cerebro tão pequeno o exercicio regular das faculdades he impossivel, e o individuo desta conformação hade ser necessariamente idiota. Se a circunferencia tiver 14 para 17 pollegadas, e a peripheria 11 para 12, a massa cerebral será igual pouco mais ou menos á metade da das mais fortes cabeças. Com esta organisação ainda ha grande incapacidade e huma estupidez mais ou menos pronunciada. Se a circunferencia tiver 18 para 20 pollegadas, e a peripheria 13 para 14, a massa cerebral he igual á dos homens ordinarios. Com esta organisação o exercicio das faculdades he regular, e esta conformação he a que se encontra no commum dos homens. Todavia ainda he de grande mediocridade aquelle, cuja cabeça tem somente 18, e mesmo 19 pollegadas de circunferencia. Finalmente quando a circunferencia tiver 21 pará 22 pollegadas, e a periphera 15 pouco mais ou menos, a massa cerebral he a maior que comporta a especie humana. Este genero de cabeça só se encontra nos homens raros, de genio, e de talentos extraordinarios. Eis aqui em resumo as regras, sem as quaes não se pode bem observar em phrenologia, e quem as desprezar hade necessariamente commetter grandes erros. Cumpre agora livrar esta sciencia de huma accusação odiosa, que lhe fazem seus detractores.

A PHRENOLOGIA CONDUZ AO MATERIALISMO?

Que a phrenologia conduz ao materialismo, destróe os fundamentos da moral, da religião, e por conseguinte, sendo huma sciencia perigosa, não deve ser cultivada, taes são as armas, com que os inimigos da verdade a tem combatido, e procurado entorpecer os seus progressos. A tactica não he nova. Desde a mais remota antiguidade os adversarios de todo adiantamento dos conhecimentos humanos tem-se opposto ás novas descobertas e á propagação de principios uteis, principalmente se elles conduzem á grandes resultados. Quando se não pode destruir os fundamentos d'huma doutrina, procura-se, deduzindo consequencias perigosas e forçadas, apresenta-la de huma maneira odiosa e suspeita aos olhos da multidão credula e irreflectida. Tal he o estratagema dos hypocritas, que fazem guerra ás innovaçoens, bem que uteis, só por motivos de interesses particulares. Se todos os homens fossem de boa fé, e tivessem bastante coragem para desprezar seus prejuizos, elles serião mais felizes, e as sciencias estarião mais avançadas. Mas nada ha neste mundo de que se não faça hum escandalo, porem, segundo Gall, S. Bernardo dizia: «*que he necessario julgar differentemente do escandalo dos ignorantes e do dos pharizêos. Os primeiros se escandalisão por ignorancia, e os outros por malignidade, huns por que não conhecem a verdade, e outros porque a odeião.* «

Quando eu considero na opposição, que todas as sciencias encontrão no começo de seu desenvolvimento, vem-me á memoria dous pensamentos; ou que o estado de erro e prejuizo he o natural do homem, e o de sciencia forçado, (o que não he possivel, e o contrario devemos suppor mesmo para honra da especie humana) ou, (o que he mais pro-

vavel, senão certo) que he lei da natureza submetter as verdades novas á perseguição para que sejão melhor estabelecidas. E com effeito, quem huma vez chegou á tirar do nada qualquer verdade de importancia, apresenta hum peito de aço ás agudas e hervadas settas d'aquelles, que fazem opposição, ou por inveja de não serem os authores da nova doutrina, ou porque sentem, que esta vem desmoronar os systemas fantasticos por elles formados, ou em que já estão encanecidos. Mas em fim vejamos se com effeito he, ou nao fundada á accusação, que se faz á phrenologia.

Esta sciencia não especula; como as outras sciencias physicas, ella apresenta factos e observaçoens sobre os quaes estabelece suas theorias. Ora ou estes factos e observaçoes sao falsos, ou verdadeiros; se falsos, elles não podem conduzir ao materialismo, e nem tão pouco ser nocivos á moral, e á religião; porquanto a falsidade, e o erro, tendendo por sua mesma natureza à sepultar-se no nada, e no esquecimento, não podem de maneira alguma prejudicar aquillo, que se funda na verdade e nas leis invariaveis do coração humano· mas se são verdadeiros, a sciencia, que os apresenta, não pode ser perigosa á estes sagrados objectos; porque de hum principio verdadeiro he impossivel deduzir-se huma consequencia má, e o que he innocente em sua origem não se torna nocivo nas applicaçoens. Não ha verdades uteis, e verdades nocivas; todas ellas são uteis. O abuso inseparavel dos homens, e não a verdade, he a unica origem de nossos males. « *Tudo he hum bem*, diz Rousseau no seu Emilio, *sahindo das mãos do author da natureza; tudo degenera entrando nas mãos do homem.* » Dado, mas não concedido, que a phrenologia conduzisse ao materialismo, deveriamos por isso dar por falsos seus principios, e rejeitar os factos, que apresenta? He por ventura nossa razão, ou nossa vontade, quem determina a verdade ou falsidade, a innocencia ou a maldade das cousas? « *Huma verdade perigosa*, diz Charles Bonnet, *não deixaria por isso de ser huma verdade: o que he, he; e nossas concepçoens, que não podem mudar o estado das cousas, devem-lhe ser conformes. O entendimento não crea nada; elle contempla, o que está creado; e contempla o aconito, como a genciana; e a serpente, como a pomba.* » Se, a pezar das razoens expendidas, ainda se pretenda em boa logica, que a phrenologia conduza ao materialismo, e se toda a sciencia deve ser considerada como a verdadeira interpetração da natureza, então diga-se que o materialismo he a constituição da natureza; e que a phrenologia he perigosa porque faz conhecer esta constituição; pois segundo Juvenal,

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit.

A significação da palavra — *materialismo* — he tomada em hum sentido mais, ou menos extenso. No primeiro, que se identifica com o atheismo, entende-se o systema, ou a opinião d'aquelles, que não admittem outra existencia que a da materia necessaria e eterna. Se alguem ha que ainda adopte tal absurdo, não sao certamente os phrenologistas, e nem a sciencia, que professão, conduz á tão funestos resultados. Quem haverá, que reflectindo sobre a boa ordem, harmonia e exacta proporção, que reinão entre todas as partes do universo, desde a materia mais grosseira até o animal mais perfeito, e intelligente, desde o planeta menos importante até o astro luminôso, deixará de reconhecer huma intelligencia infinita, hum Deos creador e ordenador de tudo? Nada ha neste mundo isolado; todas as cousas estão ligadas; Os meios estão com os fins, a natureza animada com a inanimada, os entes vivos huns com os outros, todos os glóbos finalmente, que girão nesses espaços infinitos, onde a imaginação se perde, guardão entre si justas relaçoens, e obedecem às leis invariaveis das forças centripeta, e centrifuga. Ora sem huma causa de todas as causas, sem hum ordenador de todas as ordens, sem hum principio de todos os principios, sem hum Deos finalmente, estas maravilhas alem de inexplicaveis, serião incomprehensiveis. « *Se Deos não existisse*, diz Voltaire, *necessario era inventa-lo*; »

Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer.

Em hum sentido mais limitado, entende-se por materialismo, quando se sustenta, que o homem nao he composto de corpo e alma, e que todos os phenomenos, que se attribuem á esta, são o resultado da combinação e das formas da materia. Ainda neste ponto não cabe á phrenologia tal inculpação. Ella reconhece que existe em nós hum ente que prezide ao pensamento. Que elle seja chamado alma, espirito, principio pensante, pouco lhe importa, e nem he de sua attribuição tratar da essencia desta substancia em particular, pois isto pertence aos theologos. O que ella diz e demonstra he que a alma, ou o principio pensante, seja qual fôr a sua natureza, não pode manifestar suas funcçoens, senão por meio de hum instrumento material, *o cerebro*. Se isto he assim, se com effeito as manifestaçoens affectivas e intellectuaes do homem estão em relação com a organisaçao de seo cerebro, por mais que se opponha á esta verdade, ella não será anniquillada senão pela causa omnipotente, que a estabeleceo, e a sciencia, que reconhece e ensina este facto, cuja existencia he independente de sua vontade, não pode conduzir ao materialismo, e ser nociva á moral e á religiao. Sé dizer que a alma necessita de hum instrumento material para tornar possivel o exercicio de suas funcçoens, he estabelecer o materialismo, materialistas são muitos padres da Igreja e theologos respeitaveis, que reconhecerão este facto, materialistas sao todos os physiologistas, que sem a organisação não podem explicar as funcçoeus da economia animal, em cujo numero entrão igualmente as faculdades intellectuaes, materialista he finalmente a mesma Divindade, que assim nos organisou, que fez toda natureza, e sujeitou todos os entes animados á mesma lei. Se o principio, que em nós pensa, he huma creação immediata da Divindade, e se he innegavel que elle está unido ao corpo, esta união deporia contra os calculos da Sabedoria eterna, se houvesse entre estas duas substancias huma absoluta independencia. Mas hoje os mesmos adversarios da phrenologia reconhecem que o cerebro he o instrumento d'alma. O que elles não podem levar á bem he, que esta sciencia admitta, não o cerebro em massa, mas hum orgão particular para cada faculdade determinada. Que tem demais que outra esta doutrina para a questão do materialismo? Não há objecção mais futil, mais trevial e menos digna mesmo de merecer huma resposta, como esta. Que o cerebro seja considerado como unico e homogeneo, ou composto de 35 ou 37 orgãos distinctos, deixa acaso de ser huma substancia material, de ter o mesmo pezo, o mesmo volume, a mesma massa e a mesma densidade? Se a mão direita nascesse com os cinco dedos unidos, seria por este facto menos material, que a esquerda que os trouxesse livres? A alma para tomar conhecimento dos objectos exteriores não se serve de hum, mas de cinco sentidos differentes, e lhe he impossivel empregar o apparelho visual para ouvir, e o auditivo para vêr. Ora se a diversidade de instrumentos materiaes para as differentes funcçoens sensitivas não conduz ao materialismo, a doutrina, que exige igualmente huma diversidade de orgãos cerebraes para as differentes operaçoens da intelligencia, o conduziria? O principio, que julga, quer, e raciocina, não he o mesmo, que vê, ouve, cheira, e gosta? Retorquindo o argumento eu direi que mais materialistas são aquelles, que sustentão a doutrina contraria ao systema da pluralidade, porque neste caso elles vem admittir huma maior massa organisada para exercer qualquer operação intellectual. Demais o cerebro tomado na extensão geral da palavra, pondo mesmo de parte outros orgãos bem distinctos, he composto de dous hemispherios, do cerebêllo, do corpo callôso, e do mesocephalo. Ora que sahida darão á estas cinco partes bem distinctas, de que se compõe a massa encephalica, aquelles, que sustentão o systema da unidade cerebral? Certo, queirão, ou não queirão, elles são forçados á confessar, que pelo menos cinco orgãos differentes entrão simultaneamente em actividade para exercer a mais ligeira operação da intelligencia, o que em verdade he serem cinco vezes mais materialistas do que os que admittem hum só orgão para cada faculdade determinada. Quem para combater huma doutrina serve-se de objeçoens tão miseraveis, atraiçôa a fraqueza de seus argumentos, e dá sinaes ou de má fé, ou da maior ignorancia da anatomia, physiologia, e das leis, que regem o corpo humano. Que se não confunda os instrumentos com a alma, nem as funcçoens com as faculdades, que sao suas causas, e, certo, não se dirá mais que a phre-

nologia estabelece o materialismo, o qual não pode ser admittido senão quando se demonstrar rigorosamente que a alma possue todas as qualidades da materia. Os musculos sao a condiçao material do movimento, mas nao são a faculdade locomotora; os aparelhos da visão, audição e gustação, são os instrumentos materiaes destas funcçoens, mas não são certamente a faculdade de vêr, ouvir, e gostar. Da mesma maneira o cerebro he a condição material, sem a qual não pode ter lugar a manifestação de nossas faculdades intellectuaes, de nossas idéas e pensamentos, mas concluir deste facto, que o ente que quer, e que pensa, he o cerebro, ou que o cerebro he o ente, que quer e que pensa, he hum dos maiores absurdos, he como se dissesse que o estomago he a funcção, que digere os alimentos, o figado a funcção, que secreta a bilis; os musculos a faculdade de se mover, e o olho a faculdade de vêr. Ora ha por ventura maior absurdo, e mais revoltante inconsequencia?

A questão do materialismo ainda he apresentada debaixo de outro ponto de vista, e então pergunta-se: he material ou espiritual a natureza do principio pensante? temos algum meio de a conhecer? Seja qual fôr a opinião do homem sobre este ponto, ella não pode mudar a natureza essencial da substancia intelligente. Material, ou espiritual, ella tem existido, existe, e existirá até a total extincção da raça humana. Nossas opinioens e discussoens sao sem influencia sobre suas propriedades e faculdades, e ella as manifestará e conservará sem alteração alguma, quer se escreva pro, quer contra. Se o author da natureza lhe tem destinado huma existencia sem fim, ella persistirá por toda extensão dos seculos; porem se existe nos calculos do Omnipotente extingui-la conjuntamente com o corpo, todas as nossas conjecturas e argumentos, todas as decisoens e assersoens dos philosophos antigos e modernos não augmentaráõ hum só millesimo de tempo á sua existencia. Por conseguinte a mortalidade, ou immortalidade da substancia intelligente depende da vontade do Eterno, e não de ser ella espiritual ou material. O contrario disto involve hum ataque formal contra a Omnipotencia divina; pois he suppo-la habilitada á tirar do nada para a existencia a alma, e ao mesmo tempo impossibilitada de a reduzir ao mesmo nada, donde sahira.

Os dous unicos meios que temos para conhecer qual a natureza do principio pensante isto he, a *observação* sobre o que se passa nos outros, e a *consciencia intima* de nossas proprias operaçoens, são improficuos. Nossa vista não he tão penetrante que possa traspassar as capas osseas e membranosas do cerebro para ahi observar e descobrir a substancia, que no estado de vida prezide á intelligencia, e mesmo quando os invólucros cerebraes fossem transparentes nós não poderiamos nunca conhecer sua natureza, e nem tão pouco as estreitas relaçoens, que unem suas operacoens com a massa cerebral, pela mesma razão que não podemos saber qual o mecanismo, ou a acção vital pela qual os demais orgaos da economia exercem suas funcçoens.

O mesmo acontece á respeito da consciencia. Reflectindo sobre nossas operaçoens intellectuas nós não sentimos se he huma substancia èsperitual, que produz, elabora nossas idéas e pensamentos, e nem tão bem se he a materia, que produz os mesmos effeitos. Sò sentimos o exercicio de certos actos, à cujas causas damos o nome de faculdades intellectuaes; mas ignoramos, e ignoramos completamente, se elles resultao do espirito, ou da materia; se Deos, creando o homem, dotou seus orgãos da faculdade de pensar, ou se o primeiro germen do pensamento, antes de fazer parte do nosso sêr, existia no nada, ou vagava como substancia ethèrea nas regioens elevadas do espaço. He inconcludente o argumento, que parte da simplicidade e indivisibilidade de nossas operaçoens mentaes para a espiritualidade da substancia, que as produz. As forças attractivas e repulsivas dos corpos, a gravidade, a cohesão, as affenidades chimicas a elastidade etc. etc. são igualmente simplices e indivisiveis; e, certo, ninguem concluirá deste facto para a espiritualidade da materia. Por conseguinte a questão de saber, se a natureza do principio pensante he material, ou immaterial, he impossivèl de resolver-se, e nem nos convem incetar questoens insoluveis, donde só podem resultar erros e males, e não verdades e bens. Não nos he dado conhecer a essencia das cousas. No estudo dos entes da natureza nós sò observamos as apparencias e as mudanças sensiveis sem podermos muitas vezes conhecer a causa pri-

meira em virtude da qual estas apparencias tem lugar e porque se operão estas mudanças. Alem disto tudo he noite para nós e espêssas trevas. Mas o homem he orgulhoso. Como que envergonhado de circumscrever-se dentro da estreita e limitada orbita de suas faculdades, elle arroja-se atrevido á querer saber aquillo, que estará sempre fóra do alcance de sua curta intelligencia, e eis a origem inexgotavel de seus erros. Assim o maior beneficio, que a Divindade poderia fazer ao homem, era impossibilitar o exercicio de suas faculdades logo que elle quizesse traspôr os limites, alem dos quaes não lhe he dado passar. Então poder-se-hia affirmar que não haverião erros no mundo, ou elles serião em muito pouca quantidade. O que huma mulher na antiga Grecia disse á Thalis de Mileto por occasião deste levar hum tombo, quando contemplava os astros, he digno de ser meditado e gravado na memoria de todos: « *como conhecerias tu o Ceo,* disse ella ao philosopho, *pois que tu não vês a terra diante dos teus pés?* »

Tenho-me pronunciado com alguma franquesa sobre esta questão. Não he meu fim negar a existencia de huma alma espiritual, para o que não tenho razoens nem pró, nem contra, e ninguem concluirá, que se nega a existencia de hum ente qualquer, quando se diz que se ignora qual he sua natureza e essencia.

Concluindo este artigo julgo ter demonstrado, que seja qual for o ponto de vista, debaixo do qual se considere a phrenologia, ella não pode conduzir ao materialismo, e nem tão pouco destruir a crença da immortalidade d'alma e ser por conseguinte nociva à moral e á religião. Certo, ninguem tirará della hum só corollario, em virtude do qual se veja authorisado à dizer, que:

Post mortem nihil est, ipsaque mors nihil;

Como nos diz Voltaire, que no theatro de Roma cantava o chôro na tragedia de Tròades. Agora he facil conhecer quanto he injusta a opposição, que se faz aos progressos desta sciencia. Mas isto não nos deve admirar, pois tal he a sorte do todas as sciencias novas. O homem tem huma predilecção supersticiosa para tudo quanto he antigo quer nas artes, quer nas sciencias. Dizei ao povo que elle póde melhorar o seu trabalho, apresentai ao lavrador hum novo instrumento para rotéar a terra, elles preferirão hum processo mau, só porque he antigo á outro melhor só porque he novo; elles dirão sempre que tal foi a practica de seus maiores. Da mesma maneira huma doutrina nova, mas verdadeira, custa á destruir outra antiga, bem que falsa. Os homens huma vez chegados á certa idade não despresão mais as idèas recebidas, seja qual fôr a importancia das razoens contrarias; eis porque os velhos fazem sempre opposição às innovaçoens. Como elles não podem mais mudar sua maneira de pensar e sentir, não só não apprendem como muitas vezes não querem que outros apprendão. He a mocidade, que limpa de prejuisos procura anciosa e desenvolve os conhecimentos novos e originaes. Felizmente para as sciencias os homens morrem; as geraçoens se succedem; e debaixo deste ponto de vista a morte he hum dos principaes elementos de progresso. De outra maneira, ou era necessario perpetuar a mocidade ou tudo seria estacionario. Pode-se dizer, que a geração actual he velha para receber as idèas phrenologicas. Assim esta sciencia ainda encontrará muitos oppositores; mas se a verdade tem por essencia o triumpho, ella hade triumphar, e o tempo, que tudo julga, mostrando a incapacidade de todos os systemas philosophicos para explicar a natureza do homem, fará que hum dia a phrenologia se torne a sciencia das sciencias.

CONCLUSÃO.

Escrevendo sobre esta materia, era minha intenção dar huma idèa ao menos approximada da phrenologia. Terei alcançado este fim? Não posso ser juiz. Trez artigos ainda erão indispensaveis para que esta these ficasse menos incompleta, e cuja extensão já não pequena obrigou-me à supprimil-os. O 1° versava sobre a maneira, pela qual os phrenologistas explicão as faculdades chamadas philosophicas, como percepção, attenção, memoria, juizo, raciocinio etc. etc. visto que elles as considerão como modos geraes de actividade communs á aquellas, que elles descrevem somente como primitivas e fundamentaes; o 2° sobre a anatomia do cerebro encarada debaixo do ponto de vista phrenologico, e segundo os trez systemas de Gall, Foville, e Broussais; o 3° sobre o modo com que a phrenologia explica a diversidade infinita de caracter, e das acçoens humanas pelas proporçoens variadas de desenvolvimento em volume, actividade, e educação, que os orgãos guardão entre si. Como para dar huma idèa exacta sobre estes pontos era-me necessario entrar em detalhes incompativeis com huma these jà bem extensa, preferi antes supprimil-os do que dar à tal respeito noçoens incompletas, ficando livre ao leitor recorrer ás obras especiaes nesta materia.

Duas grandes questoens, ou antes, duas grandes difficuldades occupão os phrenologistas. A primeira consiste em determinar o numero exacto das faculdades primitivas e fundamentaes do homem; a segunda em procurar a séde d'aquellas faculdades, cujos orgãos situados na superficie interna dos hemispherios ou na base do cerebro não se podem tornar sensiveis á vista ou ao tacto, visto que elles por seu maior ou menor volume não podem determinar elevaçoens ou depressoens no craneo. No meu conceito a segunda difficuldade he mais apparente que real, e sua destruição he facil, destruida a primeira. Por quanto se houvesse huma estatistica exacta de todas as faculdades primitivas do homem, deduzindo-se desse numero todas aquellas, cujos orgãos estão situados na superficie do cerebro, as restantes deverião necessariamente pertencer á aquelles orgãos, cuja situação existe nos dous lugares já mencionados. Isto posto, todas as vezes que hum individuo qualquer se tornasse notavel por huma faculdade desta segunda classe, se deveria procurar seu orgão respectivo ou na superficie interna dos hemispherios ou na base do cerebro, analysando, comparando, e medindo com a maior attenção possivel as proporções relativas de desenvolvimento em volume de todas as circumvoluçoens situadas nesses dous lugares; e assim comparando e agglomerando muitos exemplos positivos e negativos poder-se-hia chegar ao maior grào possivel de evidencia. He evidente que esta analyse organica não poderia ser feita senão depois da morte do sujeito, visto ser ella impossivel durante sua vida, na qual só se poderia conhecer a energia da faculdade. Não acontece outro tanto com o primeiro problema, cuja resolução he mais difficil. E com effeito como o unico meio, que temos para determinar a natureza e o numero das faculdades primitivas do homem, he suas acções e seos differentes caracteres, e como estas acções e seus differentes caracteres são quasi sempre complexos, isto he, o resultado da combinação de duas, trez, quatro, ou mais faculdades fundamentaes, complexidade tanto mais consideravel, quanto mais elevadas são as funcçoens da intelligencia, he na verdade não

pouco difficil em hum acto qualquer distinguir o que ha nelle de primitivo, e accidental ou modificado; por quanto como ha orgãos auxiliares e antagonistas, e elles não se exercem quasi nunca isoladamente, a impulsão ou a tendencia primitiva deve necessariamente modificar-se logo que elles entrarem em operaçoens combinadas. Porem esta difficuldade não he tão grande que se não possa vencer tendo bem em vista os caracteres distinctivos, que dei na introdução da 3.ª parte.

Outros pontos havia ainda à tratar, e que mostrão a grande importancia e utilidade da phrenologia, como são suas numerosas applicaçoens à educação da mocidade, à legislação criminal, ào julgamento dos criminosos, ao melhoramento das prizoens, e casas de correcção etc. etc. Mas he isto materia para ser tratada em hum escripto da natureza deste? e a empresa alem disto não era ella superior ás minhas forças? *Non omnia possumus omnes.*

FIM.

Esta These está conforme com os Estatutos.

Dr. Manoel de Valladão Pimentel.

DESPEDIDA AOS MEUS COLLEGAS AMIGOS, E COM MUITA ESPECIALIDADE AOS MEUS AMIGOS DO 6°. ANNO.

AMIGOS!

Se o acaso nos unio, a imperiosa força das circumstancias nos sepára; tal he a contingencia da vida humana! Quem ha, que, escravisando à si as vicissitudes, os caprichos do tempo e da fortuna, poderà dizer ufano, « eu vivirei em tal paiz, terei tal residencia, alcançarei estes e aquelles meios de vida, existirei na obscuridade ou fòra della, passarei só dias venturosos, e nunca de afflicção! » Certo, o homem he o ludibrio das circumstancias; mas seja qual fôr o destino, que a sorte me depare, seja qual fôr o lugar para onde imprevistas causas me arremessem, podeis contar com a minha amisade. Meu coração não terà para com vosco variações, e se alguma fôr possivel, serà para mais vos amar, se com effeito ainda he capaz de se engrandecer hum amor que já toca os limites da grandeza. Se em recompensa eu contar com a vossa estima e consideração, terei alcançado o que desejo; he quanto basta para quem se preza de ser sensivel.

VOSSO COLLEGA E AMIGO

D. M. de A. Americano.

PROPOSIÇOENS PHRENOLOGICAS.

I

Todos os phenomenos do mundo material são primitivamente effeitos da combinação e da forma das partes elementares, e não existe força ou qualidade sensivel sem materia.

II

Existèm tantas forças ou qualidades differentes, quanto ha de principios elementares differentes, e quanto suas combinações e suas fórmas differem; consequentemente deve-se inferir de huma organisação differente qualidades differentes, e de qualidades differentes huma differente organisação.

III

As forças ou as qualidades dos principios elementares, assim como as qualidades, que resultão da diversidade de suas combinações, de suas fórmas, e de suas relações, não podem ser conhecidas senão pela experiencia.

IV

Todos os phenomenos da materia vivente não podem ser attribuidos aos nervos; nos animaes mais perfeitos, sobre tudo, os nervos contribuem para a nutrição, a digestão, a respiração, a producção do calor etc. ; porem elles não executão sós estas operações.

V

Cada systema nervoso parcial tem suas funcçoens particulares, posto que elles exerção todos huma influencia reciproca, e que sejão todos mais ou menos subordinados huns aos outros.

VI

Todos os systemas nervosos podem debaixo de certas condiçoens produzir sensaçoens no cerebro; porem todos não podem ser empregados no movimento voluntario.

VII

Todos os systemas não transmittem todas as irritaçoens ao cerebro; porem cada systema recebe e transmitte principal e especialmente tal ou tal irritação.

VIII

Os ganglios e os plexos não embaração nem em totalidade nem em parte a acção reciproca do cerebro e dos outros systemas nervosos.

IX

As funcçoens de cada systema nervoso em particular não se manifestão senão em proporção de seu desenvolvimento.

X

A potencia de cada systema está na razão directa de seu desenvolvimento.

XI

A pluralidade dos orgãos, que são necessarios para hum fim commum, não exclue a unidade de sua acção; assim huma vida tem lugar com muitos orgãos, e huma só vontade com muitos instrumentos do movimento voluntario.

(Vide anatomia do cerebro e do systema nervoso por Gall, e Spurzheim).

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I

Cum morbus in vigore fuerit, tunc vel tenuissimo victu uti necesse est. Secç. 1., Aph. 8.

II

Sommus, vigilia, utraque modum excedentia, malum. Secç. 2., Aph. 3.

III

Ubi somnus delirium sedat, bonum. Secç. 2. Aph. 2.

IV

Duobus doloribus simul obortis, non in eodem loco, vehementior obscurat alterum. Secç. 2., Aph. 46.

V

Frigida, velut nix, glacies, pectori inimica, tusses movent, sanguinis eruptiones ac catarrhos inducunt. Secç. 5., Aph. 24.

VI

Ad extremos morbos extrema remedia exquisite optima. Secç. 1., Aph. 8.